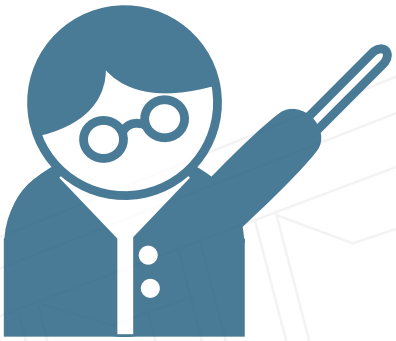
1º Semestre

Comunicação e Expressão

Análise e Desenvolvimento de Sistemas
1º semestre

IMPACTA

1. Introdução à Comunicação e Expressão.....8
2. História da Comunicação 14
3. Linguagem.....24
4. Mitos.....39
5. Tipos Textuais.....47
6. Variedades Linguísticas.....59
7. Intencionalidades.....70
8. Organização Textual.....80
9. Inadequações.....96
10. Vícios de Linguagem.....144
11. Tipos de Redação.....172
12. Trabalhos Acadêmicos.....197
13. Referências.....221

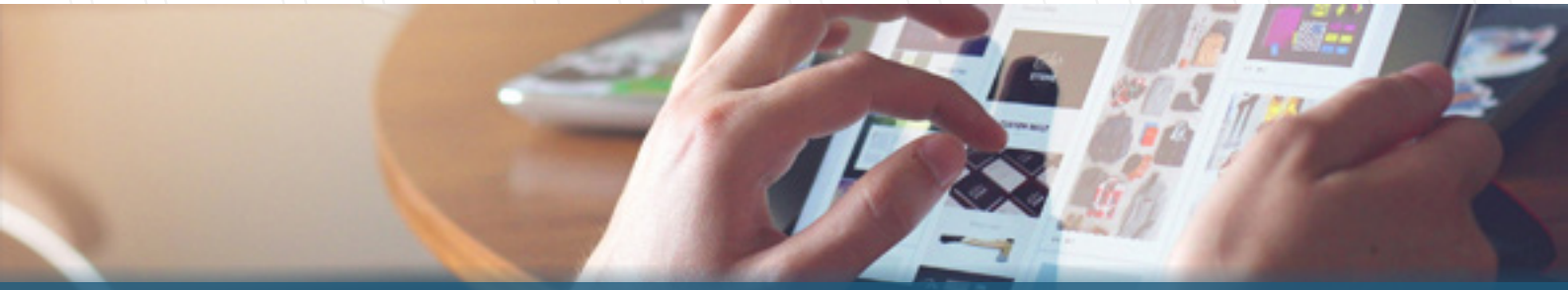


O professor

Profa. Dra. Giselda Pereira é conteudista e tutora da Faculdade Impacta. É doutora em Letras pela Universidade Presbiteriana Mackenzie e bacharel em Filosofia pela Universidade de Campinas (UNICAMP) e Mestre Linguística Aplicada ao Português pela Universidade de São Paulo (USP). Também é professora e coordenadora do curso de Português e Cultura Brasileira para o Council on International Educational Exchange (Ciee), professora de Português-Língua Estrangeira (PLE) no Cet Academic Program e para os estudantes de intercâmbio na Faculdade Getúlio Vargas. É coordenadora pedagógica do Instituto Adus com o qual desenvolve pesquisa sobre o Português como Língua de Acolhimento (PLAc).
giselda.pereira@impacta.edu.br

Profa. Me. Andrea Volante é tutora da Faculdade Impacta. Mestre pela Universidade de São Paulo (USP), na área de Educação, com trabalho pioneiro defendido sobre o uso de metodologias lúdicas no ensino de Língua Portuguesa. Formada pela USP com dupla graduação - Letras e Rádio e TV – e licenciada em Português. Professora com experiência nas disciplinas de Língua Inglesa e Portuguesa. Foi coordenadora em escolas de idiomas. Bolsista do curso de Desenvolvimento Criativo ("Pattern in Stories") na Santa Fe University, Estados Unidos, por meio de bolsa concedida pela rede de universidades Laureate. Como professora e coordenadora, atingiu excelentes resultados, tanto pedagógicos, quanto administrativos, agraciada pelos prêmios "Excelência na Gestão Escolar", "Dream team" e "Teacher's contest".
andrea.costa@impacta.edu.br

Profa. Dra.Gláucia Jacuk é tutora da Faculdade Impacta. Com formação em Letras, Especialização em Língua e Literatura Portuguesa e Brasileira, é Mestre e Doutora em Comunicação, atua em Instituições de Ensino Superior desde 2005. Participa de Grupos de Pesquisa que envolvem aspectos da Mídia, Cultura e Identidade. Ministra aulas na Impacta em diversos cursos, destacando a importância da comunicação para uma formação ampla e para o exercício pleno da profissão e da cidadania.
glaucia.herman@impacta.edu.br



Apresentação

Comunicação e Expressão pressupõe o uso da língua e de técnicas de argumentação e persuasão. Melhorar o processo comunicativo é de extrema importância para qualquer profissional. Entretanto, uma considerável parcela dos estudantes não detém o conhecimento básico e esperado para uma boa comunicação, seja pela ausência de concisão e coerência, redundância ou inadequação gramatical. É frequente a dificuldade de se expressar, instruir, demonstrar o próprio conhecimento técnico por meio de apresentações orais ou escritas. Assim, a disciplina é fundamental para que os estudantes possam aprimorar seus conhecimentos e superar as barreiras da linguagem, tornando-se bons comunicadores e, consequentemente, profissionais melhores.

Objetivos

Conscientizar sobre a importância do processo comunicativo. Entender os conceitos relacionado à lingua, à linguagem e à comunicação. Entender as regras de produção e compreensão textual. Reconhecer e produzir diferentes tipos de textos, reconhecendo variedades e registros. Relembrar as mais importantes regras da gramática normativa.

Competências da disciplina

O/A estudante será capaz de: produzir textos orais e escritos com os princípios de coesão e coerência, objetividade, concisão e clareza; reconhecer e dominar regras gramaticais, localizando erros e corrigindo-os; sintetizar ideias em tópicos e redigir textos para diferentes públicos.

Capítulo 1 - Introdução à Comunicação e Expressão

1. Introdução à Comunicação e Expressão

Comunicação e Expressão... Como assim? Para quê? Por quê?

Muitas pessoas da área de Tecnologia da Informação (TI) ainda não percebem a importância da Comunicação no desenvolvimento de seus projetos. Continuam a pensar que conhecer ferramentas e tecnologias é suficiente para ter sucesso no mercado de trabalho.

Imagem 1 – Fonte: Vida de programador. Disponível em: <http://vidadeprogramador.com.br/2013/05/02/acesso-a-base-de-dados/>. Acesso em: 21/07/2013.

Provavelmente, você riu da charge e percebeu que o sujeito de camisa branca não tem muitos conhecimentos sobre a área de TI. Apesar de engraçado, uma comunicação malsucedida pode comprometer um projeto ou o trabalho.

É preciso preocupar-se com as barreiras da comunicação desde o uso de jargões técnicos – ao se tratar, por exemplo, com um cliente leigo em TI – até a linguagem inadequada para um ambiente corporativo.

Então, estamos falando de comunicação?!

A palavra “comunicação” é usada em muitos sentidos. Qual é o seu?

Quando tomamos a palavra no dicionário, descobrimos, pela terminologia, que:

Comunicação é uma palavra derivada do termo latino “communicare”, que significa “partilhar, participar algo, tornar comum”.

A Expressão, por sua vez, é entendida como:

1. manifestação do pensamento por meio da palavra ou do gesto.

2. ênfase, entonação especial. [...]

ETIM lat. expressĭo,ōnis, rad. de expressum, supn. de exprimĕre ‘espremer, representar, exprimir, enunciar claramente’

Fonte: <http://www.dicio.com.br/expressao/>.

Isso nos leva a concluir que os termos Comunicação e Expressão têm um forte vínculo. A troca de informações pode ocorrer de diferentes maneiras e por diferentes meios. O e-mail, ou correio eletrônico, é um meio comum que permite o envio de diversas vias comunicativas como textos, imagens, vídeos etc.

Quando se trata de uma comunicação abrangente fazemos referência à comunicação em massa, e quando se trata a uma comunicação individual, como o envio de e-mail, chamamos de comunicação interpessoal.

Tomando o exemplo do e-mail, é fácil compreender a sua importância. A mensagem circula com grande velocidade, que a recebe é facilmente encontrado etc. Vamos refletir um pouco mais sobre a importância da comunicação.

Por que devemos pensar sobre a Comunicação?

Comunicação está em toda parte?

Em toda e qualquer fonte de conhecimento, podemos perceber a importância da Comunicação.

Na figura anterior identificamos as mais diversas disciplinas, e nos é fácil descrever como a Comunicação faz parte de todas ela e como é importante, não é mesmo?

É por meio da Comunicação que partilhamos o que pensamos, aquilo que somos. Através da Comunicação nós nos fazemos entender e entendemos os outros. Essa troca de informações se dá pelo uso de sistemas simbólicos, e com uma troca eficiente e clara, garantimos qualidade na interação.

Seja na vida pessoal ou na vida empresarial, as informações produzidas e transmitidas causam impacto e por isso é importante conseguirmos realizar uma comunicação eficaz.

A comunicação faz parte da estratégia de negócios das empresas e das políticas das instituições. Assim, comunicar não é apenas transmitir informações, mas imprimir significados.

Pensemos um pouquinho sobre os diferentes meios de comunicação.

Você consegue citar alguns meios de Comunicação? Qual é meio que você mais usa?

Os meios de comunicação podem ser:

- Audiovisual: cinema, televisão;

- Escrita: diários, jornais, revistas etc.;

- Hipermídia: CD-ROM, Internet etc. (o que aplica a multimídia em conjunto com a hipertextualidade);

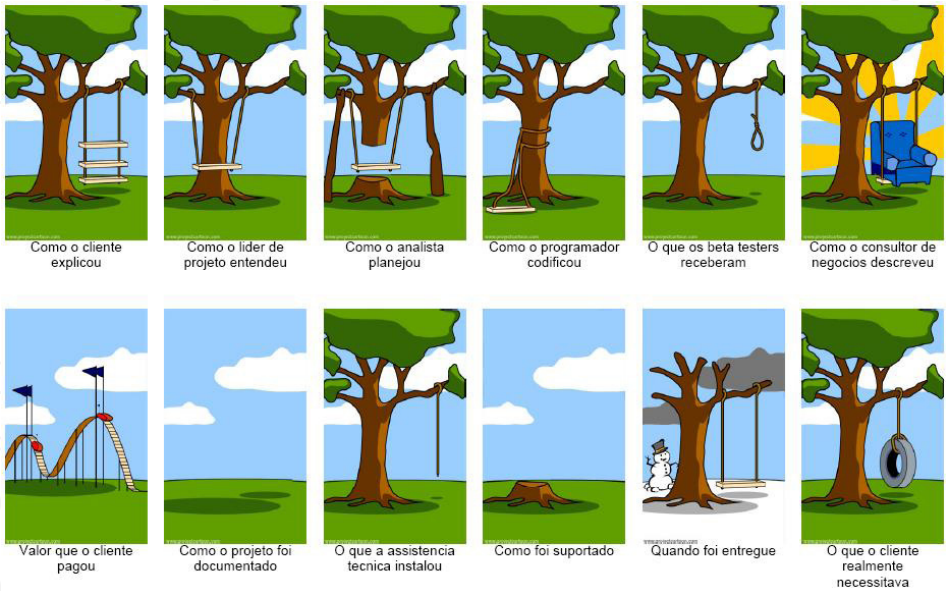
- Multimídia: diversos meios simultaneamente usados;

- Sonoro: Podcast, rádio, telefone etc.

Hipertextualidade é a produção coletiva do conhecimento. Fóruns de discussão e blogs são exemplos. A ideia foi manifestada pelo matemático e físico **Vannevar Bush** através do dispositivo "Memex".

O termo **hipertexto** foi criado por **Theodore Nelson** na década de 70 para denominar a forma de escrita/leitura não linear pelo sistema "Xanadu".

Um bom exemplo dos problemas de comunicação é a figura abaixo, bastante conhecida e veiculada nas mídias, na qual vemos que as falhas, os desentendimentos comunicativos levaram ao fracasso de um projeto de TI.



De acordo com o Estudo de Benchmarking em Gerenciamento de Projetos de 2012, 76% das empresas acreditam que a falha na comunicação é o principal motivo para os projetos fracassarem. Ainda segundo esse estudo, cerca de 58% das organizações participantes indicam a comunicação como uma habilidade necessária e a mais valorizada ao gerenciar projetos nas organizações.

Você sabia que *Benchmarking* é uma técnica que consiste em observar processos de uma organização corrente ou não, classificadas como líderes nas práticas e processos em que se deseja melhorar, com o intuito de trocar experiências para a melhoria dos processos de trabalho?

O Estudo de *Benchmarking* em Gerenciamento de Projetos Brasil é resultado do trabalho integrado de todas as seções brasileiras do *Project Management Institute* (PMI) e representa a mais importante referência disponível sobre o mercado brasileiro de gerenciamento de projetos, para profissionais, organizações, universidades e estudantes de todo o país.

Fonte: <http://pmi-rio.ning.com/page/benchmarking-1>.

Pensemos agora por que os problemas com a Comunicação acontecem? Como acontecem esses problemas?

Para Ronald Adler e George Rodman (Comunicação Humana), especialistas norte-americanos, o processo de comunicação não é um processo linear; é um processo transacional, em que os participantes criam um relacionamento ao enviarem e receberem mensagens, as quais são, muitas vezes, distorcidas por vários tipos de ruídos.

Durante a comunicação entre duas pessoas (A e B), o processo é permeado por uma série de mensagens:

- O que A deseja dizer;
- O que A realmente diz;
- O que B ouve;
- Aquilo que B supõe ter ouvido;
- Aquilo que B deseja dizer;
- Aquilo que B diz;
- O que A realmente ouve;
- Aquilo que A supõe ouvir B dizer.

A maioria dos erros comunicativos ocorre pela falta de conhecimento prévio sobre o interlocutor. É este conhecimento que fará o emissor da mensagem elaborar uma fala com uma mensagem condizente com a realidade e expectativa do ouvinte ou receptor.

Muitas vezes, quando o receptor ouve de forma diferente que o emissor informou, pode significar que:

- O emissor não soube construir a mensagem;
- O emissor utilizou palavras desconhecidas pelo receptor;
- O receptor estava desatento;
- O receptor entendeu conforme a experiência de vida dele.

A essas perturbações damos o nome de ruídos.

Ruído: Qualquer perturbação do processo comunicativo.

Exemplos: Falta de atenção do receptor, barulho, linguagem inadequada etc.

Como podemos evitar os ruídos? Você é capaz de pensar em algumas dicas para uma comunicação bem-sucedida?

Vamos pontuar 3 simples dicas para se evitar o ruído na comunicação:

1. Ter claro o objetivo

Em qualquer situação comunicativa é importante existir uma "agenda" que oriente a comunicação. Isso ajuda a manter o foco e garante a eficácia da mensagem com rapidez;

2. Apresentar bons argumentos

Os argumentos devem ser elaborados a partir de situações hipotéticas. Isso ajuda na objetividade e assertividade da conversa;

3. Consciência da linguagem corporal

O corpo fala!

Por isso, é importante estar consciente da postura corporal.

Numa conversa, braços cruzados podem revelar algum tipo de resistência e olhos dispersos podem indicar indiferença.

Muitas vezes, palavras de ocasião, nada além do que palavras do discurso, desprovidas de espírito e compromisso com a verdade, mas sim com a conveniência, com a intenção de "segundos" interesses de quem as pronunciam são retóricas de pronunciamentos diplomáticos. E por isso, segundo Peter Drucker, "o mais importante na comunicação é ouvir o que não foi dito".

Nessa aula, você aprendeu um pouco sobre a Modalidade EaD, e a importância da Comunicação e Expressão. Agora você entende mais sobre meios, problemas e como evitar os ruídos na Comunicação.

Na próxima aula, veremos um pouco sobre a História e Teorias da Comunicação; Processo, Tipos, Elementos da Comunicação.

Capítulo 2 - História da Comunicação

2. História da Comunicação

Prezado(a) Aluno(a)

Seja bem-vindo/a novamente!

Você se lembra que na aula passada estudamos os conceitos de Comunicação e de Expressão. Aprendemos um pouco sobre quais são os meios de comunicação, o que é ruído e algumas dicas de como evitá-lo.

Nessa aula você irá saber:

A História da Comunicação;

Elementos da Comunicação;

Teorias da Comunicação.

Teremos muitas informações interessantes sobre a tecnologia e sua evolução.

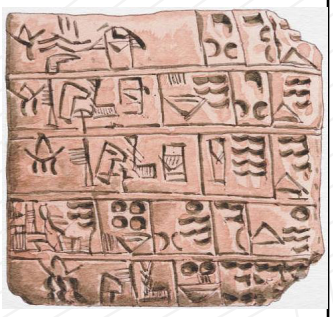
Fique atento/a às dicas de vídeos!

A imagem a seguir mostra bastante bem a evolução da Comunicação ao longo dos tempos. A raça humana precisou formas diversas para se exprimir. Até o surgimento dos primeiros códigos verbais, as primeiras formas de comunicação eram bastante rudimentares – como nos mostra a primeira figura da imagem: um homem esculpindo uma pedra.

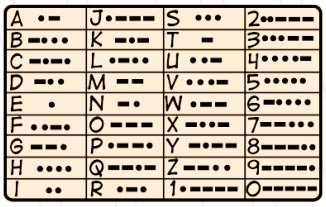
Como essa evolução aconteceu? Quais foram os primeiros métodos de comunicação humana?

Vamos partir da comunicação na era antes de Cristo. Claro que o homem, embora não usasse a comunicação verbal (apenas imitavam os sons da natureza), já se comunicava.

A mesma imagem descreve cronologicamente a evolução da comunicação, ainda que vejamos – ao final – um menino, com vestes primitivas, segurando um Notebook e dizendo: "140 caracteres. O que mais há para dizer?". A imagem e fala do menino nos sugere um "retrocesso" no processo comunicativo.

3800 A.C. Fonte da imagem: https://www.google.com.br/ 8	Enquanto o homem não sabia falar, do jeito como fazemos hoje, valia fazer desenhos em cavernas a partir de pigmentos de argila, hematita e carvão vegetal.
3200 A.C.  Fonte da imagem: <http://1.bp.blogspot.com/_S6W-tb7eR30U/S-le5aYcLcI/AAAAAAAAAX8/QFTEHT-6PQY/s1600/Cuneiforme.jpg>	Os Sumérios criaram alfabetos formados por figuras que representam objetos do cotidiano. Com a sistematização desse tipo de desenhos, os fenícios também desenvolveram um modelo de escrita.

3000 A.C. Fonte da imagem: <http://3.bp.blogspot.com/-4BRJ9lK9PmI/>	3000 A.C. Surgia o sinal de fumaça, uma maneira de informar à distância. Indígenas americanos foram os primeiros a usar os sinais, que seguiam um princípio depois adotado nos telégrafos: um cobertor abafava o fogo e soltava a fumaça em intervalos regulares.
2900 A.C. Fonte da imagem: <http://www.gpdesenhos.com.br/imagens/outros/hanna/pombocorreio2.jpg>	Começava a ser usada uma das formas de se enviar dados mais resistentes ao tempo: o transporte de mensagens com pombos-correios. Os registros mais antigos datavam do Egito de Ramsés II, mas, até 2002, as aves eram usadas ainda pela polícia indiana.
1455 Fonte da imagem: <http://www.geraldojose.com.br/ckfinder/userfiles/images/gut.png>	Para a mídia surgir e facilitar o acesso à informação, foi necessário que Johannes Gutenberg melhorasse a impressão, que existia havia 14 séculos na China.

1837  A •– J•––– S ••• 2••–––– B –••• K –•– T – 3•••–– C –•–• L •–•• U ••– 4••••– D –•• M –– V •••– 5••••• E • N –• W •–– 6–•••• F ••–• O ––– X –••– 7––••• G ––• P •––• Y –•–– 8–––•• H •••• Q ––•– Z –––•• 9––––• I •• R •–• 1•––––– 0–––––	O americano Samuel Morse (1791-1872) criava o telégrafo. Ele queria um jeito de trocar mensagens que o governo americano não entendesse.

1893 Fonte da imagem: <http://1.bp.blogspot.com/-Zhl-4q1xxCrg/ThHRbUXVaEI/AAAAAAAAACo/52tpR69Q-jiQ/s1600/radio.jpg>	Aparecia o rádio, atribuído ao italiano Guglielmo Marconi (1874-1937).
1929 <Fonte da imagem: http://1.bp.blogspot.com/-Zhl-4q1xxCrg/ThHRbUXVaEI/AAAAAAAAACo/52tpR69Q-jiQ/s1600/radio.jpg>	O cientista russo Vladimir Zworykin (1889-1982) apresentava o kinoscópio; o precursor da televisão.
1971 Fonte da imagem: <https://pt.wikipedia.org/wiki/Computador_pessoal>	Segundo o Computer History Museum, o primeiro "computador pessoal" foi o Kenbak-1. Tinha 256 bytes de memória e foi anunciado na revista Scientific American por US$ 888; todavia, não possuía CPU e era, como outros sistemas desta época, projetado para uso educativo.

Surge o Altair 8800, um computador pessoal baseado na CPU Intel 8080. Vendido como um kit de montar através da revista norte-americana Popular Electronics, os projetistas ficaram surpresos quando venderam 10 vezes mais que o previsto para o primeiro mês. - Custava cerca de 400 dólares e se comunicava com o usuário através de luzes que piscavam. Entre os primeiros usuários estavam o calouro da Universidade de Harvard, Bill Gates, e o jovem programador, Paul Allen, que juntos desenvolveram uma versão da linguagem "Basic" para o

Altair.

1994 Fonte da imagem: <https://pixabay.com/p-341418/?-no_redirect>	O governo americano liberava a circulação da World Wide Web. Uma forma civil de troca de informações entre as redes de computadores militares. Pronto, estamos quase todos online.

A era da Comunicação de Massa, no século XIX, com jornais, depois com o aparecimento das médias eletrônicas, é responsável pela criação de uma indústria cultural. O que podemos notar, ao vermos toda essa evolução, é que a Comunicação evolui junto aos meios.

O desenvolvimento tecnológico permitiu a digitalização de todas as formas de comunicação (dados, imagem, voz etc.), transformados em bits – a menor unidade de informação – levando à convergência de sons, dados e imagem tratados em conjunto pelo computador, originando a multimédia e a realidade virtual.

O que nos aguarda no futuro?

Depois de observarmos todas essas mudanças, é importante pensarmos nos elementos que envolvem o processo de comunicação, pois dessa forma conseguimos saber o tipo de linguagem que nosso emissor está usando, qual canal e todas as escolhas que fez para se comunicar.

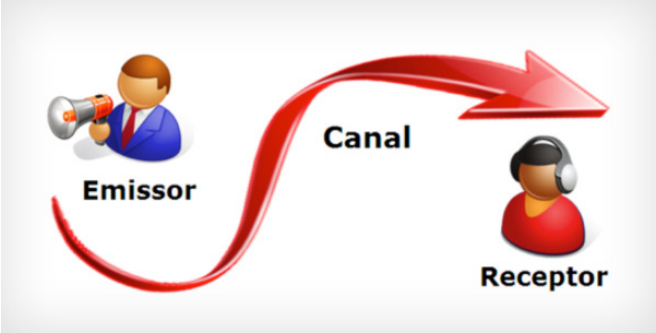
Vejamos exatamente o que é isso tudo.

2.1. Elementos da Comunicação

Na comunicação, utilizamos de sinais devidamente organizados, emitindo esses sinais a uma outra pessoa.

A fala, a escrita, os desenhos, os sinais de trânsito são alguns exemplos de comunicação – como vimos na aula 1 –, em que alguém transmite uma mensagem a outra pessoa.

Há, então, um emissor e um receptor da mensagem.



A mensagem é emitida a partir de diversos códigos de comunicação (palavras, gestos, desenhos, sinais de trânsito...). Em diferentes atos de comunicação – desde o "bom dia" até o "tchau", emitimos e recebemos uma série de mensagens que podem ser sonoras, escritas, gestuais ou mesmo visuais. Assim, usamos diversos códigos no processo comunicativo.

Qualquer mensagem precisa de um meio transmissor, o qual chamamos de canal de comunicação e refere-se a um contexto, a uma situação.

Vejamos todos esses termos:

Emissor: Autor do texto, aquele que transmite a mensagem.

Receptor: O público alvo da mensagem, aqueles para quem a mensagem é destinada.

Referente ou Contexto: Assunto, sobre o que a mensagem fala; a situação a que a mensagem se refere;

Mensagem: Conjunto de informações que se deseja transmitir.

Canal: Meio físico onde ocorre a comunicação. ex: visual, sonoro ou tátil.

Código: Linguístico (uso de um idioma) ou pictórico (uso de imagens).

Como anteriormente dissemos, na linguagem coloquial, ou seja, na linguagem do dia-a-dia, usamos as palavras conforme as situações que são apresentadas para nós. Expressamos, por meio da linguagem, um determinado estado mental. Mas para que a função social seja cumprida, há necessidade de que as palavras tenham um significado, ou seja, que cada palavra represente um conceito.

Na linguística, a combinação de conceito e palavra (escrita ou falada) é chamado de signo. E é o signo que une o elemento concreto (som, as letras impressas) – chamado significante, a um elemento inteligível (o conceito), ou uma imagem mental – chamado significado.

SIGNO é a soma de um **SIGNIFICANTE (som ou letra) e um SIGNIFICADO (conceito).**

O que buscamos, então, nas palavras? Buscamos, nessas palavras, o sentido. O sentido pode ser: denotativo ou conotativo.

É importante saber a diferença entre sentido denotativo e conotativo. Se não for apresentado com muita clareza, é bom evitar o sentido conotativo nos textos argumentativos.

DENOTAÇÃO: É o uso do signo em seu sentido real.

CONOTAÇÃO: É o uso do signo em sentido figurado, simbólico.

Ao pensarmos em, por exemplo, em "joia", vem à mente a imagem de uma pedra preciosa – isso traduz o sentido denotativo. Se usarmos a mesma palavra para indicar que uma situação está boa (está "joia") ou caracterizar uma pessoa como "joia", essa transferência apresenta o sentido conotativo.

O sentido pode ser uma fonte de confusão. Muitas vezes, quando o receptor ouve de forma diferente que o emissor informou, pode significar que:

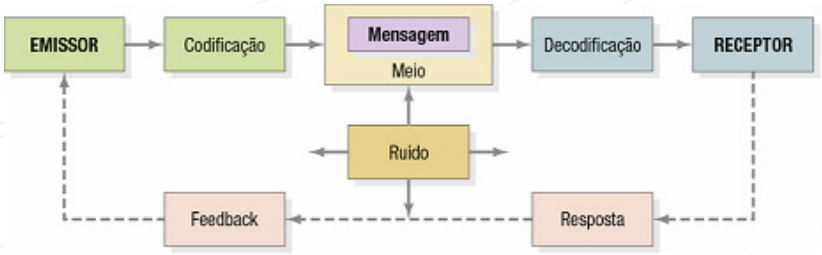
a) O emissor não soube construir a mensagem por ter usado sentidos desconhecidos ou palavras com vários sentidos (polissêmicas) para o contexto;

b) O emissor utilizou palavras inovadoras (neologismos) não compreendidas pelo receptor;

c) O emissor usou palavras em desuso (arcaísmos) ou gírias não compreendidas;

c) O receptor estava desatento;

d) O receptor entendeu conforme a experiência de vida dele.



2.2. Teorias da Comunicação

Boa parte das Teorias da Comunicação foi adaptada de modelos das Ciência da Natureza (Matemática, Estatística, Biologia e Física).

Dentre inúmeros autores e teorias, vamos apresentar 4 grandes autores que são estudados pela elaboração de novos conceitos para comunicação. Ressaltaremos para cada autor, o tema relevante de seus estudos.

2.3. Controle e Comunicação

Em 1948, Norbert Wiener, criador da palavra "cibernética" - do grego Κυβερνήτης significando condutor, governador, piloto) é uma tentativa de compreender a comunicação e o controle de máquinas, seres vivos e grupos sociais através de analogias com as máquinas.

Surge o conceito "sociedade da informação".

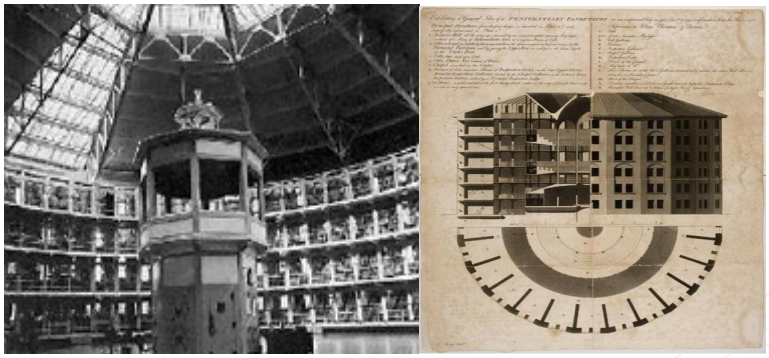
Norbert acreditava que uma máquina, com a mesma fluidez mecânica que o homem, poderia pensar como o homem: inteligência artificial.

"Toda forma de saber produz poder"

Em "Vigiar e Punir", 1975, Michel Foucault evidencia a "comunicação-poder", propondo a concepção de "poder relacional", na qual o dominado (presidiários, loucos e trabalhadores) participam de sua dominação.

Para Foucault, nem todos podem dizer tudo o que pensam.

Foucault mostra o "panóptico" (estrutura apresentada nas imagens abaixo) de Jeremy Benthan, o qual assinala que este princípio de controle evidencia uma sociedade que vigia os indivíduos e busca impor comportamentos. E com isso, bem resumidamente, podemos dizer que ele conclui que vivemos em uma sociedade espectadora e que a "visibilidade é uma armadilha".



Fontes das imagens: <http://www.redepsi.com.br/2015/08/18/telemarketing-analise-de-caso-a-partir-do-panoptico-de-foucault/> e <http://sociologias.tumblr.com/post/19954782665/pan%C3%B3ptico>

Mediações na Comunicação

Jesus Martín-Barbero, principal teórico latino-americano dos estudos de recepção, propõe em seu livro "Dos Meios às Mediações", 1987, uma outra forma de ver os processos de comunicação: não só emissão ou apenas recepção, mas as mediações no processo comunicacional – o que implica avaliar não somente difusão e recepção de informação, mas também as condições de produção e de recepção.

Barbero procurou compreender o processo comunicacional a partir dos dispositivos socioculturais que envolvem a emissão e recepção das mensagens cujo esquema é apresentado na figura abaixo.

2.4. Meio e Mensagem

Marshall McLuhan abandona as visões matemática, estatísticas, biológicas, etc., da comunicação, e passa a pensá-la como atividade formadora do social.

Para ele, os meios de comunicação determinam a evolução da humanidade. Meios eletrônicos, ágeis, flexíveis vão tornar a humanidade ágil e flexível. Os meios são a extensão do homem.

Para McLuhan, a tecnologia causa a mudança social.

Nessa aula, você aprendeu um pouco sobre a História e Evolução da Comunicação. Também vimos o Processo e os Elementos da comunicação e alguns autores de significativas Teorias da Comunicação.

Na próxima aula, falaremos sobre Língua e Linguagens, quais as funções da Linguagem e seus principais aspectos.

Até a próxima.

Capítulo 3 - Linguagem

3. Linguagem

Prezado(a) Aluno(a)

Seja bem-vindo/a a essa nova aula!

Da última vez, vimos um pouco da História da Comunicação. Também aprendemos que, no processo comunicativo, entender os elementos é importante para se evitar problemas.

Foi importante saber a diferença entre sentido denotativo e conotativo. Vamos recuperar um pouco dessas informações:

DENOTAÇÃO: É o uso do signo em seu sentido real.

CONOTAÇÃO: É o uso do signo em sentido figurado, simbólico.

	Veja as frases a seguir e reflita: em qual delas a palavra sublinhada apresenta sentido denotativo? 1. Meu pai é meu espelho. 2. Ele quebrou o espelho do banheiro.

E então? Conseguiu identificar o sentido denotativo? Lembre-se que o sentido denotativo é aquele em que o significado parece literal; seria aquele sentido que encontramos, muitas, vezes, em primeiro lugar, no dicionário. Portanto, a frase 2 tem a palavra “espelho” com sentido denotativo em, na frase 1, “espelho” aparece com sentido conotativo.

Vimos que as palavras não apresentam apenas um significado objetivo e literal, mas sim uma variedade de significados, mediante o contexto em que ocorrem.

Isso significa dizer que os códigos de codificação e decodificação não são simétricos; os graus de compreensão ou não-compreensão da mensagem dependem do codificador (produtor da mensagem ou emissor) e do decodificador (receptor da mensagem) e a distorção (mal-entendido) nesse processo, ou seja, o ruído, surge da falta de equivalência entre os dois lados da troca comunicativa.

Definimos esses termos: codificação e decodificação. A codificação consiste em elaborar um significado e decodificação trata da operação para decifrar a mensagem.

Como vimos anteriormente, ao definirmos os termos, uma mensagem é enviada por meio de um canal e codificada a fim de que o receptor a compreenda. O receptor recebe o conteúdo, atribui significados e, então, reage. A reação do receptor é percebida pelo emissor, o qual atribui significado ao que percebeu, viu ou ouviu. Então, forma uma mensagem baseada nas percepções que teve em relação ao receptor e a transmite.

Em TI, a codificação tem um sentido específico: é o processo de introdução de um texto em um código conhecido; a decodificação trata-se da transferência da mensagem de um código para outro.

Das teorias explicitadas na última aula, vamos relembrar o conceito de "poder". Naquela aula, apresentamos a teoria de Michel Foucault com a estrutura do "panóptico" a respeito do controle da sociedade.

Você já ouviu falar do "Grande Irmão", tradução literal de "Big Brother"? Sim, o reality show! Além de ser o famoso programa de televisão, trata-se de uma referência ao livro do escritor inglês George Orwell, "1984", em que todas as pessoas estão sob constante vigilância das autoridades, sobretudo por meio de telas, nas quais aparecem a propaganda do Estado que diz: "o Grande Irmão está observando você". O romance denuncia o excesso de controle que culminam em violação da privacidade.

Você sabia que, em 22 de janeiro de 1984, Steve Jobs e Steve Wozniak colocaram, no intervalo do Super Bowl, uma propaganda inspirada no livro "1984"? O intervalo do evento esportivo mais assistido no ano, final do Campeonato da Liga de Futebol Americano, foi usado para transmitir a ideia de que o novo produto Macintosh libertaria a sociedade do controle tecnológico da IBM. Veja a propaganda, na qual aparecem cenas do filme homônimo, dirigido por Ridley Scott, apresentada pelo próprio Jobs no YouTube!

Fonte do vídeo:

<https://www.youtube.com/watch?v=AD2XsOSpj_8>.

O último teórico sobre o qual falamos, e também vale a pena recuperar, foi Marshal MacLuhan. Ele criou a expressão "o meio é a mensagem" ao propor o meio como elemento importante da comunicação, e não apenas um canal de transmissão.

Para McLuhan, o mais importante não é o conteúdo, mas o veículo através do qual a mensagem é transmitida. Para ele, a tecnologia causa a mudança social. Quando observamos nossa sociedade, entendemos claramente alguns dos conceitos propostos por McLuhan.

Você certamente já se deu conta da importância do celular na troca comunicativa? WhatsApp, "torpedos", ligações etc. são transmitidos por esse MEIO. Independentemente do conteúdo que o meio veicula, McLuhan se preocupava com as consequências – o conteúdo das mensagens é o que menos importava.

Parece que faz bastante sentido a preocupação dele, não? O uso das tecnologias tem mesmo um poder transformador. Concorda?

As teorias nos serviram para entender os elementos da comunicação e pensar um pouco mais sobre o fenômeno da comunicação.

Deu para relembrar o conteúdo que vimos na aula passada?

Nessa aula, você irá saber mais a língua – indiscutivelmente uma das características mais importantes da identidade e da cultura de um povo. Veremos os seguintes tópicos:

3.1. A Língua;

A Linguagem: verbal e não verbal;

As Funções da Linguagem;

Aspectos da linguagem: sintaxe, semântica e pragmática.

Aprenda muito e divirta-se com esse novo conteúdo!

3.2. A língua e a linguagem

Língua, linguagem e comunicação são termos que fazem parte de um mesmo núcleo, embora tenham significados diferentes, mas que se intercruzam.

Tratemos, a língua, de um modo simplista, como um conceito mais específico, restrito – um conjunto de cógigos e palavras, utilizados a partir de regras e leis combinatórias.

Podemos pensar nas línguas orais auditivas ou espaço visuais (como LIBRAS). A língua é o que torna possível a sociedade.

Dissemos que língua e linguagem são termos próximos; muitas vezes tratados como sinônimos, embora devamos pensar que: toda língua é uma forma de linguagem, mas nem toda linguagem é língua.

	Você conhece a música “Língua” de Caetano Veloso? Veja a letra a seguir e busque a canção na Internet. Caetano amplia uma frase do poema do “O livro do Desassossego” de Bernardo Soares, heterônimo do poeta português Fernando Pessoa (“Minha pátria é minha língua”) e destaca a pluriculturalidade da língua “brasileira”.

"Língua"

De Caetano Veloso, CD "Velô" (1984)

Gosto de sentir a minha língua roçar
A língua de Luís de Camões
Gosto de ser e de estar
E quero me dedicar
A criar confusões de prosódia
E um profusão de paródias
Que encurtem dores
E furtem cores como camaleões
Gosto do Pessoa na pessoa
Da rosa no Rosa
E sei que a poesia está para a prosa
Assim como o amor está para a amizade
E quem há de negar que esta lhe é superior
E quem há de negar que esta lhe é superior
E deixa os portugais morrerem à míngua
Minha pátria é minha língua
Fala Mangueira
Fala!
Flor do Lácio Sambódromo
Lusamérica latim em pó
O que quer
o que pode
Esta língua
Vamos atentar para a sintaxe paulista
E o falso inglês relax dos surfistas
Sejamos imperialistas
Cadê? Sejamos imperialistas

Vamos na velô da dicção choo de Carmem Miranda
E que o Chico Buarque de Hollanda nos resgate
E Xeque-mate, explique-nos Luanda

Ouçamos com atenção os deles e os delas da TV Globo
Sejamos o lobo do lobo do homem
Sejamos o lobo do lobo do homem

Adoro nomes
Nomes em ã
De coisa como rã e ímã...
Nomes de nomes como Scarlet Moon Chevalier
Glauco Mattoso e Arrigo Barnabé, Maria da Fé
Arrigo Barnabé
Incrível
É melhor fazer uma canção
Está provado que só é possível filosofar em alemão
Se você tem uma ideia incrível
É melhor fazer uma canção
Está provado que só é possível
Filosofar em alemão
Blitz quer dizer corisco
Hollywood quer dizer Azevedo
E o recôncavo, e o recôncavo, e o recôncavo
Meu medo!
A língua é minha Pátria
eu não tenho Pátria: tenho mátria
Eu quero frátria
Poesia concreta e prosa caótica
Ótica futura
Samba-rap, chic-left com banana
Será que ele está no Pão de Açúcar
Tá craude brô, você e tu lhe amo
Qué que'u faço, nego?
Bote ligeiro
arigatô, arigatô
Nós canto falamos como quem inveja negros
Que sofrem horrores no Gueto do Harlem
Livros, discos, vídeos à mancheia
E deixa que digam, que pensem, que falem.

A Língua diz respeito a uma Cultura e consequentemente a uma VISÃO DE MUNDO. Na música de Caetano, isso nos fica claro; a música destaca a variedade cultural seja na língua seja no modo de ser do brasileiro, diferenciando do português e de outros grupos. Há inúmeros trechos em que se celebra essa diferença linguístico-cultural.

Tomemos dois trechos; observe quando ele diz: "deixe os portugais morrerem à míngua, minha pátria é minha língua" e "gosto de ser e de estar".

No primeiro trecho, Caetano diz para que os "portugais" morram na penúria; o que significa afastar-se da língua-mãe, o português de Portugal e trazer o "português brasileiro" como sua nossa grande referência de sentimento nacional, de pertencimento.

No trecho "gosto de ser e de estar" traz a clara diferença entre a língua portuguesa e a inglesa quanto ao uso de dos verbos "ser" e "estar" versus verbo "to be". O português difere o "estar" (ideia transitória) de "ser" (cuja ideia remete à permanência) diferença não expressa com precisão na língua inglesa

que concentra esses dois verbos em apenas um.

Assim, a linguagem representa a faculdade de se comunicar (por meio de sinais – como os de trânsito ou os gestos, cores etc.), mas também expressa um modo de pensar, de ser e de estar no mundo.

No “seu mundo”, em TI, você fala em “Linguagem de Programação”. O que seria?

A linguagem de programação, como é possível observar na imagem abaixo, é um método padronizado para comunicar instruções para um computador. Acompanhando os termos em linguística, a linguagem de programação é um conjunto de regras sintáticas e semânticas usadas para definir um programa de computador.

```
void CSSdescramble(unsigned char *sec,unsigned char *key) {
  unsigned int t1,t2,t3,t4,t5,t6;
  unsigned char *end=sec+0x800;
  t1=key[0]^sec[0x54]|0x100;
  t2=key[1]^sec[0x55];
  t3=(*((unsigned int *)(key+2)))^(*((unsigned int *)(sec+0x56)));
  t4=t3&7;
  t3=t3*2+8-t4;
  sec+=0x80;
  t5=0;
  while(sec!=end) {
    t4=CSSt2[t2]^CSSt3[t1];
    t2=t1>>1;
    t1=((t1&1)<<8)^t4;
    t4=CSSt5[t4];
    t6=(((((((t3>>3)^t3)>>1)^t3)>>8)^t3)>>5)&0xff;
    t3=(t3<<8)|t6;
    t6=CSSt4[t6];
    t5+=t6+t4;
    *sec++=CSSt1[*sec]^(t5&0xff);
    t5>>=8;
  }
}
```

Trecho de programa na linguagem de programação C.

As linguagem de programação podem ser usadas para expressar algoritmos – uma sequencia finita de intruções bem definidas e não ambíguas executada mecânica ou eletronicamente em um intervalo de tempo finito.

Você sabia que o primeiro trabalho de linguagem de programação foi criado por uma mulher?

A condessa inglesa Ada Lovelace concretizou o projeto inacabado de Charles Babbage para a primeira calculadora mecânica programável.

Como dizíamos, a linguagem de programação é uma série de instruções dadas aos computador. Mais que isso, ela é, sobretudo, um meio de exprimirmos ideias acerca de metodologias.

Uma linguagem de programação deve ser feita para as pessoas dialogarem acerca de programas e, incidentalmente, para computadores os executarem.

Da mesma forma, a noção de Linguagem sobre a qual falávamos deve ser aprofundada. Um importante estudioso da linguagem, Benveniste, afirma que “A língua constitui o que mantém juntos os homens, o fundamento de todas as relações que por seu turno fundamentam a sociedade”.

A linguagem, por sua vez, é tida como um sistema para a expressão de ideias, valores e sentimentos. No entanto, Austin afirma que a linguagem não é só representação do mundo; é prática comunicativa; “é um modo de agir”.

Apesar da complexidade teórica, vamos unicamente dividir a linguagem em: verbal e não verbal.

3.3. Linguagem Verbal

A linguagem verbal, que se caracteriza de forma oral ou escrita, com a utilização de códigos que servem para processar a comunicação.

Exemplos: textos com avisos ou alertas, a conversa ao telefone.

Muitas pessoas ainda não perceberam a importância da linguagem escrita. Apesar de toda tecnologia e toda forma de comunicação rápida e sintética, as empresas ainda valorizam a escrita precisa.

Mesmo nas avaliações de vestibular, concursos públicos etc. ainda priveligiam candidatos com um alto desempenho na produção e na compreensão escrita.

Você já pensou por que a linguagem escrita é tão valorizada?

E por que temos uma distância tão grande entre como normalmente falamos e como deveríamos falar, sobretudo como deveríamos escrever, de acordo com a norma culta?

Quando, em 1727, o rei de Portugal proibiu que no Brasil se falasse a língua brasileira, a chamada língua geral, o nheengatu, é que começou a disseminação forçada do português como língua do País, uma língua estrangeira.

O português formal só lentamente foi se impondo ao falar e escrever dos brasileiros, como língua de domínio colonial, tendo sido até então apenas língua de repartição pública.

Segundo o professor José de Souza Martins da Universidade de São Paulo, a discrepância entre a língua escrita e a língua falada é entre nós consequência histórica dessa imposição, veto aos perigos políticos de uma língua potencialmente nacional, imenso risco para a dominação portuguesa.

A importância do registro escrito é clara nos ambientes corporativos. Lee Iacocca, o mega-empresário da indústria automobilística norte americana, tem uma capacidade de comunicação acima da média. Ele mesmo conta, em sua autobiografia, o que aprendeu de Robert McNamara:

"... ele me ensinou a pôr todas as minhas ideias no papel – Você é muito eficiente cara a cara, ele costumava me dizer. – Você conseguiria vender qualquer coisa a qualquer um. Mas estamos para gastar cem milhões de dólares aqui. Vá para casa hoje à noite e ponha sua grande ideia no papel. Se você não conseguir fazer isso é porque não trabalhou a ideia direito. Esta foi uma lição valiosa e a partir daí passei sua orientação. Sempre que um dos meus homens tem uma ideia, eu lhe peço para colocá-la no papel. Não quero que ninguém me venda um plano por causa do tom da sua voz ou da força de sua personalidade. Seria inadmissível.

A cada três meses, cada gerente se reúne com seu superior imediato para rever seu próprio desempenho e para estabelecer seus objetivos para o período seguinte. Havendo acordo quanto a esses objetivos, o gerente os põe no papel e o supervisor assina.

Como aprendi de McNamara, o hábito de escrever as coisas é o primeiro passo no sentido de realizá-las efetivamente. Na conversa, você pode se desviar para todos os tipos de imprecisões e absurdos, muitas vezes sem perceber. Mas, ao colocar suas ideias no papel, você se força a ir direto ao que interessa. É mais difícil enganar a si mesmo ou enganar aos outros." .

Na verdade, a linguagem escrita não é uma mera transcrição ou reprodução da fala. Evidentemente,

a linguagem oral tem uma enorme importância. Assim como na linguagem escrita, a aproximação do padrão é mais valorizada socialmente. Mas percebemos que a linguagem falada apresenta maior variedade.

Uma outra diferença é que na produção oral, o intercolutor está presente; e isto permite correções mais rápidas e muito recursos não verbais como a linguagem corporal, facial, entonações diferenciadas.

Na escrita, os recursos são mais limitados – baseamos em pontuação e acentuação gráfica e poucos recursos linguísticos. Além disso, as frases para serem mais longas e elaboradas exigem maior domínio da norma culta.

Contudo, o efeito e a importância da linguagem oral é comparável. Para ilustrar, vamos lembrar de uma acontecimento famoso em 30 de outubro de 1938.

Nesse dia, a rede de rádio CBS interrompeu sua programação para noticiar uma suposta invasão alienígena. Na verdade, era uma dramatização da história de 'A Guerra dos Mundos" – livro de H.G. Well, – pelo, então, jovem escritor Orson Welles.

A história teve tamanha repercurssão e desencadeou pânico na costa leste dos Estados Unidos. A "notícia em edição extraordinária", na verdade começo de uma peça, marcou a história do rádio. Pelo menos 1, 2 milhão de pessosas acreditou que se tratava de um caso real.

3.4. Linguagem não-verbal

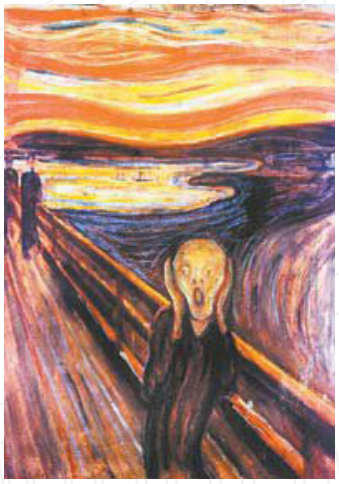
A linguagem não-verbal, como dissemos, caracteriza-se pelo uso de uma série de recursos extralinguísticos, como gestos, expressões faciais, entonação, postura, que facilitam a transmissão de ideias e emoções.

Exemplos:

Você conseguiu identificar todas as informações dadas pelos exemplos anteriores?

Estamos cercados, pela linguagem não-verbal. Pense em outros exemplos e converse sobre isso com seus colegas.

A arte – a dança, a pintura ou a escultura – também é uma forma de expressão não-verbal. Abaixo temos o famosos quadro “O grito” (no original Skrik). Essa pintura do norueguês Edvard Munch, de 1893, na qual uma figura andrógina é representada, consegue traduzir sem qualquer palavra um momento de profunda angústia e de dor.



Os gestos – como açoes voluntárias ou invonluntárias –também são formas comunicativas muito potentes. “Gesto” é uma palavra que vem do latim lat. géstus,us’ e significa movimento, atitude, visagem, careta etc. O corpo expressa muito mais do que imaginamos. Nosso corpo fala!

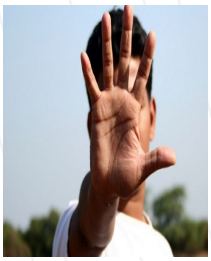
Você já assistiu à série televisiva americana de 2009, “Lie to me” que retrata a vida de especialistas em Linguagem Corporal? Ao coçar o queixo, torcer as mãos ou mexer o nariz, o Dr. Cal Lightman (Tim Roth) sabe que a pessoa está mentindo. Mas será que expressões faciais e gestos podem indicar algo sobre o que pensamos ou sentimos?

Observe a figura abaixo. Você diria, apenas observando a linguagem corporal, que a pessoa parece receptiva e aprova uma situação ou fechada e em desacordo com algo?

Você deve ter dito que esse gesto indica aprovação, ou seja, é uma resposta positiva a algo. Lembre-se que os gestos têm referências temporais e culturais. O que pode ser visto como um gesto banal aqui, pode ser uma ofensa em outros países.

Identifique os gestos abaixo.

Eles também significam o mesmo para você? Na sequência: 1) Desejo de boa sorte. 2) Cheio ou muito. 3) Venha! 4) Pare!

			
1	2	3	4

A linguagem corporal no trabalho também deve ser observada. Um candidato pode ser visto como “ansioso” pelo fato, por exemplo, de ele não conseguir manter as mãos quietas. Um chefe pode parecer fechado a uma nova proposta ao estr com os braços cruzados em frente ao corpo. A secretária pode indicar interesse ou aborrecimento pela posição em que se coloca. Veja o exemplo abaixo:

Fonte da imagem: <http://www.wonderbook.wordpress.com>.

3.5. Aspectos da linguagem

Não tenho amigo velho.

A linguagem ainda pode ser examinada de aspectos: sintaxe, semântica e pragmática.

Sintaxe: o estudo da estrutura da sentença (observe a mudança de sentido dependendo do lugar do adjetivo “velho” em relação ao substantivo “amigo”);

Semântica, o estudo do sentido das palavras (observe o significado da palavra “bens” para o homem de terno e o significado da mesma palavra para o rapaz);

Fonte da imagem: <http://www.maiseducativo.com.br>.

Pragmática, o estudo dos usos que são feitos da linguagem e como os objetivos dos falantes são atingidos por sentenças completas no contexto. A significação depende exclusivamente do ouvinte; é necessário reconhecer a intenção do falante (observe que a senhora ao dizer "bonito" não está propriamente fazendo um elogio e, neste assim, não faz sentido o rapaz agradecê-la).

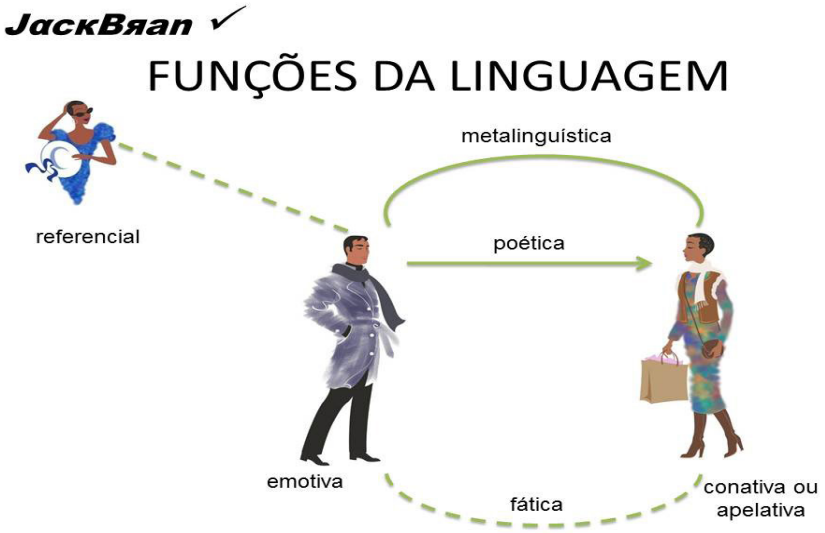
Muito bonito, hein?

"Brigado", viu?

Já que entendemos os conceitos e os aspectos, vamos agora falar sobre as funções da linguagem.

3.6. FUNÇÕES DA LINGUAGEM

De acordo com Jakobson, a linguagem exerce seis funções, cada uma correspondendo a um dos elementos do processo comunicativo. (1960, Linguística e Poética). São elas: emotiva, fática, conotativa, metalinguística, referencial e poética.

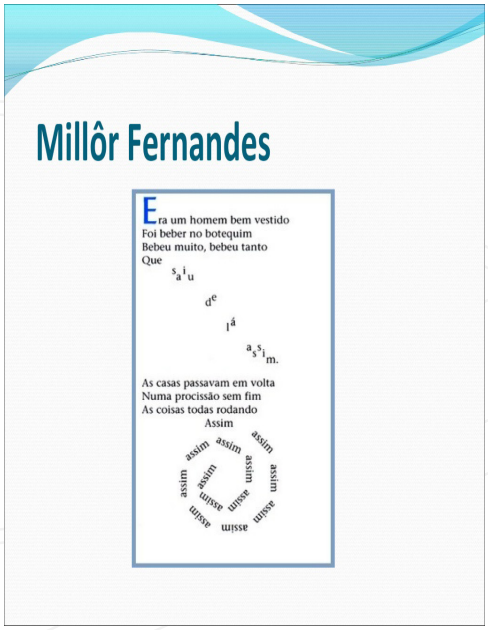


Fonte da imagem: <http://www.estudopratico.com.br/wp-content/uploads/2014/10/ funcoes-da-linguagem-metalinguistica-conativa-poetica.jpg>. Acesso: 3 mar. 2017.

Emotiva: Relacionada ao emissor. Consiste em transmitir pensamentos, ideias, sentimentos, desejos, sonhos relacionados ao autor. Uso de 1ª pessoa do discurso.

Fonte da imagem: <http://www.apoioescolar24horas.com.br/salaaula/estudos/portugues/ 493_funcoes_linguagem/images/estudo/ilustracao2.jpg>. Acesso em: 03 mar. 2017.

Poética: Relacionada a mensagem. Criar uma mensagem original, é caracterizada por ter sonoridade, ritmo e às vezes rimas.



Fonte: FERNANDES, Millôr. Trinta anos de mim mesmo, Rio de Janeiro: Nórdica, 1972.

Apelativa: Relacionada ao receptor. Tem a intenção de gerar uma reação no receptor ou convence-lo de algo, caracterizada pelo uso de imperativos, vocativos e pronomes que se dirigem diretamente ao receptor.

Referencial. Relacionada ao referente. Tem como finalidade transmitir uma informação de modo objetivo e claro, caracterizada pelo uso da 3ª pessoa do discurso. Exemplo: o texto jornalístico.

Fática: Relacionada ao canal. Objetiva manter o canal comunicativo aberto, o emissor busca manter o contato com o receptor. Exemplo: Dizer “Alô” ao atender o telefone.

Metalinguística: Relacionada ao código. Emissor explica o código, usando o próprio código. Questionar ou comentar o próprio código. Exemplos: Fazer uma receita e ensiná-la a outros ao mesmo tempo. / Dicionários.

Fonte: *O Estado de S.Paulo*, 16 set. 2004.

Nessa aula, você aprendeu bastante sobre Língua e Linguagem. Discutimos termos como: sintaxe, semântica e pragmática.

Na próxima aula, falaremos sobre alguns mitos em relação à Língua Portuguesa.

Temos certeza de que você vai achar o próximo tópico interessante.

Capítulo 4 - Mitos

4. Mitos

Prezado(a) Aluno(a)

Seja bem-vindo/a a mais um tópico interessante do curso de Comunicação e Expressão!

Falamos sobre a Língua, funções e aspectos da Linguagem em nossa última aula. Nessa, vamos discutir alguns mitos do português. Chamamos de "Mitos" porque gostaríamos de pensá-los como referências comuns, a serem combatidas – com pouco ou nenhum fundamento científico – por serem usadas como "verdades" absolutas para explicar pontos discutíveis da língua portuguesa.

Vamos lá!

4.1. Mitos do Português

É bastante comum ouvirmos que o português é uma língua difícil. Há quem diga que é a "língua mais difícil do mundo". Tais afirmações talvez estejam baseadas nas dificuldades de aprender a língua por meio de atividades mecânicas e descontextualizadas. Como afirma Possenti em "Por que (não) ensinar gramática na escola" (p. 21-22): "não há línguas fáceis ou difíceis"; o que há são línguas diferentes.

Não há dúvida que as afirmações superlativas sobre as dificuldades de aprender a língua portuguesa dizem muito sobre a falência de nosso sistema educacional.

Face à grande valorização que o sistema de ensino brasileiro deu à aprendizagem da gramática, é difícil fazer com que professores – principalmente sem qualquer ideia do ensino do português a estrangeiros ou imigrantes – aceitem que a regra não é mandatória em muitas situações.

A valorização da norma, em muitas circunstâncias, pode ser discriminatória. Ao mesmo tempo, é comum ouvirmos críticas constantes a respeito do ensino tradicional da língua portuguesa – o que tem levado, em muitos casos, a uma reação oposta, agora de supervalorização da língua coloquial.

Sempre que se fala em gramática, vem à tona a concepção de gramática tradicional, um manual de regras para bem falar e escrever; daí surge a concepção falaciosa de que é preciso saber a gramática para falar e escrever bem. A gramática pode localizar falantes cultos, mas não é capaz de formar bons usuários.

Vamos dar um pouco de atenção ao que diz Sírio Possenti, em "Por que (não) ensinar gramática na escola":

Falar contra a "gramatiquice" não significa propor que a escola só seja "prática", não reflita sobre questões de língua. Seria contraditório propor esta atitude, principalmente porque se sabe que refletir sobre a língua é uma das atividades usuais dos falantes e não há razão para reprimi-la na escola. Trata-se apenas de reorganizar a discussão, de alterar prioridades (discutir os preconceitos é certamente mais importante do que fazer análise sintática —eu disse mais importante, o que significa que a análise sintática é importante, mas é menos...). Além do mais, se se quiser analisar fatos de língua, já há condições de fazê-lo segundo critérios bem melhores do que muitos dos utilizados atualmente pelas gramáticas e manuais indicados nas escolas. (POSSENTI, 2000, p. 55-56)

Apontemos, então, alguns dos mitos mais comuns que cercam a língua nacional:

O brasileiro não sabe falar português;

Só em Portugal se fala bem português;

O português é muito difícil;

É preciso saber gramática para falar e escrever bem.

Se você concordou com todas as afirmações acima, vamos apresentar novos aspectos sobre cada uma delas para que você possa perceber o outro lado da questão.

Esses mitos, entre vários outros, são apresentados e debatidos por Marcos Bagno em seu livro “Preconceito Linguístico”.

Mito 1 – “O BRASILEIRO NÃO SABE FALAR PORTUGUÊS”

Trata-se de uma análise preconceituosa e desinformada. Não há língua “pura” ou estática. A língua é viva, modifica-se todos os dias.

Não se pode comparar o Brasil às grandes potências. Em 2004, por exemplo, o Brasil ocupou o 69º lugar no quadro de IDH estabelecido pela Organização das Nações Unidas; já estivemos no 84º lugar!

Fonte da imagem: < http://www.humorpolitico.com.br/economia/brasil-6-economia-do-mundo-84-no-idh/>. Acesso em: 13 mar. 2017.

Em 2015, ocupou o 79º, entre 188 países avaliados - isto traduz a menor preocupação com o sistema educacional no Brasil. O índice brasileiro é 0,744. Para se ter uma ideia, o IDH mais alto é o da Noruega (0,944) pelo quinto ano consecutivo, e o pior desempenho de desenvolvimento humano é do Níger (0,337).

Você sabe o que é IDH? Quantos países são avaliados?

Criado em 1990, o IDH (Índice de Desenvolvimento Humano) leva em conta a renda per capita, a educação (média de anos de estudo e anos esperados de escolaridade) e expectativa de vida.

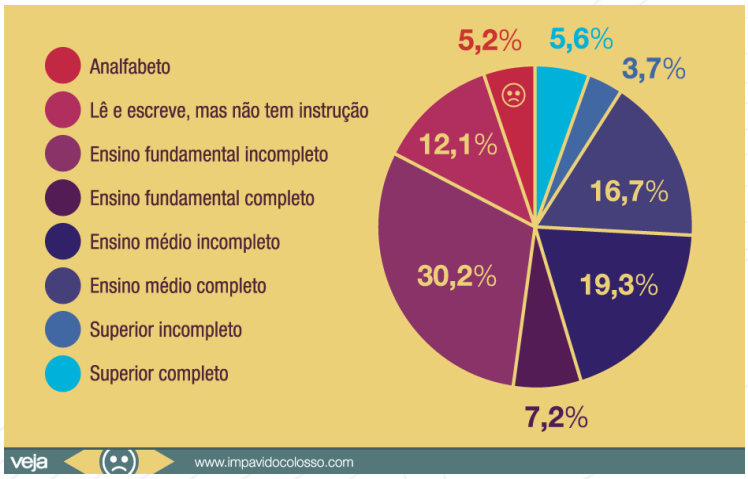
Trata-se de um índice estrutural, ou seja, que capta mais mudanças de longo prazo. Isso ocorre principalmente por causa dos indicadores de expectativa de vida e educação. Já o indicador de renda é o que apresenta mais variação de um ano para outro, respondendo mais rápido a mudanças de curto prazo

na economia.

O IDH abrange, atualmente, 187 países e serve para avaliar o desenvolvimento de um país e não apenas o seu crescimento econômico.

Ao afirmar que o brasileiro não sabe falar português é preciso, antes, também pensar nos milhões de analfabetos plenos e analfabetos funcionais.

A taxa de analfabetismo entre brasileiros com 15 anos ou mais em 2014 foi estimada em 8,3% (13,2 milhões de pessoas), segundo a Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (Pnad), realizada pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). Embora a taxa de analfabetismo da população brasileira tenha diminuído gradativamente, não é o bastante para elevar o nível educacional no país.



Fonte da imagem: < http://veja.abril.com.br/blog/impavido-colosso/5-2-dos-eleitores-brasileiros-se-declaram-analfabetos/>. Acesso em: 12 mar. 2017.

Será que o analfabetismo funcional é um problema real para o país? Mas exatamente o que significa isso?

O analfabetismo se divide em duas vertentes: o analfabetismo pleno (ou absoluto) e o analfabetismo funcional. No primeiro caso, a pessoa teve pouco ou nenhum contato com a educação formal. No segundo, a pessoa identifica letras e números, mas não consegue interpretar textos ou realizar operações matemáticas que não seja simples.

O analfabetismo compromete o desenvolvimento pessoal e social do indivíduo. Ambas vertentes mostram que a escolarização fracassou em muitos pontos.

4.2. Mito 2 – "Só em Portugal se fala bem o português"

Nosso idioma é diferente do português falado em Portugal. Do ponto de vista linguístico, a língua falada no Brasil já tem uma gramática (regras de funcionamento) diferente da gramática da língua falada em Portugal.

Pensando em três aspectos (vocabulário, fonética e sintaxe) podemos perceber claramente as diferenças.

Quanto ao vocabulário, o português lusitano tem uma série de palavras que não correspondem ao "português brasileiro". Evidentemente, isso não impede a comunicação ou a compreensão entre os dois padrões, mas requer atenção ao léxico.

Vejamos alguns exemplos dessas diferenças:

Português do Brasil	Português de Portugal
Abridor	Tira-cápsulas
Cafezinho	Bica
Grampeador	Agrafador
Meias	Peúgas
Pedestre	Peão

Você já pensou no porquê dessas diferenças entre o português do Brasil e de Portugal? Por que tantas diferenças?

O português foi estabelecido como língua oficial do Brasil em 1758, mas nessa época o contato com povos indígenas e escravos africanos já havia alterado a língua falada no país. No final do século XIX, chegaram ao Brasil imigrantes europeus e asiáticos e novas mudanças ocorreram na forma de falar do brasileiro. Comparado a outras colônias portuguesas, como Angola e Moçambique, sabemos que a mistura de povos aqui foi mais intensa e, outro fato importante, a independência ocorreu mais cedo no Brasil. Assim, falamos um português mais parecido com o europeu, apesar dos também sotaques regionais.

Além disso, a população brasileira é muito maior, comparada às populações dos demais países lusófonos. Fazendo com que tenhamos mais variações.

Na verdade, as maiores diferenças entre o português do Brasil e de Portugal – como veremos – são as fonéticas, ou seja, a forma como as palavras são pronunciadas.

Quanto à fonética, percebemos que o português lusitano tem um ritmo de fala mais rápido comparado ao padrão brasileiro. Na fala brasileira, as vogais são claramente pronunciadas. Em Portugal, costuma-se eliminar a pronúncia.

Quer ouvir algumas diferenças do português do Brasil e de outros países lusófonos? Busque, na Internet, músicas de diferentes regiões.

Escute a música "Sodade" cantada por Marisa Monte e Cesaria Evora.

O terceiro aspecto é a sintaxe. Algumas construções sintáticas no Brasil não são utilizadas em Portugal. Um exemplo é nosso frequente uso do gerúndio; em Portugal, costuma-se utilizar a forma infinitiva. Aqui dizemos: "Estou fazendo a prova" e, em Portugal se diria "Estou a fazer a prova".

Assim, podemos dizer que existem diferenças marcantes entre o português do Brasil e de Portugal – o que para muitos estudiosos pode ser visto como diferenças entre duas "línguas".

4.3. Mito 3 – "Português é muito difícil"

Começamos a unidade falando sobre esse tópico. Talvez essa ideia seja frequente porque muitos têm que decorar conceitos e regras que nada significam para eles.

Lembre-se de que todo falante nativo de uma língua sabe essa língua, ou seja, conhece intuitivamente e emprega com naturalidade as regras básicas de funcionamento da língua. Crianças de 3 a 4 anos dominam as regras gramaticais da sua língua (apenas não conhecem sutilezas, sofisticações e irregularidades no uso dessas regras).

Linguisticamente falando, nenhuma língua é mais difícil ou fácil que outra. O inglês, por exemplo, tem um sistema de flexões verbais bastante simples. Por um lado, parece mais simples porque não possui subjuntivo marcado só tem uma marcação de pessoa (o da 3ª pessoa do singular); também não apresenta alguns tempos como o "futuro do subjuntivo" (para o qual o inglês utiliza o simple present – "Se tiver dinheiro, vou te ajudar" / "If I have the money, I'll help you out.") ou o "infinitivo pessoal" ("Isso é para nós fazermos").

Por outro lado, o inglês é uma língua relativamente complexa no que diz respeito ao uso de preposições (o português tem por volta de 25 preposições, enquanto o inglês tem mais de 100, se contadas as locuções preposicionais). O uso do in, on e at, por exemplo, é uma grande dificuldade para muitos aprendizes.

A gramática deveria mudar, mas não muda, ao menos, não com a urgência que a sociedade pede. Então, deveríamos mudar a sociedade, uma vez que a língua é viva, muda e não para no papel. A condenação pelo uso inadequado de uma norma é mais profunda quando o critério é social (POSSENTI, 2000, p.30).

Um poema de Carlos Drummond de Andrade, um de nossos maiores poetas, aponta a dicotomia entre o "português da gramática" e o "português do dia-a-dia".

Aula de português
Carlos Drummond de Andrade, em "Alguma Poesia"

A linguagem

na ponta da língua,

tão fácil de falar

e de entender.

A linguagem

na superfície estrelada de letras,

sabe lá o que ela quer dizer?

Professor Carlos Góis, ele é quem sabe,

e vai desmatando

o amazonas de minha ignorância.

Figuras de gramática, esquipáticas,

atropelam-me, aturdem-me, sequestram-me.

Já esqueci a língua em que comia,

em que pedia para ir lá fora,

em que levava e dava pontapé,

a língua, breve língua entrecortada

do namoro com a prima.

O português são dois; o outro, mistério

Uma antiga polêmica filológica pode melhor o papel na sociedade em relação ao preconceito e às questões normativas. Vamos nos lembrar do caso vivido pelo ex-ministro, Rogério Magri, quando foi censurado pelo uso do adjetivo "imexível". Não estamos discutindo questões políticas (como as denúncias de corrupção) que envolveram o ex-ministro. Vamos falar sobre o uso de uma palavra que gerou uma grande movimentação da mídia da década de 90, apagando – inclusive – questões maiores acerca do ministro.

O termo se encontra incorporado ao Dicionário Houaiss ("adjetivo de dois gêneros: em que não se pode mexer; inalterável. Exemplo: um plano de governo. Etimologia: in- + mexível").

Aparentemente criado de forma espontânea por um falante oriundo das classes trabalhadoras, que estava diante de câmeras de televisão, "imexível" acabou por se tornar institucionalizado, familiar a um grande número de usuários da língua; sem antes, tornar-se alvo de risos, piadas e teorias linguísticas.

Fernando Henrique Cardoso, o FHC, ex-presidente e sociólogo, considerado intelectual, apresentou construções mais estranhas e não fora criticado na mesma medida como ocorrera ao ministro Magri. Um exemplo é a expressão "convivível" para se manifestar contra uma possível inflação.

Em outra ocasião, FHC, afirmou que o neoliberalismo criou os "inempregáveis", durante a abertura de seminário sobre trabalho em São Paulo. FHC referia-se àqueles que perderam o lugar no mercado devido ao desenvolvimento tecnológico. Ele disse: "A realidade é que a economia globalizada cria pessoas dispensáveis no processo produtivo, que são 'inempregáveis'." (Fonte: Jornal Folha de São Paulo, 8 de abril de 1997, p.1. Disponível em: <http://www.radiobras.gov.br/anteriores/1997/sinopses_ 0804. htm>. Acesso em: 12 jan. 2016.).

Não houve o mesmo alarde a respeito do termo como ocorrera com o ministro Magri. O ex-presidente, enquanto esteve na presidência, ainda cunhou outros vocábulos: "catastrofistas", "fracassomania", "neobobismo", "opiniáticos" etc.

Um outro bom exemplo dessa "criação" pouco criticada aparece da na fala de outro ex-presidente: "sou 'intutelável'". Veja abaixo:

Disponível em: <http://veja.abril.com.br/busca/resultadoCapas.shtml?d1=631162800&d2=662781540&rd=&num=20&qu=Collor&periodo=on&dia1=1&mes1=1&ano1=1990&dia2=1&mes2=1&ano2=1991&ao=1>. Acesso em: 10 jan. 2016.

Se a palavra, dita por Magri, tivesse sido pronunciada por alguém que impusesse "respeito intelectual", como vimos no caso das criações do ex-presidente Fernando Henrique, certamente a notícia não teria o mesmo alcance. A questão maior não foi a palavra, mas o usuário, ex-sindicalista, que não inspirava qualquer erudição. Por fim, vamos falar do mito sobre a gramática.

4.4. Mito 4 – "É preciso saber gramática para falar e ecrever bem"

Duas simples perguntas vêm à mente:

Todos os gramáticos são grandes escritores?

E os grandes escritores são especialistas em gramática?

Imagino que você tenha respondido "não" para duas questões. São inúmeros os exemplos de gramáticos que não são escritores e de escritores que frequentemente desprezam as regras explicitadas na gramática.

A gramática define, identifica e localiza falantes cultos, mas ela não garante um padrão linguístico totalmente uniforme, nem é capaz de formar bons usuários. Veja o que nos diz o professor Cagliari, em "Alfabetização&Linguística", sobre a gramática: "A gramática normativa foi um primeiro momento uma gramática descritiva de um dialeto da língua. Depois a sociedade fez dela um corpo de leis para reger o uso da linguagem. Por sua própria natureza, uma gramática normativa está condenada ao fracasso, já que a língua é um fenômeno dinâmico e as línguas mudam com o tempo (...)".

Pense em exemplos das mudanças que tivemos, ao longo dos tempos, em relação à ortografia, à sintaxe e mesmo em relação ao vocabulário. Assim, a língua é viva, muda. As regras, que valem hoje, podem ser diferentes no futuro.

Nessa aula, você aprendeu bastante sobre Mitos do Português. Tentamos mostrar algumas peculiaridades do português e minimizar a impressão, comumente difundida, de que temos uma das línguas mais difíceis do mundo. Não é para tanto, não é mesmo?!

No próximo encontro, discutiremos sobre a tipologia textual (narração, dissertação, descrição etc.) e sobre gêneros textuais.

Sabe algo sobre esses pontos?

Capítulo 5 - Tipos Textuais

5. Tipos textuais

Prezado(a) Aluno(a)

Vamos discutir um novo tópico do curso de Comunicação e Expressão!

Você se lembra da aula passada? Tentamos derrubar, ou pelo menos "suavizar", alguns mitos da língua portuguesa. Vimos que dizer que o "português é muito difícil" ou que "o brasileiro não sabe falar português" são posturas a simplistas, não expressam a comlexidade da questão e podem ser elementos de preconceito linguístico, um julgamento depreciativo e desreipeitoso da fala de outro ou da própria fala. Vamos em breve falar das diferenças linguísticas, e voltaremos a falar sobre mitos e preconceito. Veja abaixo a charge que utiliza o meme para ilustrar esse tema:

Fonte:<httpwww.jornaledicaodobrasil.com.brsitepreconceito-linguistico-tem-como-consequencia-a-exclusao-social.jpg>.

Nessa aula, vamos apresentar os tipos e os gêneros textuais. Os tipos textuais mostram como o texto se apresenta e consequentemente a função de cada texto; os gêneros, por sua vez, são as diferentes formas de linguagem empregadas no texto. Essas formas podem ser mais ou menos formais. Vamos lá!

Tipos textuais

Já dissemos o que são os tipos textuais: são as classificações que um texto recebe. Os tipos textuais se agrupam de acordo com a finalidade da comunicação.

Mas por que preciso saber o que são tipos textuais? Para que serve isso?

Os tipos revelam a estrutura do texto, o objetivo e a finalidade. É importante dominar a tipologia textual para se comunicar com precisão nas diferentes situações de uso. Quando estabelecemos tipologias claras para os textos fica mais fácil interpretar o texto.

Muitas vezes um texto pode apresentar trechos com diversos tipos, mas sempre há a predominância de um tipo.

A classificação mais básica e também a mais reducionista que temos dos textos – sejam orais ou escritos – é a de que os textos se dividem em literários e não-literários. De um lado, estão os textos ficcionais (conto, crônica, novela, poesia etc.) e, do outro lado, os textos informativos (avisos, notícias, propagandas etc.).

Uma outra classificação, agrupando os textos em 3 tipos, surge de acordo com a funcionalidade: práticos, científicos e literários.

Os textos práticos estão relacionados às ações do cotidiano, tendo uma estrutura simples. Por exemplo, bilhetes, cartazes, notícias, placas, propagandas etc.

Os textos científicos têm como objetivo dar acesso ao conhecimento de diversas áreas do saber. Caracterizam-se pela linguagem ais formal. Exemplos: matérias jornalísticas, tratados científicos, verbetes de dicionários.

Os textos literários se preocupam mais com a linguagem e menis com a informação. Por exemplo, contos, fábulas, lendas, poemas etc.

Há também uma classificação que se baseia nos estudos das funções da linguagem (Vimos esse tema na Aula 3! Lembra-se?). Assim, os textos seria classificados de modo a estruturar os recursos da língua para veicular as funções da linguagem. De maneira geral, os textos são divididos em 5 tipos: texto narrativo, descritivo, dissertativo, expositivo e injunção.

Vejamos cada um deles:

5.1. Narração

Ao longo de nossa vida sempre estamos contando alguma coisa que aconteceu conosco ou com outras pessoas; sempre estamos relatando algum fato.

Esta é considerada a mais antiga das tipologias, pois, desde os tempos das cavernas, o homem registra seus momentos e sua história.

Narrar é contar uma história que envolve personagens e acontecimentos. São apresentadas ações e personagens; são termos-chaves da narração: o que aconteceu, com quem, como, onde e quando.

Exemplos:

Contos de Fada,

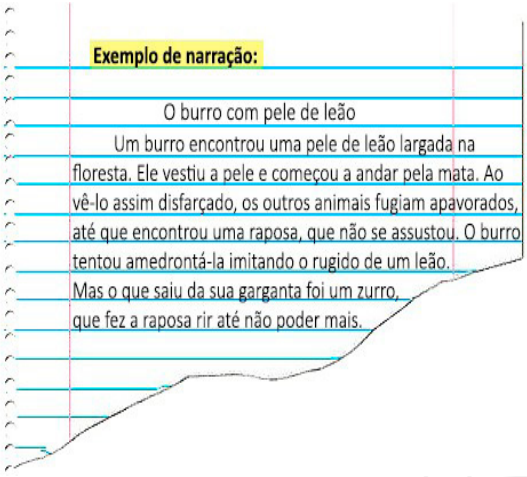
Crônica,

Fábula,

Lendas,

Novela,

Romance.


Exemplo de narração:

O burro com pele de leão

Um burro encontrou uma pele de leão largada na floresta. Ele vestiu a pele e começou a andar pela mata. Ao vê-lo assim disfarçado, os outros animais fugiam apavorados, até que encontrou uma raposa, que não se assustou. O burro tentou amedrontá-la imitando o rugido de um leão. Mas o que saiu da sua garganta foi um zurro, que fez a raposa rir até não poder mais.

Fonte da imagem: <http://educacao.globo.com/telecurso/noticia/2015/03/narrativo-descritivo-argumentativo-confira-os-diferentes-tipos-de-textos.html>.Acesso: 22 mar.2017.

5.2. Descrição

O objetivo deste tipo de texto é que o interlocutor possa criar em sua mente uma imagem do que está sendo descrito.

Descrever é apresentar as características principais de um objeto, lugar ou alguém.

Exemplos:

Anúncios de classificados,

Biografia e autobiografia,

Cardápio,

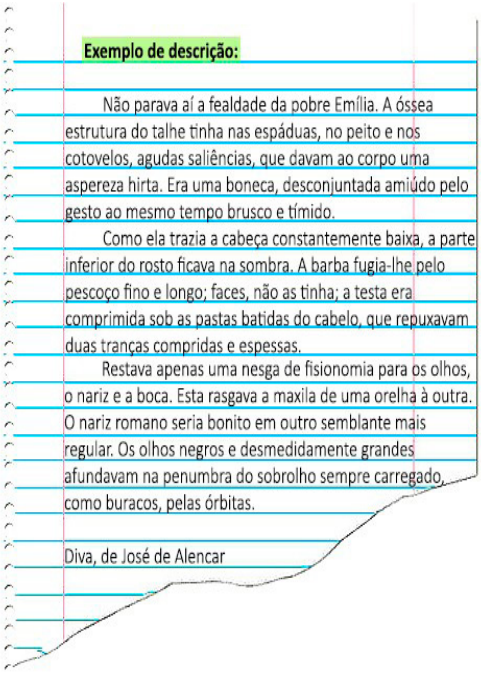
Currículo,

Diário,

Lista de compras,

Notícia,

Relatos (viagens, históricos etc.).



Exemplo de descrição:

Não parava aí a fealdade da pobre Emília. A óssea estrutura do talhe tinha nas espáduas, no peito e nos cotovelos, agudas saliências, que davam ao corpo uma aspereza hirta. Era uma boneca, desconjuntada amiúdo pelo gesto ao mesmo tempo brusco e tímido.

Como ela trazia a cabeça constantemente baixa, a parte inferior do rosto ficava na sombra. A barba fugia-lhe pelo pescoço fino e longo; faces, não as tinha; a testa era comprimida sob as pastas batidas do cabelo, que repuxavam duas tranças compridas e espessas.

Restava apenas uma nesga de fisionomia para os olhos, o nariz e a boca. Esta rasgava a maxila de uma orelha à outra. O nariz romano seria bonito em outro semblante mais regular. Os olhos negros e desmedidamente grandes afundavam na penumbra do sobrolho sempre carregado, como buracos, pelas órbitas.

Diva, de José de Alencar

Fonte da imagem: <http://educacao.globo.com/telecurso/noticia/2015/03/narrativo-descritivo-argumentativo-confira-os-diferentes-tipos-de-textos.html>.Acesso: 22 mar.2017.

5.3. Dissertação

Para este tipo de texto há a necessidade de conhecimentos prévios do assunto/tema tratado. Este tipo de texto apresenta a defesa de uma opinião, de um ponto de vista, predomina a apresentação detalhada de determinados temas e conhecimentos. É o texto, normalmente, solicitado em concuros, porvas de vestibular etc.

Dissertar é expor os conhecimentos que se tem sobre um assunto ou defender um ponto de vista sobre um tema, por meio de argumentos, ou seja, é argumentar.

Exemplos:

Artigo,

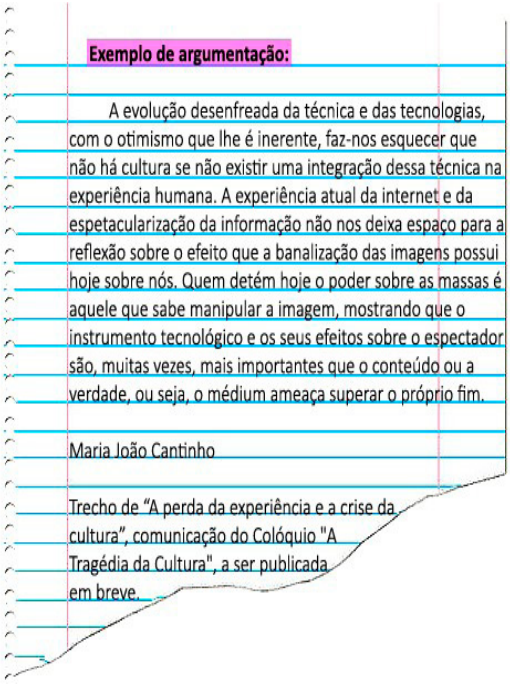
Carta de opinião,

Editorial jornalístico,

Ensaio,

Monografia, dissertação de mestrado e tese de doutorado,

Resenha.



Exemplo de argumentação:

A evolução desenfreada da técnica e das tecnologias, com o otimismo que lhe é inerente, faz-nos esquecer que não há cultura se não existir uma integração dessa técnica na experiência humana. A experiência atual da internet e da espetacularização da informação não nos deixa espaço para a reflexão sobre o efeito que a banalização das imagens possui hoje sobre nós. Quem detém hoje o poder sobre as massas é aquele que sabe manipular a imagem, mostrando que o instrumento tecnológico e os seus efeitos sobre o espectador são, muitas vezes, mais importantes que o conteúdo ou a verdade, ou seja, o médium ameaça superar o próprio fim.

Maria João Cantinho

Trecho de "A perda da experiência e a crise da cultura", comunicação do Colóquio "A Tragédia da Cultura", a ser publicada em breve.

Fonte da imagem:<http://educacao.globo.com/telecurso/noticia/2015/03/narrativo-descritivo-argumentativo-confira-os-diferentes-tipos-de-textos.html>.Acesso: 22 mar.2017.

5.4. Exposição

Trata-se de textos que nos levam a uma explicação sobre determinado assunto, informa e esclarece sem oferecer qualquer opinião a respeito.

Expor significa exibir, colocar em evidência.

Exemplos:

Conferências,

Enciclopédia,

Entrevistas,

Notícias jornalísticas,

Palestras,

Seminários,

Trabalhos acadêmicos,

Verbetes de dicionários.

5.5. Injunção

Os textos injuntivos são aqueles que nos orientam, ditam normas, instruem. Por exemplo, aparecem quando compramos um aparelho eletrônico e temos que verificar manual de instruções para o funcio-

namento, ou quando vamos fazer um bolo e seguimos uma receita, ou também quando lemos a bula de um remédio ou a receita médica que nos foi prescrita.

Exemplos:

Bula de remédio,

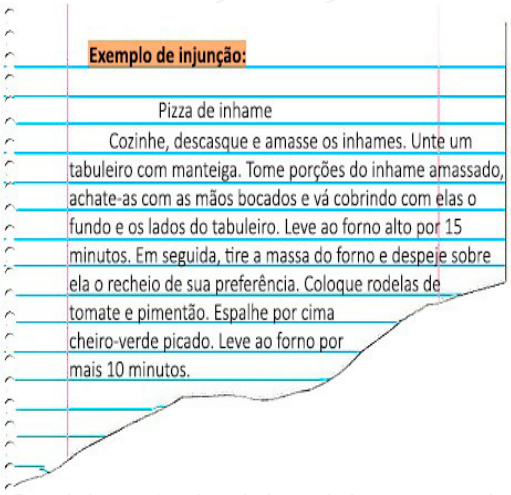
Manual de instruções,

Propaganda,

Receita culinária,

Regulamento,

Textos prescritivos.



Exemplo de injunção:

Pizza de inhame

Cozinhe, descasque e amasse os inhames. Unte um tabuleiro com manteiga. Tome porções do inhame amassado, achate-as com as mãos bocados e vá cobrindo com elas o fundo e os lados do tabuleiro. Leve ao forno alto por 15 minutos. Em seguida, tire a massa do forno e despeje sobre ela o recheio de sua preferência. Coloque rodelas de tomate e pimentão. Espalhe por cima cheiro-verde picado. Leve ao forno por mais 10 minutos.

Fonte da imagem:<http://educacao.globo.com/telecurso/noticia/2015/03/narrativo-descritivo-argumentativo-confira-os-diferentes-tipos-de-textos.html>.Acesso: 22 mar.2017.

Resumindo:

Narração: Personagens, Enredo, Espaço (Contos)

Descrição: Enumeração, Comparação, Retrato Verbal (Entrevista)

Dissertação: Expositiva, Argumentativa, Debater (Artigo)

Injunção: Instrucional (Manuais, Receitas, Bulas)

Exposição: Fatos, Impessoal (Notícias Jornalísticas)

5.6. Texto dissertativo-argumentativo

Vamos falar um pouco mais sobre o texto Dissertativo-Argumentativo por ser um dos textos mais importantes quando falamos de exames e provas acadêmicas.

O texto dissertativo-argumentativo busca a defesa de uma tese através de argumentos, tendo como

objetivo formar uma opinião, converncer ou persuadir o interlocutor.

Como fazer um bom texto dissertativo-argumentativo? O que é importante considerar?

Como dissemos, o texto dissertativo-argumentativo defende uma ideia, e para isso busca argumentos. Um argumento pode ser definido, de uma maneira simples, como uma afirmação acomapnhada de uma justificativa.

Normalmente, define-se argumento como um conjunto de proposições usadas para justificar algo.

Falaremos detalhadaemnte sobre tipos de argumentos e sobre persuasão em unidades posteriores. Aqui, o que nos interessa é ressaltar que um bom texto dissertativo se apoia em bons argumentos; justamente por isto falamos em texto dissertativo-argumentativo.

Façamos um roteiro para elborar um bom texto-argumentativo:

1. Seleção de argumentos

Para iniciar o texto, não se intimide! Coloque em uma papel/tela à parte todas as ideias que você tem sobre o tema; não julgue-as, simplesmente descreva tudo o que você pensa, para depois fazer uma seleção does melhores pontos de vista. Chamanos esse momento de brainstorm, ou tempestade cerebral. É uma prática frequentemente usada na criação de projetos, quando se expões todos os pensamentos, mesmo que pareçam absurdos.

2. Faça parágrafos claros

Um texto deve ter parágrafos! Muita gente se esquece disso. O parágrafo não é simplesmente um bloco de frase, ou um afastamento da margem. É a parte mais importante quanto pensamos no texto. Cada parágrafo traz uma ideia central. A falta de domínio na composição do parágrafo afeta a construção geral do texto. As ideias precisam se conectar umas com as outras, dnado ao texto dois elementos imprescindíveis: coesão e coerência.

3. Divida o texto em partes

Um texto tem uma estrutura a ser respeitada: introdução, desenvolvimento e conclusão. Essas partes estão conectadas, mas cada uma tem uma importante função no texto.

Introdução – nos parágrafos iniciais do seu texto você deve apresentar uma dideia geral sobre o tema. Evite escrever períodos longos (são difíceis de pontuar e se, não bem escritos, comprometem a clareza;

Desenvolvimento – o o corpo do texto. Aqui você organiza a defesa de seu ponto de vista. Essa parte do texto é naturalmente maior que as demais. Evite repetições de ideias e palvras; use exemplos, mas não fuja do contexto.

Conclusão – é a síntese da tese debatida. Trata-se do fechamento do texto; as ideias anteriormente tratadas recebem aqui uma solução. Evite impor expressores como “em resumo”, “concluindo” quando o texto não “caminhou”, de fato, a uma conclusão.

Dividir o texto em partes, pensar cada parte requer planejamento. Assim, antes de começar a escrever,

faça um plano, pense em uma estratégia para abordar seu tema. Retome o problema, expresse sua opinião sobre ele, levante seus principais argumentos, e depois de todos esses passo, comece a escrever.

Vejamos dois exemplos de textos: um positivo e outro negativo. O primeiro é proposto pelo Enem de 2011, cujo tema foi "Viver em rede no século XXI: os limites entre o público e o privado". Os textos de referência são os artigos "Liberdade sem fio", da revista "Galileu" e "A internet tem ouvidos e memória", do portal Terra. Há ainda uma tirinha do cartunista André Dahmer.

Exemplo 1

Texto escrito pelo professor Rafael Pina do Colégio de A_Z.

Fonte:<http://oglobo.globo.com/sociedade/educacao/vestibular/tema-da-redacao-do-enem-2011-viver-em-rede-no-seculo-xxi-os-limites-entre-publico-o-privado-2897667#ixzz4canjY5eR>.

Quinze minutos de privacidade

Quando afirmou que, no futuro, todos teriam direito a quinze minutos de fama, Andy Warhol indicou o desejo pela fama como uma tendência da sociedade de massa. A famosa frase foi cunhada no fim da década de 1960, quando a internet só existia como uma rede centrada ainda com objetivos militares. Hoje, a grande rede se faz presente em boa parte das atividades cotidianas, como as próprias relações interpessoais, uma "'evolução" que transformou a crítica do conhecido artista plástico em uma espécie de profecia a ser seguida. O problema, nesse caso, é que a vida virtual muitas vezes elimina a tênue fronteira entre o público e o particular.
Basta ter uma conta de e-mail ou navegar eventualmente pela internet para perceber os perigos que ela oferece. De fato, invasões de contas e crimes de diversas naturezas tornam a rotina em banda larga pouco segura, transformando informações sigilosas em conteúdo público com a mesma velocidade da comunicação em tempo real. Embora haja uma discussão acerca da correção do caso, o trabalho da organização conhecida como "Wikileaks" evidencia como nem mesmo empresas e governos, com suas redes de seguranças supostamente seguras, estão imunes a esses riscos.

Nem sempre, porém, o problema é fruto de invasões e crimes: o desejo pela exposição e pelo reconhecimento virtual tem levado a perigosos exageros na vida real. Por trás de perfis em redes sociais e de pseudônimos em chats e blogs, muitas pessoas expõem suas intimidades, com frases ou fotografias comprometedoras profissional e socialmente. Prova disso são os casos de demissões e processos causados pela publicação de conteúdos considerados inapropriados, mesmo que isso tenha sido feito em ambientes tipicamente "pessoais". Assim, trata-se de uma ilusão imaginar que a vida em bytes, revelada no interior de um quarto fechado, possa ser dissociada da vida em carne e osso, em ruas e calçadas.
Diante de um panorama complexo, repleto de variáveis, é fundamental buscar caminhos para o estabelecimento de limites entre o público e o privado na grande rede. O primeiro passo deve ser dado pelos governos, com a criação e o aprimoramento de legislações específicas e mecanismos de identificação e punição capazes de inibir crimes relacionados a invasões de privacidade e manifestações preconceituosas. Afinal, o que é socialmente ilegal e imoral na vida real também o é na internet. Na mesma perspectiva, a mídia pode divulgar - tanto no noticiário quanto em dramaturgias - os perigos da exposição na internet, de modo a sensibilizar a sociedade.

Fica claro, portanto, que são necessárias medidas urgentes para evitar uma confusão danosa entre o particular e o público na internet. Contudo, a transformação profunda deve ser feita na nova geração de crianças e adolescentes, que já nasceu e vem crescendo em um ambiente paralelamente real e virtual. Por isso, o trabalho de ONGs e, sobretudo, de escolas parece ser a solução mais eficaz. Com aulas e palestras sobre o uso seguro e socialmente adequado da internet, é possível imaginar um fu-

turo em que menos pessoas se prejudiquem com a vida em banda larga, e mais indivíduos usem esse recurso para, por exemplo, compreender melhor a frase de Andy Warhol.
O que você achou? Claramente o texto se destaca pela coesão e coerência. Agora veremos um texto que teve a nota zero, em 2014, no Exame Nacional de Ensino Médio (ENEM). A redação vale 20% da nota final, por isso, é uma etapa decisiva para o desempenho do aluno.

Os principais problemas que podem acontecer para uma redação ser zerada são:

- fugir do tema;

- copiar os textos provocaodores/motivadores, os textos e charges colocadas para motivar a reflexão do tema;

- texto insuficiente;

- não atendimento do tipo textual;

- parte desconectada;

- ferir direitos humanos.

Fonte: <http://exame.abril.com.br/brasil/os-erros-mais-comuns-de-quem-teve-a-redacao-anulada-no-enem/>

O segundo texto é apresentado em 2009 para o tema "Como você encara os cursos a distancia e as universidades virtuais?". Textos do filósofo e escritor Paulo Ghiraldelli e também do professor José Maunel Moran, especialista em projetos inovadores, são usados para a reflexão do tema.

A redação foi avaliada pelo site UOL Educação. E todos os comentários podem ser lidos no site. As marcações no texto são apresentadas pelos corretores do site.

Exemplo 2

Texto escrito por estudante cuja redação foi zerada.

Fonte:<https://educacao.uol.com.br/bancoderedacoes/redacao/ult4657u528.jhtm>.

A problemática educacional

Nos dias atuais, a fragilidade educacional tornou-se alvo de várias discussões, pelo fato de vários países, considerados subdesenvolvidos, apresentarem índices mínimos de produtividade e prosperidade econômica.

Enquanto os países desenvolvidos investem intensamente na educação humana, os países subdesenvolvi-dos apresentam milhares de analfabetos, e com isso, o país[,] cada vez mais, carece de profissionais especializados em diversas áreas de trabalho.

Algumas soluções poderiam ser viáveis como um incentivo intensificado por parte dos pais, para que seus filhos frequentem as escolas e colégios, para que esses não sofram com a precariedade financeira, as[financeira. As] autoridades governamentais deveriam estabelecer diversos projetos, tanto para adultos, adolescentes quanto para as crianças [como para adolescentes e crianças], para que o analfabetismo seja extinguido, os [e os] países desenvolvidos poderiam estabelecer ajudas financeiras a esses países, entre outras colocações.

Portanto, os países subdesenvolvidos deveriam investir na educação de seus habitantes, pois proporcionaria vários avanços político, econômico e cultural [proporcionariam vários avanços políticos, econômicos e culturais] desses, [e] as pessoas teriam empregos melhores que conduziriam o país a crescimentos nos "rankings", e as gerações futuras não sofreriam com tamanha desigualdade existente no planeta, que hoje aflinge as pessoas carentes[.]

Comentário do site:

"O autor inicia muito bem e parte para a comparação entre países que investem menos ou mais na educação. Depois propõe soluções para a melhoria da educação no Brasil. E isso numa construção de frases mais ou menos organizadas. Ocorre que fugiu totalmente ao tema, que não era "Educação", mas Educação universitária a distância. Cuidado. Isso é muito grave. Invalida totalmente o texto."

Já sabemos o que são e para que servem os tipos textuais. Vamos para os gêneros. Você conhece a palavra "gênero"? Indica uma classe, uma espécie. Como gêneros masculino e feminino. E o que tem isso em comum com texto?

5.7. Gêneros textuais

O que é falado, a maneira como é falado e a forma que é dada ao texto são características diretamente ligadas ao gênero. Assim, os gêneros são definidos pelas característica dos diversos tipos de textos. Trata-se do nome dado às diferentes formas de linguagem empregadas nos textos.

Existem muitos gêneros textuais. Se pensarmos em listar, logo descobriremos que são praticamente inumeráveis, pois cada gênero atende a um tipo de necessidade.

O gênero textual pode conter mais de um tipo textual. Por exemplo, uma receita de pizza apresenta uma lista de ingredientes (texto descritivo) e o modo de preparo (texto injuntivo).

As situações de comunicação em nossa vida social são inúmeras, e assim inúmeros são os gêneros textuais:

ata de reunião,	e-mail,
aula expositiva,	horóscopo,
bilhete,	instruções de uso,
bula de remédio,	notícia jornalística, receita culinária,
cardápio,	palestra,
carta comercial,	piada,
carta pessoal,	poesia,
conto,	resenha crítica,
crônica,	romance, telefonema,
dicionários,	texto didático,
editorial de jornais e revistas,	verbete de enciclopédias
	etc.

Conhecer e dominar os tipos e os gêneros textuais são importantes para fazer o texto ser mais claro e mais eficiente.

Nosso próximo tópico, será bem mais longo. Vamos falar sobre os níveis de linguagem (variedades), normas (culta e popular), dialeto e registro. Vamos entender porque alguns textos “não funcionam” em determinadas situações.

Capítulo 6 - Variedades Linguísticas

Temos mais um novo conteúdo do curso de Comunicação e Expressão!

Estamos sempre cercados por textos e mensagens que têm como intuito expressar alguma informação. Decodificamos todas essas informações e identificamos os mais diversos tipos de textos nas mais diversas situações e interações do dia-a-dia. Na última aula, com o objetivo de ampliar as possibilidades do uso da linguagem, apresentamos dois tópicos importantes: tipos e gêneros textuais.

Os gêneros são heterogêneos e se apresentam em todas as situações comunicativas, sendo a forma natural pela qual usamos a língua na comunicação. Quando lemos um e-mail pessoal, imediatamente sabemos do que se trata. Identificamos imediatamente o que é uma receita ou um anúncio de jornal. Disto se trata gênero. Os tipos textuais são as formas que o falanate coloca quando quer falar, ou seja, são as estruturas linguísticas disponíveis na língua.

Nessa aula, vamos apresentar novos conceitos: variedades linguísticas, normas, dialetos, registros e intencionalidade.

Em uma de nossas aulas, apresentamos a concepção de "preconceito linguístico". As variedades linguísticas têm uma relação bastante forte com esse conceito. Em nosso país, de dimensões continentais, percebemos a enorme diversidade linguística apresentada nos mais diferentes sotaques, léxicos e até mesmo culturas e histórias. Temos maneiras diferentes de falar e escrevar a língua. Somos "poliglotas" em nossa própria língua. Entendemos que há maneiras diferentes de usar a língua.Toda essa diversidade pode ser traduzida pelas variedades línguísticas. Vejamos um pouco mais sobre isso!

6. Variedades Linguísticas

Todos começamos a aprender a língua em casa, imitando e apropriando aos poucos do vocabulário e das leis combinatórias da língua. No entanto, observamos que nem todos falam igual. Essas diferenças no uso da língua são as variedades linguísticas.

De que tipos de variações estamos falando? Existem variações melhores ou piores?

Estamos falando das variações que uma língua apresenta, de acordo com as condições sociais, culturais, regionais e históricas em que é utilizada.

O português falado no nordeste não é exatamente o mesmo português falado no sul do país. Claro que estamos todos falando português, mas, muitas vezes, temos diferentes acentos, diferentes palavras etc.

Embora existam modos de falar e escrever, ainda avaliamos a linguagem pelos critérios do "certo" e do "errado". Essa visão é pouco aceita hoje em dia. Preferimos pensar em "adequado" e "inadequado". Lembremos que a língua é viva, muda o tempo todo e esse dinamismo é que nos faz adequarmos a novos modos de discurso.

Não podemos dizer que as variações sejam melhores ou piores umas em relaçao às outras. O que existem são variações adequadas ou inadequadas para certos tipos de situações comunicativas. Por exemplo, em uma apresentação formal, um projeto para um cliente, você evitará falar gírias ou palavras que pareçam vulgares.

Assim, todas as variedades são adequadas, se cumprirem com eficiência o papel fundamental da língua

que é o de permitir a interação verbal entre as pessoas.

Diferentes grupos sociais apresentam a linguagem de forma diferente. Há vários aspectos a se considerar. Não falamos exatamente como escrevemos. Algumas pessoas, com menos acesso à educação formal, podem apresentar uma variação diferente; a falta de contato com a norma padrão indica uma outra maneira de falar e escrever.

6.1. Normas padrão e popular

Isso significa que devemos aceitar tudo? Calma! O que estamos dizendo é que existe uma língua sistematizada e convencionalizada pela gramática. Quando seguimos esse sistema, estamos produzindo dentro de uma norma padrão, em uma norma culta. No entanto, existe uma norma, também aceita e corrente, na qual desprezamos determinadas regras, muitas vezes valorizamos mais a modalidade oral, buscamos formas mais espontâneas – a isso chamamos norma popular.

Vamos entender um pouco mais sobre o que são as normas popular (coloquial) e padrão (culta)?

Uma das variedades linguísticas – a norma culta ou norma padrão – tem maior prestígio social. Veja na tirinha abaixo o emprego do verbo “assistir”.

Fonte: < https://novaescola.org.br/conteudo/3621/calvin-e-seus-amigos>. Acesso em: 20 mar. 2017.

Na tirinha, Calvin diz “assistir ao vídeo”. Segundo a gramática normativa, o verbo assistir quando significa “presenciar fato ou evento” exige a preposição “a”. Por isto, assisti ao filme, assisti à aula etc. Dizemos que o verbo é “transitivo indireto” nesse sentido – a isto chamamos de regência verbal.

No entanto, no dia-a-dia as pessoas desprezam a norma, e desconsideram a preposição. Veja a tirinha abaixo:

Fonte: < https://br.pinterest.com/pin/543598617509177669/>. Acesso em: 20 mar. 2017.

O uso feito do verbo assistir na tirinha acima encontra-se na norma popular. A norma popular é a manifestação mais livre, mais natural da língua. As variedades regional, gíria, jargão de grupos ou profissões são chamadas de norma popular.

Leia a letra da música "Tiro o Álvaro" de Adoniran Barbosa. O que você percebe em relação à variação linguística?

"Tiro ao Álvaro"

De Adoniran Barbosa, CD "O poeta do Bixiga" (2003)

De tanto levar frechada do teu olhar
Meu peito até parece sabe o quê?
Táubua de tiro ao álvaro
Não tem mais onde furar
Táuba de tiro ao álvaro
Não tem mais onde furar

Teu olhar mata mais do que bala de carabina
Que veneno e estriquinina
que peixeira de baiano
Teu olhar mata mais que atropelamento de automóver
Mata mais que bala de revórver.

É nítida a intenção do autor, Adoniran Barbosa, ao colocar, na letra de sua canção, termos comuns usados por falantes da cidade de São Paulo.

Ainda que pareçam incorretos, esses termos fazem parte de nossa língua. Temos, assim, uma variação possível e, além disso, o autor possui licença poética para transportar a fala cotidiana para sua obra. Que variação é essa?

O português está sujeito, como dissemos, a variações. Vamos começar com três delas: temporais, sociais e regionais. Nas variações regionais, vamos discutir três formas: sintaxe, pronúncia e vocabulário.

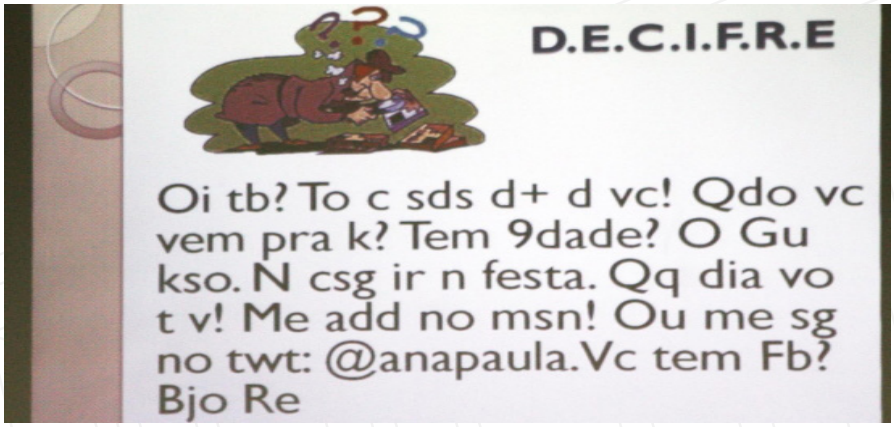
Ao falarmos sobre o vocabulário, introduziremos o conceito de dialeto e registro.

6.2. Variação temporal

A língua falada e escrita hoje é diferente da língua de anos passados. Em uma busca nos livros antigos você vai encontrar palavras escritas de forma diferente (pharmacia, lingüiça etc) ou palavras arcaicas, quase não usadas na atualidade (quiproquó, chumbrega, vossamercê etc.);

Fonte da imagem: <http://www.tribunademinas.com.br/o-internetes-eh-aki/>. Acesso: 22 mar. 2016.

Imagine nossos antepassados diante do texto abaixo. Será que eles entenderiam o "internetês", ou seja, a linguagem usada na Internet. Você consegue ler o bilhete a seguir?



Fonte da imagem: <http://professorwifi.blogspot.com.br/2016/04/use-o-internetes-favor-da-sua-aula.html>. Acesso: 22 mar. 2016.

Acho que você entendeu, mas vamos lá: "Oi, tudo bem? Estou com saudades de você! Quando você vem para cá? Tem novidade? O Gu se casou. Não consegui ir Pa festa. Qualquer dia vou te ver! Me adicione no msn! Ou me siga no Twitter: @anapaula. Você tem Facebook? Beijo, Re."

Isso é língua?! Sim! Evidentemente, ela deve ser usada em uma situação e em meios específicos. Você não escreverá assim num relatório da faculdade ou numa mensagem para o professor.

No entanto, na Internet, muitas pessoas precisam trocar mensagens rapidamente e esse tipo de escrita é aceitável – desde que você tenha garantia de que seu interlocutor pode entender sua comunicação.

6.3. Variação social

Diz respeito às formas da língua empregadas pelas diferentes classes ou grupos sociais, como o linguajar jurídico ou a gíria.

A gíria é uma variedade criada por um grupo social, como os grupos de funk, grafiteiros, heavy, metal, rap, surfistas, skatistas, etc.

A linguagem que que vimos no bilhete apresentado na variação temporal também poderia estar aqui, como exemplo de variação social. Essa nova linguagem é uma boa representação de grupos que dominam a tecnologia.

Os jargões também podem ser encaixados dentro da variação social, pois estão relacionados ao linguajar técnico. De acordo com as profissões (advogados, médicos, profissionais de TI etc.) temos uma linguagem especifica. Todavia, discutiremos os jargões mais para frente (Aula 9).

Vamos falar um pouco mais sobre as gírias. Você percebe que a gíria é uma variedade frequente, mas bastante datada. Há gírias que não são mais usadas. E há gírias que pertencem a grupos sociais específicos, como dissemos. Observe a letra da música a seguir e sugira a que grupo pertence. Para se certificar, leia ao lado sobre o autor.

"A gíria é a cultura do povo"

Intérprete Bezerra da Silva, CD "A gíria é cultura do povo" (2003)

Toda hora tem gíria no asfalto e no morro
porque ela é a cultura do povo
Pisou na bola conversa fiada malandragem
Mala sem alça é o rodo, tá de sacanagem
Tá trincado é aquilo, se toca vacilão
Tá de bom tamanho, otário fanfarrão
Tremeu na base, coisa ruim não é mole não
Tá boiando de marola, é o terror alemão
Responsa catuca é o bonde, é cerol
Tô na bola corujão vão fechar seu paletó
Toda hora tem gíria…
Se liga no papo, maluco, é o terror
Bota fé compadre, tá limpo, demorou
Sai voado, sente firmeza, tá tranquilo
Parei contigo, contexto, baranga, é aquilo
Tá ligado na fita, tá sarado
Deu bode, deu mole qualé, vacilou
Tô na área, tá de bob, tá bolado
Babou a parada, mulher de tromba, sujou
Toda hora tem gíria…
Sangue bom tem conceito, malandro e o cara aí
Vê me erra boiola, boca de sirí
Pagou mico, fala sério, tô te filmando
É ruim hem! O bicho tá pegando
Não tem caô, papo reto, tá pegado
Tá no rango mané, tá lombrado
Caloteiro, carne de pescoço, paga pau
Tô legal de você sete-um, gbo, cara de pau.

Foi possível entender a "gíria do morro" na música de Bezerra da Silva? Agora vamos falar da variação regional. Você tem alguma ideia sobre o que é? Veja abaixo.

6.4. Variação regional

Diferentes lugares têm diferentes falas. As variações regionais acontecem de acordo com a cultura de cada região. Podemos ter diferentes formas de: pronúncia, vocabulário e estrutura sintática.

Pensando na estrutura sintática, em algumas regiões as pessoas dizem ”sei não” e, em outras, “não sei”.

Quanto à pronúncia, é evidente a diferente realização de sons como o “r” e o “s” distintos em São Paulo e no Rio de Janeiro, por exemplo. Para esses diferentes sons na fala denominamos os sotaques.

Leia um pequeno trecho da interessante matéria da revista Mundo Estranho sobre o sotaque (ao lado).

O sotaque é a forma como se fala e é marcado pelo ritmo com que as palavras são expressadas verbalmente. Por exemplo, no Brasil, os mineiros falam cortando palavras, como “mineirin” (mineirinho); os cariocas marcam o “s” fortemente, o chamado “chiado” – um som próximo ao “ch” ou ao “x”, como “extudar”.

Falando-se de pronúncia, leia a piada a seguir brincando com a pronúncia caipira:

Fonte: < ttps://www.flickr.com/photos/guinanet/sets/72157603710977270/>. Acesso: 31 mar. 2016.

Na tirinha vimos dois “caipiras” conversando; deduzimos que sejam caipiras pela roupa que usam e pela forma como falam. O personagem de camisa azul pergunta ao seu companheiro como ele estava. A fala é bastante coloquial. O que o personagem queria saber era se o amigo estava bem, e por isso uso a palavra “firme”, cujo sentido era saber se o amigo estava bem.

O humor decorre da resposta do personagem com a camisa vermelha que, por uma negativa, diz uma palavra fora da norma ortográfica padrão: “futebor”. O jogo fonético das consoantes /l/ e /r/ é a causa do riso, pois no diálogo dos personagens “firme” obteve duplo sentido.

Um outro exemplo aparece na tirinha do personagem Chico Bento ilustrando a fala de uma pessoa com um nível menor de instrução.

Fonte: <http://www.profrodrigo.com/atv/7ano/portugues/simulado5.htm> Acesso: 31 mar. 2016.

A fala do personagem não compromete nosso entendimento; é uma fala espontânea e possível.

Em relação ao vocabulário, temos também muitas diferenças de região para região. A respeito dessa variação geográfica, veja mais um trecho da revista Mundo Estranho.

Você conhece algumas palavras que sejam empregadas, diferentemente, em regiões no país, mas designando uma mesma coisa? Como “mandioca” que também é conhecida por “aipim”, “macaxeira”, entre outras denominações.

Veja, abaixo, outros exemplos:

SP	RJ	NORDESTE
Chup-chup	Sacolé	Ju-ju-din-din
SUL	SUDESTE	NORDESTE
Bergamota	Tangerina	Mimosa

Identificamos nessas formas diferentes o que chamamos de dialetos.

6.5. Dialetos

Os dialetos são variedades originadas das diferenças de região ou território, de idade, de sexo, de classes ou grupos sociais e da própria evolução histórica da língua.

Os dialetos são indicadores de uma linguagem própria de uma determinada comunidade. Vimos, acima, o dialeto caipira, o modo se expressar próprio, por exemplo, do interior de Goiás, Mato Grosso do Sul, Minas Gerais, Paraná ou ainda São Paulo.

Existem diferentes tipos de dialetos: etários (com diferenças das entre as formas de expressão de geração para geração) e dialetos sociais (entre diferentes grupos sociais).

Já pensou em outros exemplos de dialetos no Brasil?

Pensou?! Temos o dialeto baiano, o dialeto carioca, o dialeto gaúcho e o dialeto mineiro.

Outra variação a ser, finalmente, discutida diz respeito ao grau de formalismo da linguagem.

6.6. Registro

As variações de registro ocorrem conforme o grau de formalismo existente na situação de comunicação; com o modo de expressão, ou seja, trata-se de um registro oral ou escrito.

Na tirinha do "Recruta Zero", a seguir, observaremos a fala do personagem masculino. Nela, veremos que o uso da norma culta é empregado por determinadas razões. Vamos à tira...

Fonte: Jornal O Fonte: Estado de São Paulo, 22/8/1997.

Observe que o personagem usa a norma culta da língua (concordância e pelo emprego das palavras) e emprega o registro formal (construções da língua escrita: ofendê-las).

Esse formalismo se dá: pela idade do locutor, pelo cargo dele ou por querer impressionar as moças.

Registro formal e norma culta estão intimamente ligados; afinal, o registro formal, como vimos na fala do senhor na tirinha, revela uma preocupação com a correção linguística e rigor sintático, ou seja, bastante imerso no uso da gramática normativa.

A escolha do registro é feita mediante o tipo de relação social e institucional ente os interlocutores. Observe como você conversa com um colega de trabalho e como você fala com o diretor da empresa; muitas vezes, a fala com o diretor é caracterizada pelo vocabulário cuidado, por uso de formas de tratamento adequadas ao contexto etc.

Como você vai falar é condicionado pelo com quem você vai falar, e condiciona, ainda, o que vai dizer.

No caso da tirinha, podemos pensar que o senhor condicionou sua fala para impressionar as moças, ou seja, sua fala estava carregada de intenções. Vejamos o que é isso.

6.7. Intencionalidade Discursiva

São as intenções, explícitas ou implícitas, existentes na linguagem dos interlocutores que participam de uma situação comunicativa. A intencionalidade pode ser bem ou malsucedida.

Na tira abaixo, veremos que a comunicação entre os dois participantes do diálogo não é bem-sucedida. Diga o porquê.

Fonte: < https://br.pinterest.com/pin/423056958732082284/>. Acesso em: 31 mar. 2017.

Ao dizer “Nada!”, o locutor deseja alertar seu interlocutor. No entanto, o interlocutor interpreta a mensagem de uma outra forma.

O humor é extraído justamente do fato de as personagens não levarem em conta o princípio básico das interações verbais que é a intencionalidade discursiva.

Ao interagirmos é preciso perceber o efeito de nossa linguagem em nosso interlocutor. O sucesso das nossas interações verbais (como locutor ou interlocutor) depende muito de nossa capacidade de lidar com a intencionalidade.

A intencionalidade discursiva não se restringe ao enunciado propriamente dito; ela também se define a partir de: quem fala, para quem se fala e em que contexto sócio-histórico é produzido o enunciado.

Leia a tirinha abaixo:

Fonte:< https://br.pinterest.com/pin/343681015298144052/>. Acesso em: 31 mar. 2017.

O fato da interlocutora não entender o significado da palavra "recíproco" compromete o processo comunicativo. Assim, se desejamos que nossa intencionalidade seja bem-sucedida temos que pensar quem é no interlocutor, temos que fazer escolhas adequadas a esse interlocutor.

E então?! Gostou do tema dessa aula? Fique atento à intencionalidade para ter sucesso em sua comunicação. Lembre-se que as normas são ambas adequadas, dependendo da situação e contexto a que estamos expostos.

O próximo tema será a adequação do discurso. Aprofundaremos o tema da intencionalidade discursiva. Aguarde!

Capítulo 7 - Intencionalidades

7. Intencionalidades

Prezado(a) Aluno(a)

Vamos ampliar o tema da nossa última aula: intencionalidade discursiva!

Vimos que a intencionalidade corresponde às intenções, explícitas ou implícitas, existentes na linguagem dos interlocutores que participam de uma situação comunicativa e pode ser bem ou malsucedida.

Tomemos um exemplo em que o fato de a intencionalidade não é bem-sucedida tem o objetivo de provocar o riso, pois a pessoa que ouve não possui os conhecimentos prévios necessários para entender a informação do suporte.

Fonte: < http://vidadesuporte.com.br/>. Acesso: 3 abr. 2017.

Você trabalha na área de TI e já viveu uma situação como essa? Tentando resolver um problema, mas seu cliente/interlocutor não tem conhecimentos mínimas para lidar com o problema e não entende suas instruções.

Falamos, em nossa aula anterior que se desejamos que nossa intencionalidade seja bem-sucedida temos que pensar quem é no interlocutor, temos que fazer escolhas adequadas a esse interlocutor.

A intenção em nosso texto ou em nossa fala deve ser clara e consciente para podermos alcançar nosso objetivo comunicativo; isto significa, muitas vezes, adotar uma linguagem que contribua para a compreensão de nosso interlocutor/leitor. Nosso interlocutor/leitor, em função do tema tratado, pode necessitar de um conhecimento prévio, e esse fato pode explicar a dificuldade de compreensão ou resposta inadequada à nossa transmissão.

A intencionalidade está ligada aos objetivos do produtor na realização de um texto. Segundo Fávero, a intencionalidade é o objetivo do autor de produzir um texto com coesão e coerência, porque isso garante a interação entre autor e leitor, ou seja, contribui para a realização das intenções e, consequentemente, para a produção de efeito.

Precisamos avaliar se nossas intenções são claras e definidas – intencionalidade explícita – ou se a intenção é percebida por meio de recursos linguísticos como a escolha do léxico, sentido figurado e ironia – intencionalidade implícita.

Vejamos duas charges que ilustram as intencionalidades explícita e implícita.

Entendendo o significado das palavras fica bastante simples perceber o efeito das intenções. "Implícito" se refere a uma informação que está subentendida. Explícito, por sua vez, indica uma informação expressa de forma clara e compreensível.

Charge 1

Fonte: <http://kdimagens.com/imagem/quando-falamos-em-lenda-qual-a-primeira-coisa-que-voce-pensa-2060>. Acesso em: 2 abr. 2017.

Charge 2

Fonte: <http://2.bp.blogspot.com/_U-3ZKLf_68º/THg1ATY-_71/AAAAAAAAAJQ/ 8cJZNg1cpJ0/s1600/charge-politica-humor.jpg>. Disponível em: Acesso em: 07 set. 2010.

Então, qual das charges é implícita e qual é a explícita? Você vez, claramente a diferença entre elas. Vamos falar disso!

A charge 1 transmite a ideia, de modo claro, de que os políticos não cumprem suas promessas de campanhas, elas são comparadas a lendas. Assim, temos a intencionalidade explícita.

A charge 2 traz a ideia, de uma maneira indireta, de que o político é desonesto. Portanto, a intencionalidade é implícita; a intenção fica nas entrelinhas. O eleitor ironiza a fala do político. Embora pareça uma piada apenas sobre a atual histórica política no país, conta um evento ocorrido, há mais de 50 anos, como ex-governador de São Paulo Adhemar de Barros.

Quando falamos da intencionalidade, estamos falando do efeito pretendido em nossa comunicação. E para cada intenção existe uma forma de linguagem adequada. Em determinadas situações, sobretudo no ambiente de trabalho, se nossa intenção não é bastante clara, há mais chances de termos problemas na comunicação.

É bastante comum que essas situações ocorram por pressupormos que nosso interlocutor tenha as mesmas informações que nós. As suposições podem ser um risco no ambiente de trabalho. E podem ocorrer não apenas entre funcionários e clientes, mas também entre os funcionários.

Ao produzirmos um discurso devemos buscar adequação. Quando falamos em adequação estamos falando sobre o texto e o contexto serem colocados em relação aos interlocutores, ao tempo e espaço da enunciação, à intencionalidade comunicativa etc.

7.1. Adequação Discursiva

Resumindo de uma forma simplista, o discurso é todo e qualquer enunciado que um falante produz em uma situação comunicativa, isso quer dizer, quando uma pessoa está falando com alguém ou escrevendo ou se comunicando por diversos canais (carta, internet etc.). A adequação corresponde à escolha feita pelos participantes (locutor e interlocutor) em face à situação concreta que os participantes estão vivendo, levando em conta a relação entre o locutor e o interlocutor e também o objetivo da comunicação.

É preciso ter cuidado com a elaboração comunicativa. Você não vai dar parabéns a um colega que acabe de perder um ente querido, você não vai usar gírias numa apresentação de projeto ao seu superior hierárquico e ao seu possível novo cliente.

Assim, a adequação diz respeito a essas escolhas. Como você pode notar, intencionalidade e adequação discursiva são termos intimamente ligados. Os textos têm uma finalidade e um receptor a que se destina; não devemos supor que nosso interlocutor entenda nossa comunicação se não levamos em conta fatores que permitem que esse interlocutor nos entenda. Por exemplo, se usamos o nível de linguagem inadequado ou se falhamos em relação à falta de coesão em nossa mensagem.

Suposições são mais frequentes do que imaginamos. Leia o texto a seguir. Vamos discutir a questão da intencionalidade sobre outro aspecto – o perigo das suposições. Uma boa lição - quaisquer que sejam os locutores e interlocutores - é desejar ouvir mais do falar.

7.2. Os problemas de comunicação no ambiente de trabalho

Escrito por Chris Newton

Fonte: < http://www.ehow.com.br/problemas-comunicacao-ambiente-info_ 33220/>. Acesso em: 25 ago. 2014

A comunicação no local de trabalho é um componente crucial do bom desempenho e do sucesso da equipe. Para que determinadas tarefas sejam realizadas a tempo, os gerentes devem se comunicar de forma eficaz com os funcionários e, para saber do progresso e das questões de um projeto, os funcionários devem se comunicar de forma eficaz com os gerentes e colegas de trabalho. Os problemas de comunicação existem entre os funcionários e, quando ocorrem, podem retardar a produtividade.

Não se manifestar

Um problema de comunicação surge quando um funcionário não se sente confortável ao falar sobre um problema que teve com um projeto ou de relacionamento com um colega de trabalho. Alguns funcionários podem achar que, ao falar sobre os problemas, serão desaprovados para projetos futuros. Se o funcionário estiver trabalhando em uma determinada tarefa de um projeto que está atrasado, esse atraso pode afetar a sua capacidade de realizar outras tarefas dentro do prazo. Caso isso esteja acontecendo, ele precisa informar à equipe o quanto antes, para que o cronograma do projeto possa ser ajustado e para que ele receba ajuda dos outros membros, se necessário. Alguns funcionários também têm receio de falar sobre os problemas que têm com outros colegas de trabalho. Mais uma vez, não informar ao gerente só prolonga o problema e permite que as questões aumentem e comecem a afetar outros funcionários.

7.3. Mensagens instantâneas e e-mail

Muitos escritórios usam mensagens instantâneas e e-mail para comunicar várias informações. Embora essas ferramentas sejam eficazes e convenientes, às vezes, elas também causam problemas. As comunicações feitas através dessas ferramentas, muitas vezes, não são muito pessoais. É difícil expressar as emoções usando esses meios. Alguém pode ler um e-mail e interpretar mal o tom da pessoa que o enviou. Por exemplo, um gerente de projeto pode enviar um e-mail informando sobre uma reunião de última hora, para que sejam discutidas as revisões do cronograma de um projeto. Alguns empregados podem ler a mensagem e, automaticamente, assumir que as mudanças são negativas ou ocorrem devido ao mau desempenho. Embora essas mensagens online sejam ideais para partilhar informações, dados ou mensagens curtas, uma conversa cara-a-cara ou um telefonema, muitas vezes, é a melhor solução para transmitir outros tipos de informações, especialmente elogios ou críticas.

7.4. Suposições

As suposições também causam problemas de comunicação em um ambiente de escritório. Esse é um problema comum entre funcionários e gerentes. Às vezes, quando um gerente ou empregado tem conhecimento sobre determinada informação importante ele supõe que, porque sabe a respeito, todos também devem saber. Quando a equipe não está em sintonia quanto às informações ou notícias mais atuais, o projeto sofre. Então, no início de cada reunião com a equipe, atualize a todos sobre as últimas informações e peça para os funcionários compartilharem as notícias ou informações que sejam rele-

vantes para a equipe ou para o projeto.

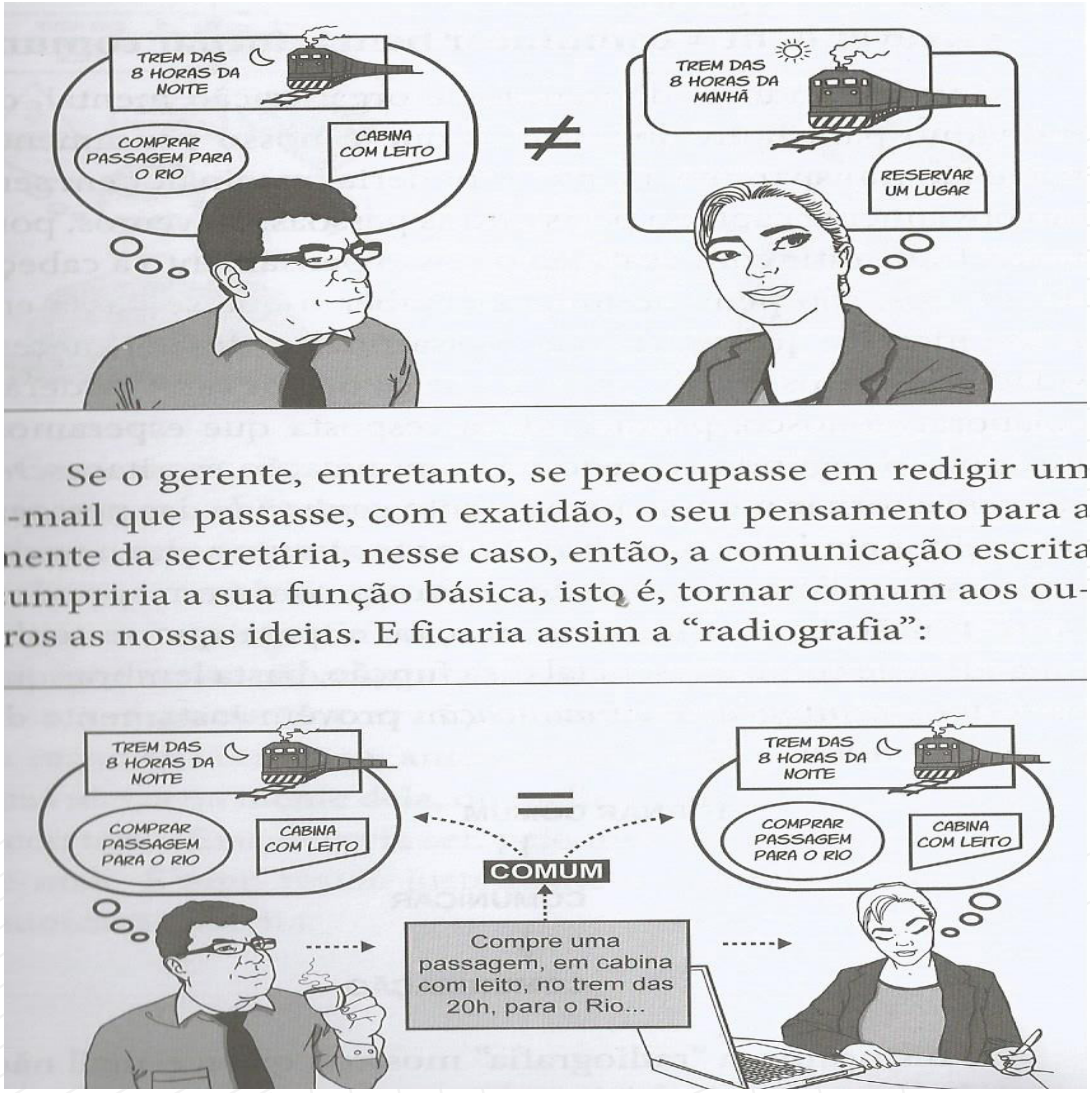
7.4.1. Comunicação como uma via de mão única

As linhas de comunicação entre os funcionários ou entre eles e os gerentes devem ser uma via de mão dupla. Caso contrário, os trabalhadores se sentirão desvalorizados. Por exemplo, se um gerente se reúne com a equipe no início de cada semana e faz as atribuições para todos antes de finalizar a reunião, é provável que ele esteja ferindo a moral da equipe por não oferecer tempo para que os funcionários discutam suas opiniões e experiências de trabalho no projeto. Um gerente precisa ouvir as preocupações e ideias de sua equipe. Da mesma forma, os funcionários devem trabalhar em conjunto e respeitar a opinião de todos, mesmo que não estejam completamente de acordo. Um funcionário que só fala e nunca ouve não tem um bom espírito de equipe. Ouvir as outras pessoas (e dar a elas a oportunidade de falar) pode lançar uma nova perspectiva sobre uma situação difícil, ou pode lhe ensinar novas competências que melhoram o seu valor na empresa.

Na Comunicação Corporativa, é muito comum encontrarmos alguns equívocos com relação à linguagem. Veja a mensagem enviada a secretária e o que a redação descuidada resultou.

Fonte: BLIKSTEIN, Izidoro. Técnicas de Comunicação. São Paulo: Contexto, 2016, p.11.

O chefe estava pensando em algo, mas Maria, sua secretaria entendeu de acordo com a mensagem escrita. Vamos observar cada um desses personagens:



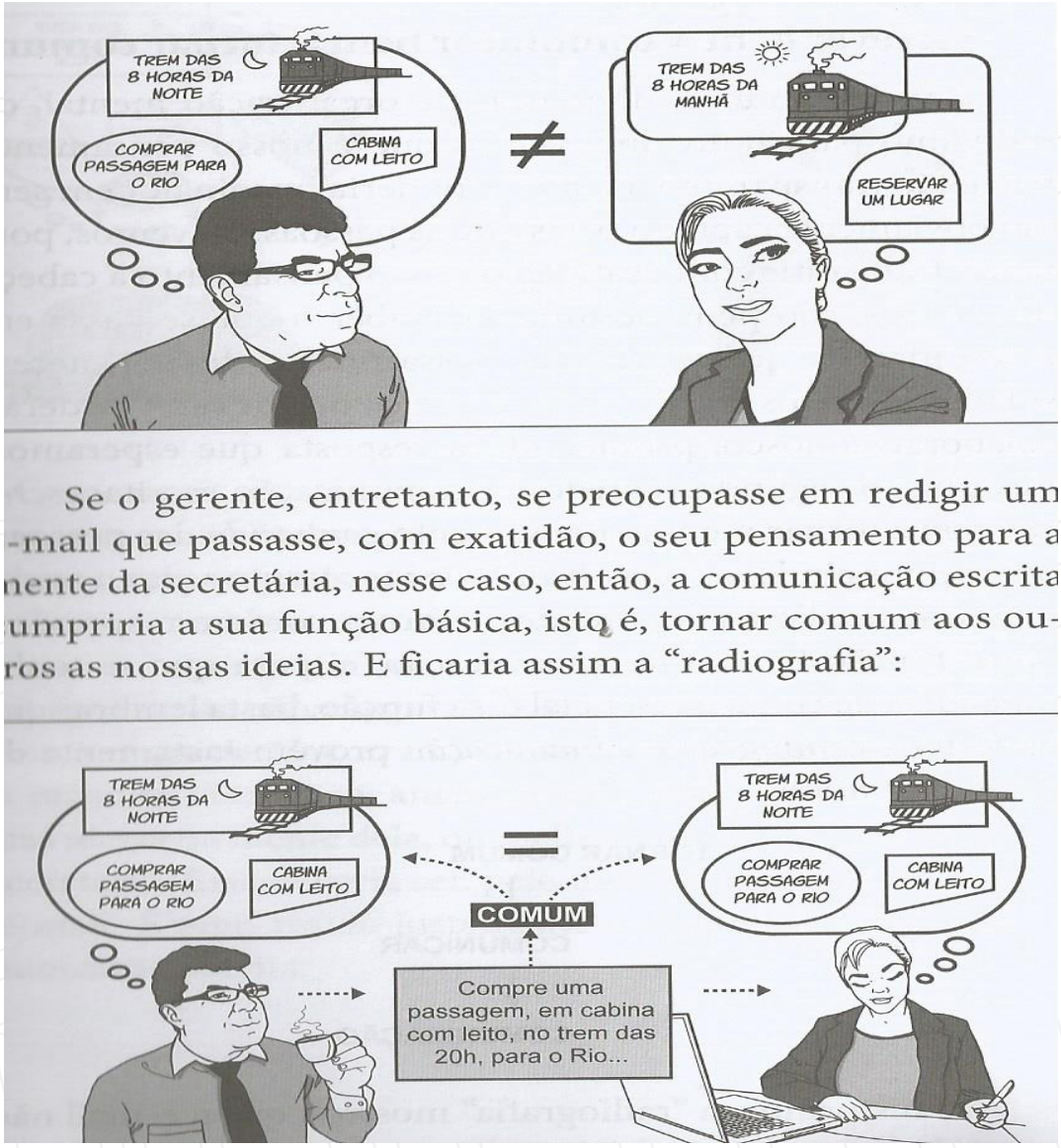
Fonte: BLIKSTEIN, Izidoro. Técnicas de Comunicação. São Paulo: Contexto, 2016, p.30.

Você percebeu a confusão por causa de uma simples mensagem em cujo texto não houve uma boa adequação?

Pense como o chefe poderia escrever sua mensagem de modo a evitar qualquer ambiguidade ou mal entendimento. Como ambos poderiam chegar a um denominador comum, ou seja, ambos tivessem a mesma ideia acerca da questão posta?

Se o gerente se preocupasse em redigir a mensagem com exatidão, a secretária entenderia seu desejo. O autor desse exemplo, Isidoro Blikstein nos lembra que os termos "comunicar" e "comunicação" provêm da palavra "comum"; o que significa dizer que comunicar é tornar algo comum.

Assim, o texto seria mais eficiente, e a intenção do autor totalmente compreendida se a mensagem fosse escrita com exatidão. Veja:



Fonte: BLIKSTEIN, Izidoro. Técnicas de Comunicação. São Paulo: Contexto, 2016, p.32.

Além da escolha das palavras, da observação sobre o interlocutor, sobre a busca da exatidão, vamos nos atentar a algumas diferenças. Os discursos são divididos em diferentes tipos; os tipos dependerão dos teóricos usados.

Vamos nos restringir a um autor para simplificarmos o tema.

7.5. Tipos de Discurso

No livro "Linguagem e Persuasão", o professor Adilson Citelli apresenta 5 tipos de discursos. Ao relacionarmos esses diferentes tipos, será muito difícil identificarmos um não tenha em seu cerne elementos persuasivos.

Como afirma próprio professor Citelli: "É muito difícil rastrearmos organizações discursivas que escapem à persuasão; talvez a arte, algumas manifestações literárias, jogos verbais, um ou outro texto marcado pelo elemento lúdico."

Trataremos dos seguintes tipos de discursos: autoritário, autorizado, dominante, lúdico e polêmico. No entanto, há autores que mencionam ainda outros tipos de discursos como: amoroso, científico, emocional, filosófico, sedutor e servil. Embora possamos encaixar alguns discursos na divisão proposta por Citelli, vamos destacar também os discursos: acadêmico, jornalístico, publicitário e religioso.

Poderíamos apenas relacionar os discursos de acordo com o grau de persuasão. Teríamos com o grau mínimo de persuasão, o discurso lúdico; com grau médio, o discurso polêmico; e com grau máximo o discurso autoritário. Vejamos os tipos citados no livro Linguagem e Persuasão:

Discurso Autoritário

É um discurso exclusivista que não permite mediações ou ponderações, por excelência persuasiva. Pode ser encontrado na família (o pai que manda, sob a máscara do conselho); na igreja (quando um padre ameaça sob a guarda de Deus; no quartel (por meio das ordens e hierarquia de uma patente militar).

Existe até mesmo na comunicação de massa, no discurso publicitário, cujo objetivo racionalizar o consumo por meio de uma estrutura manipuladora. É importante diferenciá-lo do discurso dominante, pois mesmo pessoas sem poder podem ser extremamente autoritárias (por exemplo um mendigo que subjuga sua companheira).

A charge a seguir apresenta a fala de um político ("Os que vão receber 41% de aumento de salário não pensem em crise. Os outros trabalhem.") com um discurso autoritário no qual observamos o uso do modo imperativo reforçando a ideia de ordem.

O discurso busca o convencimento, não permitindo ponderações. O interlocutor é transformado em mero receptor, não cabendo a ele reflexão.

Fonte da imagem: < http://altamiroborges.blogspot.com.br/2016/06/temer-fragmentos-do-discurso-autoritario.html>. Acesso em: 28 mar. 2017.

Discurso Autorizado

É aquele proferido por alguém dotado de autoridade para ser o porta-voz de um determinado segmento social ou instituição; por exemplo, o discurso de um médico, um reitor ou um gerente de uma empresa.

7.6. Discurso Lúdico

É a forma mais aberta de discurso, feito por puro prazer, com um menor grau de persuasão. O discurso lúdico compreende boa parte da produção artística, por exemplo, a música, a literatura. A própria descoberta da linguagem pela criança tem o caráter do jogo com as palavras, encontrado no discurso lúdico.

7.7. Discurso Polêmico

É aquele em que duas ou mais pessoas ou facções emitem opiniões contrárias, podendo ser a respeito de um tema banal ou até uma discussão filosófico-existencial. Muitas vezes, os participantes não se expõem, ao contrário buscam dominar o seu referente. Como afirma o professor Citelli, "Há uma luta onde uma voz tenderá a derrotar a outra.".

Alguns outros discursos que desejamos destacar:

7.8. Discurso Acadêmico

Apresenta – ou costuma apresentar – uma estrutura rígida do texto; estrutura típica das dissertações científicas. Envolve a transmissão de saber científico. É caracterizado, quase sempre, por dois fatores: a necessidade de um glossário próprio (e apropriado) e a impessoalidade (nem sempre alcançada) do discurso.

7.9. Discurso Jornalístico

Prima por tentar se apresentado com imparcialidade e objetividade, por buscar-se compreensível ao receptor. Assim, condena-se, o excesso de adjetivação; o máximo de informação deve ocupar o mínimo de espaço.

7.10. Discurso Publicitário

Tender a ser original, instigante, com grande força persuasiva. O texto publicitário nasce de vários fatores sejam psico-sociais-econômicos, sejam do uso de efeitos retóricos aos quais não faltam as figuras de linguagem, as técnicas argumentativas, os raciocínios.

7.11. Discurso Religioso

É uma das formações discursivas mais explicitamente persuasivas. Embora a autoria seja conhecida, é não-determinada, pois a fala do padre/pastor se constrói como verdade não sua, mas do outro, aquele que, por ser considerado determinação de todas as coisas, apresenta-se como dogma.

Capítulo 8 - Organização Textual

8. Organização Textual

Prezado(a) Aluno(a)

Em nossa última aula falamos sobre da intencionalidade e sobre os diferentes tipos de textos.

Nessa aula, você irá, sobretudo, saber o que é:

Textualidade;

Coesão;

Coerência e

Organizadores textuais;

Teremos muitas informações interessantes sobre para você melhorar sua produção textual.

Fique atento às dicas!

8.1. TEXTUALIDADE

São as relações existentes entre palavras, frases e ideias, ou seja, um texto apresenta textualidade quando é um todo significativo, e não um aglomerado de palavras e frases.

Vejamos uma tirinha para explicar melhor o conceito.

Fonte: Pais&Teens, fev./mar./abr. 1998

Como vimos, o texto de Angeli é formado por uma sequência de quadrinhos. Ao lermos apenas um quadrinho ou a tira de trás para frente, comprometemos o sentido global e o humor do texto.

Um texto é uma unidade de linguagem em uso, cumprindo uma função identificável num dado jogo de atuação sociocomunicativa.

Segundo Roland Barthes, texto quer dizer tecido – "que se faz e se trabalha através de um entrelaçamento perpétuo".

Pense na imagem do tecido.

Para você, faz sentido pensar no "texto" como tecido? Você entende a ideia?

Na verdade, recupera-se a etimologia da palavra. "Texto" é derivada de "textus" do latim, que originalmente significava "material de tecido", pois é derivado do verbo "texere", ou seja, "tecer".

Tomando a frase "O ontem exercício aluno fez." e, rapidamente, percebemos que se um texto fosse um conjunto de frases, bastaria agrupá-las. No entanto, as palavras precisam ser cômodas em uma ordem gramatical (sujeito-verbo-complemento) para torná-la compreensível.

Considerando "O exercício fez o aluno" percebemos também que é necessário organizar ainda o nível semântico do texto.

Portanto, um texto não é apenas a soma das partes, mas pressupõe uma organização interna específica (a sequência das partes e a relação existente entre as ideias e as palavras).

TEXTO = UNIDADE

Entenda essa equação! Texto não é uma simples sequência de frases isoladas, mas uma unidade linguística com propriedades estruturais específicas.

- **Unidade linguística concreta;**
- **Enunciado dotado de sentido;**
- **Mensagem carregada de sentido e intencionalidade comunicativa.**

São vários os fatores que fazem um texto não ser um amontoado de frases. Além da intencionalidade, muitos outros fatores são responsáveis pela textualidade, a saber: aceitabilidade; consistência e relevância; informatividade; intertextualidade; situacionalidade, e mais dois para os quais daremos maior atenção – coesão e coerência.

8.2. Fatores responsáveis pela textualidade

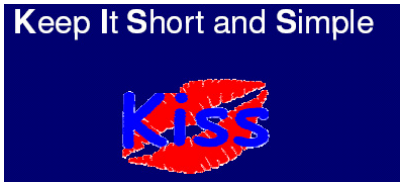
Vamos resumir cada um dos fatores responsáveis pela textualidade em um discurso, em um texto.

Aceitabilidade: É fundamental para estabelecer o contato discursivo, pois é preciso, antes de qualquer coisa, que o leitor aceite, proponha-se a interpretar o texto.

Consistência e relevância: Os enunciados de um texto não podem apresentar contradição dentro do mundo representado e precisam conter unidade temática, isto é, falado mesmo tema. Perceba na charge abaixo que o tema não é relevante para os envolvidos na situação de comunicação.

Fonte: < http://astrilhasdafilosofia.blogspot.com.br/2012/03/valores-mafalda-o- que-tem-nesse-recorte.html>. Acesso em: 10 abr. 2017.

Informatividade: Em maior ou menor grau ela orienta o leitor ao estabelecimento do sentido com maior ou menor facilidade. Há um princípio muito interessante, brincando com a palavra “beijo” em inglês, chamado “Kiss”: keet it short and simple – cuja tradução seria, “mantenha isso curto e simples”.



Intertextualidade: influência de um texto sobre outro que o toma como modelo ou ponto de partida, e que gera a atualização do texto citado. Você conhece o texto que aparece na tirinha abaixo?

(*Vida de passarinho*. 2ª ed. Porto Alegre: L&PM, 1995. p. 47.)

A tira é faz uma clara referência ao famoso poema de Carlos Drummond de Andrade. Você conhece? Evidentemente, a tira tem como finalidade criar um efeito de humor.

Já o texto de Drummond tem como finalidade a reflexão. Embora o poema nos pareça simples, Drummond surpreendeu a crítica em 1928, ano de publicação, com um poema que adotava o a redundância, o uso do verbo "ter" (quando a forma "elegante" da época, seguindo a norma culta, pedia o "haver") e com uma metáfora da vida. A pedra seria o problema, lembrado ao longo da vida, ou seja, um momento marcante, resultado de uma dificuldade.

Vamos conhecer o poema:

No meio do caminho

No meio do caminho tinha uma pedra
tinha uma pedra no meio do caminho
tinha uma pedra
no meio do caminho tinha uma pedra.

Nunca me esquecerei desse acontecimento
na vida de minhas retinas tão fatigadas.
Nunca me esquecerei que no meio do caminho
tinha pedra
tinha uma pedra no meio do caminho
no meio do caminho tinha uma pedra.
(ANDRADE. Carlos Drummond de. **Antologia Poética.**
27ª. ed. Rio de Janeiro: Record, 1991. p. 196)

Situacionalidade: O local e o momento de produção e de leitura de um texto interferem em sua interpretação. Observe a imagem abaixo e como a interpretação do personagem não corresponde à situação apresentada.

Fonte: < http://www.portugues.seed.pr.gov.br/modules/galeria/detalhe. php?foto=152&evento=3>. Acesso: 10 abr. 2017.

Coesão: São as articulações gramaticais entre as palavras, orações, frases, parágrafos e partes maiores de um texto que garantem sua conexão sequencial.

Coerência: É o resultado da articulação das ideias de um texto; é a estrutura lógico-semântica que faz com que, numa situação discursiva, palavras e frases componham um todo significativo para os interlocutores.

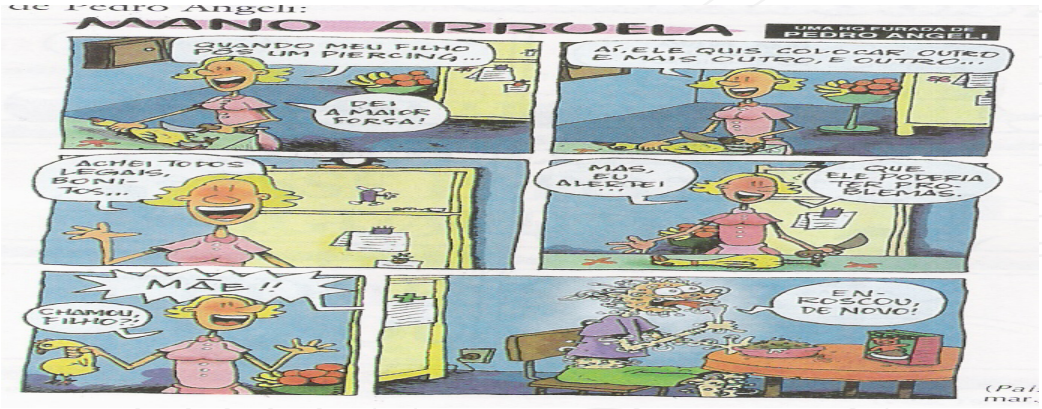
Alguns pontos a considerar...

8.3. Coesão

Vimos que coesão diz respeito às articulações gramaticais entre as palavras, orações, frases, parágrafos e partes maiores de um texto garantindo uma conexão sequencial.

Há coesão entre palavras e partes maiores do texto por meio de conectores/organizadores textuais.

Vamos tomar uma parte da charge de Angeli:



"Aí, ele quis colocar outro e mais outro, e outro..." – Observe a palavra "Aí" e a relação entre "ele" e "outro", referindo-se ao filho e aos piercings. Na linguagem formal, preferimos usar outras palavras como "Depois", "A seguir" etc. Também note a presença do conector "e", ligando termos de mesmo valor.

A coesão também está presente na concordância entre verbos e nomes. "Ele quis colocar outro...". Quando temos o sujeito "ele", pronome na 3ª pessoa. O verbo deve vir na 3ª pessoa do singular ("viu").

Na língua, temos muitos recursos para garantir o mecanismo de coesão. Falemos um pouco sobre isso.

8.4. Mecanismos de coesão

Vamos entender os mecanismos como elementos que asseguram a unidade e a estruturação de um texto. Abaixo alguns deles:

Referência (pessoal, demonstrativa, comparativa): Pronomes, advérbios e os artigos são os elementos de coesão que proporcionam a unidade do texto. Exemplo: É um exercício igual ao da semana passada.

Substituição (nominal, verbal, frasal): É usada para abreviar sentenças inteiras, substituindo-as por uma expressão com significado equivalente. Exemplo: Gláucia e Andrea compraram um livro de Comunicação e Expressão. As colegas fizeram o mesmo.

Elipse (nominal, verbal, frasal): Quando se omite um termo a fim de evitar sua repetição. Exemplo:

- Ele vai conosco à aula?

-Vai.

Conjunção ou conexão (aditiva, adversativa, causal etc.): Empregam-se alguns termos com valor de oposição (mas, contudo, todavia, porém, entretanto, contudo), de concessão ou contradição (embora, ainda que, se bem que, apesar de, conquanto, mesmo que), de causa (porque, pois, como, já que, visto

que, uma vez que), condição (caso, se, a menos que, contanto que) ou finalidade (para que, para, a fim de, com o objetivo de, com a finalidade de, com intenção de) para tornar o texto compreensível.

Exemplos: - Houve uma grande confusão. Logo depois, todos os problemas foram resolvidos. Estamos aqui a fim de aprender mais sobre a produção textual.

Lexical (repetição, sinonímia, hiperonímia, uso de nomes genéricos, colocação): Quando são usadas palavras ou expressões sinônimas de algum termo subsequente. Exemplo: O avião ia levantar voo. O aparelho fazia um ruído ensurdecedor.

Observe um texto sem coesão:

Olhar fixo na tela. Apenas um texto. Nenhum sinal de solução. Tentativa desesperada de recordar alguma coisa. Nada.

O texto não oferece elementos coesivos. Apesar disso, há coerência. Vistos os mecanismos coesivos, vamos falar, então, sobre a coerência.

8.5. Coerência

A coerência é um termo da filosofia, mais especificamente da lógica. Etimologicamente, vem do latim (cohaerentia - ae) e significa ligação ou harmonia entre situações, acontecimentos ou ideias.

É o resultado da articulação das ideias de um texto; é a estrutura lógico-semântica que faz com que, numa situação discursiva, palavras e frases componham um todo significativo para os interlocutores.

Vejamos uma sentença em que há coesão sem coerência:

“Fui à praia me bronzear porque estava nevando e, quando isso ocorre, o calor aumenta, o que faz com que sintamos frio.”

A frase acima tem claramente um problema quanto à concatenação das ideias. A coerência se estabelece na dependência do:

conhecimento de elementos linguísticos,

conhecimento de mundo,

conhecimento partilhado entre produtor e receptor do texto e de fatores sociais e interacionais.

Retomando mais uma vez a charge de Angeli, observe a coerência textual.

- A mãe diz ter apoiado a iniciativa do filho de usar piercings (quadrinhos 1, 2 e 3);

- A mãe estabelece uma relação de oposição entre o apoio e os eventuais problemas que o filho possa ter (quadrinho 4);

- A última cena, na qual o filho pede ajuda à mãe que já alertava sobre os perigos dos piercings, é coerente com as anteriores, e também coerente com o papel que uma mãe desempenha em nossa cultura.

Agora você entende o que seu/sua professor/a cobra em seus textos quando diz que há falhas coesivas ou que a argumentação não é coerente ou que o texto é repetitivo ("circular") etc.

Você consegue pensar em outro texto em que haja coerência sem coesão?

Vimos que isso é possível, pois há textos que se organizam por justaposição ou com elipses e, ainda assim, podem ser considerados textos por seus leitores/ouvintes, pois constituem uma unidade de sentido. A famosa música Águas de março, de Tom Jobim, é um bom exemplo de um texto que se constrói por justaposição.

Observe a mensagem a seguir:

"A partir de amanhã, os empregados somente poderão acessar o prédio usando cartões de segurança individuais. As fotografias serão tiradas na próxima quarta-feira, e os empregados receberão seus cartões em duas semanas".

(Fred Dales, Microsoft, Redmond, WA)

Vamos destacar alguns trechos para você:

"A partir de amanhã, os empregados somente poderão acessar o prédio usando cartões de segurança individuais. As fotografias serão tiradas na próxima quarta-feira, e os empregados receberão seus cartões em duas semanas".

Se lermos a mensagem muito rapidamente, talvez não percebamos a falha na coerência. Pergunte-se "quando" e terá uma confusão mental. A empresa não pode exigir que os empregados apresentem cartão de identificação duas semanas antes de disponibilizá-los. No texto, existe uma contradição, uma incoerência, e assim, não faz sentido para aqueles que o leem.

Concluindo, a coerência que faz com que o texto faça sentido para os leitores; diz respeito à possibilidade de estabelecer, no texto, alguma forma de unidade ou relação. É ela que permite identificar o texto como uma unidade de sentido.

Para que um texto seja coerente, é preciso que:

contenha no seu desenvolvimento linear elementos de recorrência.	O professor Takuno e o professor Takai aguardavam ansiosos pelo retorno de coordenadora. Hoje, enfim, ela voltou!
haja no seu desenvolvimento uma ampliação do sentido constantemente renovada.	O estudante não conseguia se expressar de forma alguma. Quanto mais tentava, mais confuso ficava. Um dia, porém, cansado de ser estereotipado por seus amigos e professores, decidiu fazer um curso de Comunicação.
no seu desenvolvimento não haja nenhum elemento que contradiga o que já foi enunciado anteriormente	O estudante era um excelente programador. Seus projetos eram muito elogiados e sempre resolviam perfeitamente os problemas do cliente.
os fatos que se denotam no mundo representado pelo texto estejam relacionados.	A secretária ligou para o suporte. O novo programa não rodava.

Repetição	contenha no seu desenvolvimento linear elementos de recorrência.
Progressão	haja no seu desenvolvimento uma ampliação do sentido constantemente renovada.
Não-contradição	no seu desenvolvimento não haja nenhum elemento que contradiga o que já foi enunciado anteriormente
Relação	os fatos que se denotam no mundo representado pelo texto estejam relacionados.

Existem algumas metarregras para encontrarmos uma boa formação textual. Colocamos em uma tabela para simplificar. Leia a seguir.

Fonte: < http://revisaja.com.br/conheca-as-metarregras-de-coerencia/>. Acesso em: 12 abr. 2017.

1. Metarregra de repetição: você deve repetir determinados elementos linguísticos como palavras, por

exemplo, mas sem exagerar na repetição.

Como evitar a repetição negativa:

substitua palavras, usando sinônimos;

use 'elipse', ou seja, determinada palavra fica subentendida.

2. Metarregra de progressão: você precisa ter a capacidade de demonstrar que, de fato, o seu texto avança.

Como evitar a falta de progressão:

Insira informações novas para o texto progredir.

3. Metarregra de não contradição: você não deve afirmar algo em um determinado trecho e depois cair em contradição.

Como evitar a não contradição:

Não defenda e negue a mesma ideia.

4. Metarregra de relação: você deve trazer o mundo exterior para dentro do seu texto, demonstrando sua capacidade de representá-lo.

Como evitar a não relação:

Traga fatos, situações quaisquer, personagens, postos no mundo exterior precisam ser captados ou representados pelo seu texto.

Tendo colocado os principais pontos para produzir um bom texto, vamos pensar um pouco mais sobre a estruturação pelo uso dos elementos de coesão, também chamados de organizadores textuais.

8.6. Organizadores textuais

Os organizadores textuais são palavras ou expressões que relacionam uma parte do texto à outra e têm um papel importante na definição do sentido geral do texto. Nada mais que os conectivos usados para a coesão textual. Vimos diversos exemplos, mas vamos separar alguns muito usados.

Além disso;

Em suma;

Entretanto;

Pois;

Porém;

Portanto; Posto que;

Também; ..., entre outros.

Nenhuma surpresa! Vimos vários desses organizadores, ou como preferem alguns, conectores, nos mecanismos de coesão. Nessa parte da aula, vamos entender o funcionamento desses elementos e como colocá-los em um texto.

Em primeiro lugar, perceba que os organizadores apresentados anteriormente têm diversos “sinônimos”.

Em segundo lugar, observe que os organizadores têm funções específicas.

Introduzir argumentos: pois, posto que, já que, uma vez que, visto que;

Acrescentar argumentos: ademais, além disso, também, finalmente;

Introduzir conclusão: em suma, portanto, logo, por conseguinte, consequentemente, por isso, assim sendo, assim, desse modo, finalmente;

Introduzir uma ideia na direção contrária do que é afirmado anteriormente: entretanto, porém, todavia, contudo, no entanto, mas.

Multiplicando essas funções observem quantos organizadores podemos usar para dar coesão ao nosso texto.

Colocamos em tabelas, diversos elementos para coesão:

Continuação Distribuição Enumeração	Explicação Negação Oposição
- antes de tudo - a par disso - a princípio - depois - em linhas gerais - em primeiro lugar - em seguida - entrementes - neste momento - no geral - por sua vez - por seu turno	- ao contrário disso - de outro lado - de outra parte - diferente disso - diversamente - embora - entretanto - não obstante - no entanto - pois - por outro lado - outrossim

	Conclusão
- ainda bem - de igual forma - da mesma sorte - do mesmo modo que - felizmente - infelizmente - na verdade - no mesmo sentido - obviamente - realmente - semelhantemente	- assim - concluindo - consequentemente - em última análise - enfim - em síntese - em suma - finalmente - por conseguinte - por fim - por tais razões - por tudo isso - posto isso

Adição / Inclusão / Realce
- agora
- ainda
- além disso
- além desse fato
- apenas
- até
- de modo geral
- é certo
- é inegável
- em outras palavras
- exceto
- excluindo
- inclusive
- por iguais razões
- senão
- sequer
- só
- somente
- também
- vale lembrar

Para finalizar, vamos apresentar dois textos curtos e bem estruturados que fornecem argumentos diferentes para um mesmo problema: a habitação.

Texto 1

A habitação é um grande problema nos centros urbanos. Há, por toda São Paulo, favelas e pessoas dormindo nas ruas. A melhor solução para esse problema é a construção de prédios populares de apartamentos, pois os edifícios custam menos do que as casas e possibilitam que um número maior de pessoas possa morar num mesmo terreno.

Além disso, com a construção de prédios, há uma economia na instalação de redes de esgoto e de luz e os gastos podem ser divididos.

É preciso considerar também que os edifícios possibilitam mais segurança por um preço menor, pois os gastos podem ser divididos por todos os moradores.

Portanto, ainda que alguns arquitetos defendam a construção de casas populares, a forma mais econômica de resolver o problema da moradia é a construção de prédios de apartamentos.

Fonte: BARBOSA, Jacqueline P. Sequência Didática – Artigo de Opinião. Imprensa Oficial, 2006. (EMR -Ensino Médio em Rede / Programa de Formação Continuada para Professores do Ensino médio)

O que você achou?

Trata-se de um texto simples, mas eficiente. O autor apresenta com clareza a defesa de seu ponto de vista – a solução do problema está na construção de mais prédios –, enumerando diversos argumentos para defender sua tese.

Agora vamos ler o texto 2, cuja ideia principal é a defesa de casa para solucionar o problema da habitação. O texto é igualmente coeso. E ou autor usa outros elementos para estruturar o texto, apresentando diferentes argumentos para defender sua tese.

Texto 2

Em Primeiro lugar, porque a existência de muitos prédios dificulta a dispersão dos poluentes do ar, que nas cidades grandes já estão presentes em grandes quantidades.

Em segundo lugar, porque um grande número de muitos edifícios impede que os raios de sol iluminem as casas das pessoas, o que não faz bem à saúde, além de aumentar o consumo de energia, que o país tem que economizar.

Finalmente, um grande número de pessoas morando em um mesmo local acarreta uma necessidade maior de transportes, o que contribui para piorar o trânsito de veículos na cidade.

Assim, o problema de habitação que as grandes cidades possuem deve ser resolvido com a construção de casas populares, e não com o aumento do número de edifícios.

Fonte: BARBOSA, Jacqueline P. Sequência Didática – Artigo de Opinião. Imprensa Oficial, 2006. (EMR -Ensino Médio em Rede / Programa de Formação Continuada para Professores do Ensino médio)

Você percebeu que ambos os textos são coerentes e coesos? Usam diferentes organizadores, mas estruturam o texto com bastante eficiência para defender uma ideia-tese.

Desse modo, ao escrever seus textos dissertativos ou mesmo sua participação nos fóruns considere, principalmente:

Domínio da norma culta da língua escrita, observando a correção gramatical e evitando o excesso de coloquialismo;

Estrutura formal do texto dissertativo-argumentativo, levando-se em conta a compreensão da proposta, a reflexão sobre o tema e o uso de conceitos de diferentes áreas de conhecimento para desenvolver o tema;

Coerência na apresentação das informações, fatos e opiniões;

Coesão entre as ideias, levando-se em conta a estrutura do texto, o registro de situação formal, a justaposição de frases e ou palavras, o uso dos recursos coesivos e a articulação adequada das partes do texto.

Lembre-se que uma “dissertação é um tipo de texto que analisa, interpreta, relaciona dados, informações e conceitos amplos, tendo em vista a construção de uma argumentação em defesa de um ponto de vista”.

Na dissertação, deve-se apresentar explicitamente uma opinião, valendo-se do recurso de textos de apoio para comprovar hipóteses e teses e assegurar a manutenção de um projeto de texto.

Esperamos que essa aula ajude você a escrever melhor e ficar mais atento ao uso dos organizadores.

Falamos sobre dos diferentes fatores e organizadores para melhorar sua produção textual.

Nosso próximo tema será a inadequação gramatical. Vamos falar sobre os problemas mais frequentes quando o assunto é a gramática negativa.

Vai ser um tópico muito interessant

Capítulo 9 - Inadequações

9. Inadequações

Prezado(a) Aluno(a)

Vamos falar sobre as “inadequações”. Sobre exatamente o que seria isso? Pense, por exemplo, no uso do “tá”. Todos entendemos o que significa; podemos escrever num bilhete. No entanto, sabemos que o “tá” seria visto como uma falha se fosse apresentado em um texto acadêmico.

Pensemos em outros exemplos. A colocação de certos pronomes em desacordo com a gramática. Normalmente, dizemos: “me empresta uma caneta.”. Contudo, o uso do pronome “me” em frente ao verbo é oficialmente errado. Segundo a gramática, deveríamos usar: “Empreste-me uma caneta.”. Sabemos que na fala temos grande liberdade, porém, ao escrevermos, estamos mais preocupados com as regras.

Se você disser “eu assisti o jogo ontem”, nenhum de seus colegas irá corrigir sua sentença - “eu assisti ao jogo ontem”. Algumas inadequações são mais aceitas que outras. O exemplo, “o guarda vai multar eu” soa mais negativamente, como também “nóis foi lá” ou ainda “a gente tivemos um problema”. Essas são construções possíveis na nossa língua, mas têm domínio de aceitabilidade e uso social diferentes.

Nessa aula, você irá fixar alguns usos exigidos pela gramática normativa. Evidentemente, muitas das inadequações que apresentaremos não são vistas como “erros” pelos usuários, mas na visão tradicional e considerando o ensino gramatical, elas devem ser eliminadas nas situações formais.

Precisamos entender que a gramática consiste em um conjunto de regras. E algumas situações comunicativas exigem que essas regras sejam respeitadas. Nessa concepção, não há “erro” linguístico, mas **inadequação da variedade linguística** usada em uma determinada situação de interação comunicativa.

São muitos os linguísticas que afirmam que a língua não pode ser concebida como uma questão de certo ou errado. A gramática é uma parte importante, mas precisamos considerar outros fatores para a formação comunicativa.

Há sentenças que não são aceitáveis na norma padrão escrita e que não podem aparecer tampouco na fala coloquial da população escolarizada, mas são usadas com frequência na língua falada de outros grupos sociais (por exemplo de menor escolaridade) e/ou em dialetos regionais.

É importante lembrarmos que a normatização da linguagem corresponde, em geral, ao jogo do certo ou errado. Assim, a norma é a regra daquilo que pode ou não ser usado na língua oral ou escrita.

A tabela a seguir vai indicar o certo e errado com os quais certamente você já se deparou. Depois, vamos tomar alguns tópicos específicos para refletir o uso de acordo com a norma culta.

Certo	Errado
A água é necessária.	Água é necessária.
Alugam-se salas.	Aluga-se salas.
Beneficente	Beneficiente
Compram-se computadores.	Compra-se computadores.
Com certeza	Concerteza
De repente	Derrepente
Duzentos gramas de queijo	Duzentas gramas de queijo
Ele virá conosco.	Ele virá com nós.
Embaixo	Em baixo
Em cima	Emcima
É proibido entrada.	É proibido a entrada.
Ele quis	Ele quiz
Estamos quites.	Estou quites.
Estudo a distância	Estudo à distancia
Excesso	Exceço
Exceção	Excessão
Meio dia e meia (hora)	Meio dia e meio
Nada a ver.	Nada haver.
Para eu fazer	Para mim fazer
Perda de dados	Perca de dados
Por isso	Porisso
Precisa-se de professores.	Precisam-se de professores.
Você	Voçê

Você reconheceu as inadequações apresentadas na tabela? Havia alguma que você usava com frequência?

As inadequações podem acontecer em relação ao uso de concordância, colocação pronominal, pontuação e também léxico. Uma distração pode comprometer o enunciado.

A internet tem sido uma fonte rica para encontrar esses problemas. Veja algumas postagens recentes e engraçados:

A palavra deveria ser “glútens”.

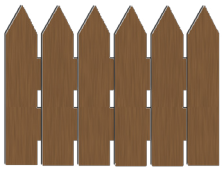
Para a norma padrão seria “em domicílio”.

Aqui o problema não foi apenas a crase, mas a construção do sentido.

O curso seria “Pedagogia”.

Você tem alguma imagem ou texto em que apareça uma inadequação? No seu ambiente de trabalho todos são rigorosos com o uso da norma? Passemos à análise de algumas inadequações bastante frequentes. Aproveite para avaliar seus conhecimentos gramaticais.

acerca x a cerca x há cerca



A primeira imagem que nos vêm à mente é "a cerca". Embora a pronúncia seja a mesma, existem diferentes expressões: acerca, a cerca e há cerca. Observemos o uso de cada uma delas:

Acerca

Significa sobre, a respeito de:

- A professora falou acerca das tarefas.

A cerca

Significa aproximadamente, quando se refere a tempo futuro:

- O projeto será implementado daqui a cerca de 2 meses.

Há cerca:

Significa aproximadamente, quando se refere a tempo passado:

- A votação ocorreu há cerca de meia hora.

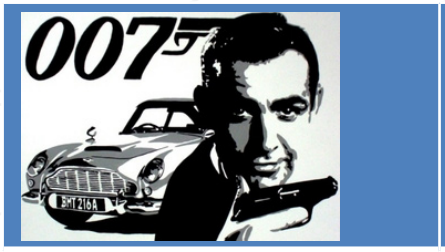
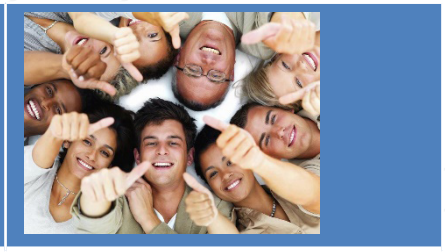
ACERCA DE x CERCA DE x HÁ CERCA DE		
ACERCA DE	Use quando o significado for A RESPEITO DE, SOBRE.	Discutimos duas horas ACERCA DE seu projeto.
CERCA DE	USE quando o significado for APROXIMADAMENTE (distância, quantidade).	Caminhamos CERCA DE dois quilômetros.
HÁ CERCA DE	USE quando houver indicação de TEMPO PASSADO.	Estudo Inglês há cerca de seis meses.

Fonte da imagem: <http://www.colegioweb.com.br/wp-content/uploads/2013/11/acrca.png>

9.1. A gente

Duas ocorrências frequentes sobre o uso de “gente”. Antes, vamos nos lembrar que, em textos formais, “a gente” não deve ser usado no lugar de “nós” – como fazemos habitualmente.

Aqui, já revelamos a primeira observação importante “gente” é um substantivo feminino que indica “quantidade de pessoas”, “povo” etc. Como locução, equivale ao pronome “nós”. Seja em um ou em outro caso, difere-se de “agente” – substantivo que significa “responsável”, procurador” ou, ainda, “espião”.

	
AGENTE	A GENTE

A segunda ocorrência quanto ao uso de “a gente” podemos ver na imagem abaixo.

Apesar de significar “nós”, o verbo que acompanha “a gente” sempre deve ser conjugado na terceira pessoa do singular. A sentença adequada seria “A gente é inútil!”. Na verdade, a frase foi retirada de uma música da década de 80, do grupo Ultraje a Rigor, chamada “Inútil”.

Inútil

Ultraje a Rigor

A gente não sabemos escolher presidente
A gente não sabemos tomar conta da gente
A gente não sabemos nem escovar os dente
Tem gringo pensando que nóis é indigente

Inútil!
A gente somos inútil
Inútil!
A gente somos inútil

Inútil!
A gente somos inútil
Inútil!
A gente somos inútil

A gente faz carro e não sabe guiar
A gente faz trilho e não tem trem pra botar
A gente faz filho e não consegue criar
A gente pede grana e não consegue pagar

Inútil!
A gente somos inútil
Inútil!
A gente somos inútil

Inútil!
A gente somos inútil
Inútil!
A gente somos inútil

A gente faz música e não consegue gravar
A gente escreve livro e não consegue publicar
A gente escreve peça e não consegue encenar
A gente joga bola e não consegue ganhar

Fonte: <http://letras.mus.br/ultraje-a-rigor/49189/>

Como pudemos ler, a concordância de “a gente” e o verbo não é a única inadequação presente na letra. A linguagem poética admite certas transgressões à norma culta.

Ao que parece, o autor, Roger Moreira, teve como objetivo fazer uma crítica político-social. Na época, ainda estávamos sob a Ditadura Militar e a crítica aborda os problemas enfrentados pelo povo brasileiro.

9.2. Ao encontro de x De encontro a

Fonte: https://taescritonociep.wordpress.com/page/2/

Observe a diferença:

Ao encontro de

Quer dizer na direção de ou em favor de

- O programa veio ao encontro dos interesses dos alunos.

De encontro a

Significa contra, no sentido contrário, em contradição

- O projeto do governo vai de encontro aos interesses dos empresários.

9.3. Anexo

O uso de "anexo" tem sido bastante polêmico. Vejamos como podemos utilizar o termo:

- Anexos os orçamentos solicitados.

- Anexa a colocação.

Anexo (adjetivo)

- Solicitamos a devolução do documento nº 2002, anexo ao processo nº 1966/04, encaminhado no dia 20/02/2015.

Anexo (verbo)

- Anexamos os orçamentos pedidos.

- As fotos vão anexas.

- Os documentos seguem anexos.

- Anexo, envio a nota fiscal.

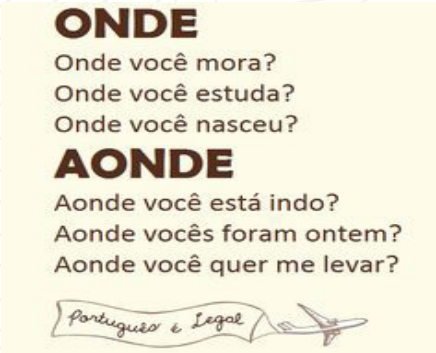
Portanto, não é necessário usar "em anexo", nem "anexar junto". Veja o seguinte exemplo: O arquivo segue em anexo. A expressão "em anexo" representa a intenção do locutor de expressar o modo pelo qual algo está sendo enviado. Não é possível afirmar que a forma está "errada". O verbo "segue" é complementado por uma locução adverbial de modo. A forma "no anexo" parece mais apropriada.

9.4. aonde

Fonte da imagem: <https://30segundos.org/2016/01/28/onde-aonde/>

A palavra “aonde” indica lugar. Trata-se de um advérbio. Entretanto, existem regras específicas para seu uso. É usado com verbos que indicam movimento, tais como: ir, chegar, dirigir etc.

Note que “onde” também indica lugar, podendo ser um pronome relativo ou um pronome interrogativo. O importante é considerar que “onde” pode ser substituído por “em que”. Os verbos que devem ser usados ao lado de “onde’ indicam estado ou permanência.



Fonte da imagem: <https://br.pinterest.com/pin/471189179744842718/>

9.5. Ao invés de x Em vez de

Observe as sentenças abaixo:

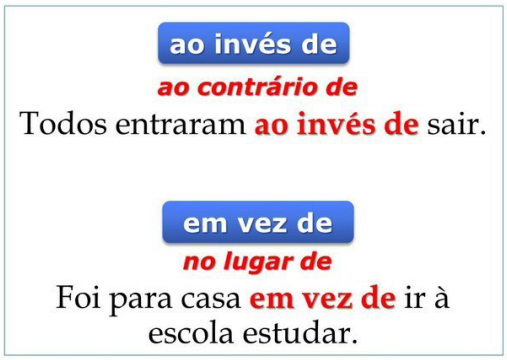
- Fez o exercício 1 ao invés do 2.
- Ao em vez de entrar, saiu.
- Fez o exercício 1 em vez do 2.
- Ao invés de entrar, saiu.

O termo “ao invés de” quer dizer “ao contrário de”.

- Ao invés de baixar, o preço da passagem subiu.

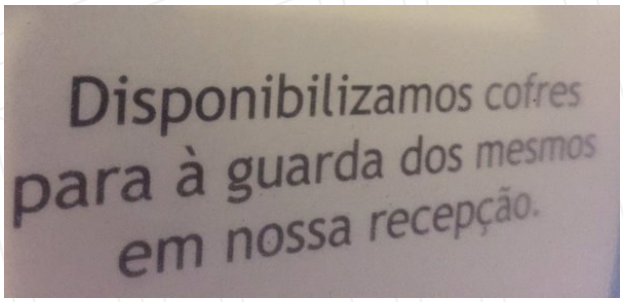
O termo “em vez de” significa “em lugar de”.

- Estudou Arquitetura em vez de Expressão.



Fonte: https://www.buzzfeed.com/rafaelcapanema/passos-infaliveis-para-irritar-o-pasquale-que-existe-em-voce

9.6. Crase



Fonte: https://www.buzzfeed.com/rafaelcapanema/passos-infaliveis-para-irritar-o-pasquale-que-existe-em-voce?utm_term=.hrPYbGkro#.hw2XYq4Kl

Na imagem anterior, temos um problema quanto ao uso da palavra “mesmos” e outro quanto ao uso da temida crase. O poeta Ferreira Gullar observou certa vez: “A crase não foi feita para humilhar ninguém”. Leia abaixo um trecho de uma crônica do escritor Moacir Scliar, citando a famosa frase.

A crase é um dos grandes “problemas” da língua e alvo de preocupações e brincadeiras.

Fonte da imagem: <http://www.redacao.org/gramatica-na-redacao-uso-da-crase/.>

Tropeçando nos acentos
Moacyr Scliar

Quero começar com uma declaração de amor: escritor brasileiro, adoro a língua portuguesa, esta "última flor do Lácio, inculta e bela", de que falava Bilac, o idioma em que foram escritas tantas e tão grandiosas obras de escritores como Saramago, Cardoso Pires, Lobo Antunes, Lídia Jorge, Pepetela (para não citar os brasileiros). Para celebrar o português, a riqueza do português, a musicalidade do português, nenhum elogio é bastante.

Mas...

O mas é o objeto destas mal-traçadas linhas. E este mas refere-se a uma questão que não é só do português, claro, mas que incomoda a quem escreve em português. É a questão dos acentos. Alguém já disse que os ingleses conquistaram o mundo porque não precisavam perder tempo acentuando as palavras. Pode não ser verdade, mas o gasto de energia representado pelos agudos, pelos circunflexos, pelos tremas, é uma coisa impressionante. E a pergunta é: para quê, mesmo? Alguém já disse que a crase não foi feita para humilhar ninguém. Tenho minhas dúvidas: acho que a crase foi feita, sim, para humilhar. A população brasileira se divide em pobres e ricos, mas também se divide em dois grupos, os que sabem usar a crase, a minoria, e a maioria que tem um medo existencial a este sinal.

É possível aprender? É possível. Mas tomem o meu caso: escritor, médico, homem razoavelmente informado, eu deveria acentuar bem as palavras. Pois tenho minhas dúvidas. É que durante a minha existência o país passou por umas três reformas ortográficas que tiveram o mérito de esculhambar a minha cabeça. O acento diferencial consegui esquecer, mas há outros que ainda me causam dúvidas. Há duas soluções para este problema. Uma é representada por esses dispositivos de correção que hoje fazem parte dos programas de computação (mas que às vezes cometem erros lamentáveis). Outra seria uma revolução na grafia que reduzisse os acentos ao mínimo possível ou, melhor ainda, a zero.

A primeira máquina de escrever que eu ganhei, ainda menino, era uma velha Royal, importada dos Estados Unidos, e que não tinha acentos. Eu escrevia, e depois acentuava à mão. Com uma tremenda inveja dos americanos que estavam dispensados desta tarefa inglória. Não sei onde andará essa máquina. E nem quero saber. Ela me lembraria que há neste mundo pessoas felizes que podem escrever sem a preocupação de acentuar certo. Uma coisa que eu gostaria de esquecer.

Fonte: https://ciberduvidas.iscte-iul.pt/outros/antologia/tropecando-nos-acentos-/367

Muitos autores famosos têm encarado a questão com mais seriedade do que talvez mereça. É famosa a situação que envolve Caetano Veloso e sua equipe. Leia o que aconteceu abaixo:

Caetano Veloso dá bronca em sua equipe por 'erro idiota' de crase; veja

Cantor deu 'aula de português' aos responsáveis por suas redes sociais. Post de 11 de junho tinha a expressão 'homenagem à Bituca'.

A produção de Caetano Veloso publicou nesta terça-feira (23), no Facebook, um vídeo no qual ele dá uma bronca na equipe que cuida de suas redes sociais. Motivo: mau uso da crase.

"Um erro chato, eu não gosto desse erro. Acho idiota", diz ele após explicar por que o acento não deveria ter sido usado na construção "homenagem a Bituca". O equívoco estava na legenda de uma foto publicada no Facebook em 11 de junho.

O "Bituca" em questão é Milton Nascimento. A imagem do post mostra justamente um encontro de Milton e Caetano durante um show da banda Dônica. Um dos integrantes é filho de Caetano.

"Até os linguistas estimulam [o uso equivocado da crase], dizendo que não deve ligar para crase, que deve deixar... Nada! Nada de deixar. Tem que saber português e trabalhar bem a língua portuguesa no Brasil! Tem que ter responsabilidade!", finaliza ele.

A pessoa que está filmando, então, responde: "Sim, senhor. Vamos tentar melhorar, prometo. A produção falhou".

Fonte: http://g1.globo.com/musica/noticia/2015/06/caetano-veloso-da-bronca-em-sua-equipe-por-erro-idiota-de-crase-veja.html

A proibição do uso da crase, na situação descrita por Caetano, tem explicação gramatical. Quem faz homenagem sempre faz homenagem "a" alguma coisa ou "a" alguém. A preposição é uma exigência do substantivo "homenagem". No caso de "homenagem à música brasileira", por exemplo, é como se falássemos "homenagem a a música". O segundo "a" é o artigo definido que antecede o substantivo, também feminino, "música". Por que no caso do "Bituca" a crase é impossível? Simples: Bituca é Milton Nascimento, é masculino.

A crase é uma particularidade gramatical relevante, mas muitas pessoas não entendem que a crase é apenas a fusão de duas vogais; não é o nome do acento.

Fonte da imagem: < http://planetadoalan.blogspot.com.br/2012/10/crase-ou-acento-grave.html>

Basicamente, é a contração da preposição "a" com:

o “a” dos pronomes “aquele(s)”, “aquela(s)”, e “aquilo”;

o “a” do pronome relativo “a qual” e “as quais”;

o “a” do pronome demonstrativo “a(s)”.

Para usar a crase, precisamos saber um pouco sobre regência verbal e nominal; principalmente sobre os termos regente e regido. O termo regente é o verbo ou nome que exige complemento regido pela preposição “a”, e o termo regido é aquele que completa o sentido do termo regente, admitindo a anteposição do artigo a(s). Por exemplo, o verbo “referir” é transitivo direto, ou seja, quando nos referimos, referimos a alguém ou a algo. Assim, temos a fusão da preposição “a” pertencente ao verbo mais o artigo feminino.

- Refiro-me a(a) antiga professora, e não a(a)quela contratada recentemente.
- Refiro-me à antiga professora, e não àquela contratada recentemente.

Existem aspectos que peculiares também a correta utilização da crase; entendida, muitas vezes, como um sinal de competência linguística, por se tratar de preceitos conferidos pelo padrão formal que norteia a linguagem escrita.

Podemos dividir o tema da crase em três pontos básicos: uso facultativo, uso proibido e uso obrigatório.

9.6.1. Crase Facultativa

Antes de nome próprio feminino:

- Refiro-me à (a) Giselda.

Antes de pronome possessivo feminino:

- Dirija-se à (a) sua sala.

Depois da preposição até:

- Dirija-se até à (a) porta.

9.6.2. Casos Proibidos

Antes de numerais:

- Conte de 1 a 10.

- O preço vai de R$ 100,00 a R$ 150, 00.

- Promoção válida entre 10 a 15 de outubro.

Antes de palavras no plural:

- A professora gostava de assistir a peças de teatro.

9.6.3. Antes de verbos:

- Preço a combinar.

Antes de substantivos masculinos:

- Não vendemos a prazo.

Entre substantivos idênticos:

- Fazemos muitos exercícios dia a dia.
- Vamos falar cara a cara.

Antes de pronomes indefinidos, pessoais, relativos ou demonstrativos:

- Ela permitiu a um aluno a revisão da prova. (Indefinido)
- Dê o texto a ela. Encaminhamos o pedido a Vossa Senhoria (Pessoal)
- Nunca devi dinheiro a ninguém. (Relativo)
- Ela deu nota zero a esta aluna. (Demonstrativo)

9.6.4. Exceção

Pronomes demonstrativos de 3ª pessoa, aquele, aquela, aqueles, aquelas podem levar crase:

- Entreguei a prova àquela mulher. (Demonstrativo)

Entre algumas cidades – que não admitem "a":

- Vamos a Salvador.
- Vamos a Lisboa e a Madri.

Ao substituir por “Fui à” ou “Vim da” pode crasear — “Fui a” ou “Vim de” (sem crase).

- Vou a Brasília. Vim de Brasília. (não tem crase)

- Vou à Bahia. Vim da Bahia. (tem crase)

Outros casos em que há CRASE

Com expressões: à moda de e à maneira de:

- A cantina serviu arroz à grega.

- Ela saiu à francesa.

Com horas:

- A aula começará às sete horas.

Com expressões:

Adverbiais	Prepositivas	Conjuntivas
Às claras	À beira de	À proporção que
À custa	À espera de	À medida que
À distância	À procura de	
À disposição	Em frente à	
Às escondidas		
À parte		
Às pressas		
Às vezes		

Quando há um modificador do topônimo, assim como ocorre com “casa” e “terra”, a crase é obrigatória em topônimos que não admitem artigo:

- Vou à Lisboa dos poetas.

Palavras idênticas que fazem parte da exceção:

- É preciso dar mais vida à vida.

- É preciso declarar guerra à guerra.

Façamos um resumo sobre o uso da crase.

A tirinha a seguir nos mostra o que significa a Crase.

Fonte da imagem: <https://tirasdidaticas.wordpress.com/2015/03/26/ crase/>. Acesso em: 13 abr. 2017

Veja a tabela a seguir!

Certo	Errado
Para indicar horas (Ela saiu às oito horas.). Antes da palavra “distância”, quando estiver determinada (Fiquem à distância de 50 metros do palco.). Antes de alguns nomes de lugares: cidades, estados e países, admitem o uso de artigo feminino a antes deles e sempre exigirão o uso da crase. Antes de locuções prepositivas e conjuntivas que contenham palavras femininas (Ela vem à tarde.). Diante da palavra “moda” ou que subtendam a ideia (Aquele jogador fez um gol à Pelé. / Aquele jogador fez um gol à moda do Pelé.). - Diante de palavras femininas (Assisti à aula. / Vou à aula. / Sou grato à professora. / Fumar é prejudicial à saúde.).	Antes de palavras masculinas (Andar à cavalo). Antes de verbos (Estou à procura dele.). Antes de pronomes pessoais (Dar o presente à ele.). Antes de nomes de cidade que não utilizam o artigo feminino (Ela vai à Paris.). Antes da palavra casa quando tem significado do próprio lar (Vou à casa.) Antes da palavra terra quando tem sentido de solo. Entre expressões com palavras repetidas (dia a dia). Você não deve utilizar a crase como indicativo de horas depois de cinco preposições: “até”, “após”, “desde”, “entre” e “para”.

A crase já foi preocupação “política”. Sim! Por mais incrível que possa parecer, a questão da crase foi bem mais longe do que deveria. Leia a notícia a seguir.

Deputado propõe o fim da crase

O acento indicativo de crase poderá ser eliminado da língua portuguesa, caso o Projeto de Lei 5154/05, do deputado João Hermann Neto (PDT-SP), seja aprovado pela Câmara. (...) Segundo ele, a crase só serve para "humilhar muita gente". Para o deputado, a maior parte da população ignora a ocorrência da crase na maioria das expressões em que ela aparece. "As ambiguidades podem ser desfeitas com o estudo e a análise do texto, sem considerar esse sinal obsoleto que o povo já fez morrer", defende. Notícia divulgada pela Agência Câmara em junho de 2005

Fonte: http://rede.novaescolaclube.org.br/planos-de-aula/como-usar-crase-sem-crise

Pois é?! Quando políticos decidem legislar sobre o uso da língua, acaba sendo uma grande bobagem, não?

Você entendeu as regras sobre o uso da crase? Seguem 7 imagens com a indicação de certo ou errado a respeito da crase. Tente explicar o porquê. Ao final, você poderá ler as explicações.

Imagem 1

Fonte da imagem: <http://rede.novaescolaclube.org.br/sites/ default/files/importadas/img/plano-deaula/ensino-medio/2006_plano08_1.jpg>

Imagem 2

Fonte da imagem: < https://cdn.slidesharecdn.com/ss_thumbnails/ craseeasplacas-110822093229-phpapp02-thumbnail-4.jpg?cb=1314006818>.

Imagem 3

Imagem 4

Imagem 5

Dia a dia

Imagem 6

Educação a distância

Imagem 7

A aula começa as 19h.

Conseguiu identificar o porquê havia ou não crase nas sentenças? Leia, a seguir, as respostas.

Imagem 1 - Tem crase.

Se alguém "vendeu a vista", deve ter vendido "o olho" (a vista = objeto direto); "vendeu à vista", e não a prazo (à vista = adjunto adverbial de modo).

Imagem 2 – Não tem crase.

Não há crase antes palavra masculina

Imagem 3 – Tem crase.

Refere-se ao modo como a criança está pintando. "A criança pintou a mão" tem outro sentido.

Imagem 4 – Não tem crase.

Outras variações: Lombada a 100 metros; Pedágio a 1 km; Restaurante a 200 metros; Desvio a 100 metros.

Imagem 5 – Não tem crase.

Expressão com substantivo repetido.

Imagem 6 – Não tem crase.

Não pode ter o acento indicador de crase, pois não há especificação.

Exemplos:

a)Os laboratórios estavam à distância de 300m da sala dos professores.
b) O policial vigiava o suspeito a distância.

No primeiro exemplo usa-se crase, pois a palavra distância está especificada (300 m). Já no segundo exemplo a expressão apresenta-se sem crase porque não há especificação da distância.

Imagem 7 – Tem crase.

Antes de horas.

9.7. Em longo prazo

Não se usa-se "a longo prazo"

Em que prazo você me faz o serviço? Faço em dois dias. Assim, a preposição usada é em. Não é possível empregar a preposição a.

Escreve-se, portanto: Em longo prazo, em médio prazo, em curto prazo.

- Em longo prazo, serão necessárias inúmeras mudanças para melhoria da comunicação dentro desse escritório.

9.8. Fazer

Fazer – com sentido de tempo é IMPESSOAL.

Certo	Errado
Faz 10 anos.	Fazem 10 anos.
Faz meses que começamos o curso.	Fazem 2 meses que estudo aqui.

Os verbos impessoais são aqueles que não admitem sujeito e, portanto, são flexionados na 3ª pessoa do singular. No sentido de existir ou na ideia de tempo decorrido, o verbo haver é impessoal. Logo, o verbo ficará no singular.

- Faz um mês que assumiu a coordenação da equipe.

- Não encontro você faz mais de cinco anos.

- A sede da empresa mudou faz apenas dois meses.

Vale esclarecer que o verbo auxiliar (dever, ir) que acompanha o verbo “fazer” (no sentido de tempo) também é flexionado no singular:

- Vai fazer cinco meses que trabalho na empresa.

- Deve fazer dois meses que criamos esse projeto.

Fonte: <http://escreverbem.com.br/o-verbo-fazer/>

9.9. Gerundismo

A locução com gerúndio é apropriada se o verbo admite ação que se repete e se prolonga

Fonte da imagem: <https://brasiliano.wordpress.com/category/gramatica-certo-ou-errado/gerundismo/>

O “gerundismo” (“Vamos estar trabalhando...”) se refere ao uso de uma locução verbal que consiste no uso de verbos no gerúndio, considerada um vício de linguagem.

verbo	verbo no infinitivo	qualquer verbo no
IR	ESTAR	GERÚNDIO

Pode ter tido origem em traduções literais do inglês, usando o futuro contínuo. I will be solving your problem

Há quem afirme que o problema se agravou com o atendimento de telemarketing, em que o tempo atendimento ao cliente ou entrega de produto não tinha uma data específica como “estamos entregando agora”, “vamos entregar amanhã” etc.

Fonte da imagem: < http://www.opera10.com.br/2016/07/codigos-e-linguagens-vicios-ou.html>

Assim como falamos a respeito da crase, o gerundismo também teve seu “momento” político. Leia a seguir a notícia veiculada há anos, no Distrito Federal.

Governador do DF ‘demite o gerúndio’

Fonte: <http://g1.globo.com/Noticias/Politica/0,,MUL140022-5601,00.html>

Arruda diz que ideia é acabar com a típica burocracia dos governos.
Ato foi publicado na edição desta segunda-feira no Diário Oficial do DF.

O Diário Oficial do Governo do Distrito Federal (GDF) trouxe na edição desta segunda-feira (1º) decreto assinado pelo governador do DF, José Roberto Arruda, no mínimo, inusitado.

O governador “demitiu” o gerúndio de todos os órgãos do Distrito Federal. “Fica demitido o gerúndio de todos os órgãos do Governo do Distrito Federal.

Fica proibido a partir desta data o uso do gerúndio para desculpa de ineficiência”, diz o texto do decreto.

DECRETO Nº 28.314, DE 28 DE SETEMBRO DE 2007.

Demite o Gerúndio do Distrito Federal, e dá outras providências.

O GOVERNADOR DO DISTRITO FEDERAL, no uso das atribuições que lhe confere o artigo 100, incisos VII e XXVI, da Lei Orgânica do Distrito Federal, DECRETA:

Art. 1° - Fica demitido o Gerúndio de todos os órgãos do Governo do Distrito Federal.

Art. 2° - Fica proibido a partir desta data o uso do gerúndio para desculpa de INEFICIÊNCIA.

Art. 3° - Este Decreto entra em vigor na data de sua publicação.

Art. 4º - Revogam-se as disposições em contrário.

Brasília, 28 de setembro de 2007.

119º da República e 48º de Brasília

JOSÉ ROBERTO ARRUDA

Mais uma vez esse tipo de resolução não teve qualquer efeito quanto ao uso da linguagem.

9.10. Haver

O verbo haver, com o sentido de existir e ocorrer, é impessoal. Não use o verbo Haver no plural: não importa o tempo. Segundo a gramática normativa, não fale: “Haviam muitas pessoas aqui.” Ou “Houveram muitas pessoas aqui.”.

Observe:

Certo	Errado
Houve muitos acidentes.	Houveram muitos problemas na faculdade.
Há muito tempo, ela deu aula aqui.	Há muito tempo atrás, ela deu aula aqui.

A palavra “atrás” embora seja muito usada para dar ênfase, é dispensável uma vez que o verbo já indica tempo decorrido, ou seja, já indica passado.

O verbo Haver pode ter sentido de: existência, tempo ou acontecimento.

Existência	Tempo	Acontecimento
Há duas pessoas lá.	Estou no Brasil há 3 anos.	O que está havendo ali?
	Há 2 dias ele está com dor.	
Havia muita gente lá.		Houve uma festa aqui.

Os sinônimos de Haver são verbos pessoais. Portanto, devem concordar com o sujeito. Exemplos: "Pode haver muitas pessoas me esperando." e "Podem existir muitas pessoas me esperando.".

Vamos ler um texto divertido de Luís Fernando Veríssimo para tentar identificar os sentidos (existência, tempo, acontecimento) e tempos do verbo Haver no texto.

O Homem Trocado

Texto de Luís Fernando Veríssimo, em Comédias da Vida Privada

O homem acorda da anestesia e olha em volta. Ainda está na sala de recuperação.

Há uma enfermeira do seu lado. Ele pergunta se foi tudo bem.

- Tudo perfeito – diz a enfermeira, sorrindo.

- Eu estava com medo desta operação...

- Por quê? Não havia riscos.

- Comigo, sempre há risco. Minha vida tem sido uma série de enganos...

E conta que os enganos começaram com seu nascimento. Houve uma troca de bebês no berçário e ele foi criado até os dez anos por um casal de orientais, que nunca entenderam o fato de ter um filho claro de olhos redondos. Descoberto o erro, ele fora viver com seus verdadeiros pais. Ou com sua verdadeira mãe, pois seu pai abandonara a mulher depois que este não soubera explicar o nascimento de um bebê chinês.

- E o meu nome? Outro engano.

- Seu nome não é Lírio?

- Era para ser Lauro. Se enganaram no cartório e...

Os enganos se sucediam. Na escola, vivia recebendo castigos pelo que não fazia. Fizera o vestibular com sucesso, mas não conseguira entrar na universidade. O computador se enganara, seu nome não apareceu na lista.

- Há anos que minha conta de telefone vem com cifras incríveis. No mês passado tive que pagar mais de Cr$300 mil.

- O senhor não faz chamadas interurbanas?

- Eu não tenho telefone!

Conhecera sua mulher por engano. Ela o confundira com outro. Não foram felizes.

- Por quê?

- Ela me enganava.

Fora preso por engano. Várias vezes. Recebia intimações para pagar dívidas que não fazia. Até tivera uma breve, louca alegria, quando ouvira o médico dizer:

- O senhor está desenganado.

Mas também fora um engano do médico. Não era tão grave assim. Uma simples apendicite.

- E se você diz que a operação foi bem...

A enfermeira parou de sorrir.

- Apendicite? – perguntou, hesitante.

- É. A operação era para tirar o apêndice.

- Não era para trocar de sexo?

Identificou todos os sentidos do verbo Haver presente no texto? Leia abaixo as respostas.

- Há uma enfermeira do seu lado. (existência / Presente do Indicativo)

- Por quê? Não havia riscos. (existência / Pretérito Imperfeito do Indicativo)

- Comigo, sempre há risco. (existência / Presente do Indicativo)

- Houve uma troca de bebês no berçário... (acontecimento / Pretérito Perfeito do Indicativo)

- Há anos que minha conta de telefone vem com cifras incríveis. (tempo / Presente do Indicativo)

Vimos que o verbo Haver pode ser usado com sentido de tempo passado. Podemos marcar diferença entre os tempos passado e futuro pelo uso de: Há ou Daqui a

Sempre que desejar indicar uma ação futura, use "daqui a".

Há	Tempo passado (= faz)	Ele saiu há 10 minutos.
Daqui a	Tempo futuro	Ela vai sair daqui a pouco.

9.11. Menos

Sempre que quisermos referir alguém ou alguma coisa em menor número, em menor quantidade, numa posição inferior, devemos utilizar a palavra menos. A palavra menas não existe.

Menos é uma palavra uniforme e invariável, ou seja, não há flexão da mesma em gênero (masculino e feminino) e em número (singular e plural). Vejamos alguns exemplos:

- Vieram menos pessoas que o previsto.

- O melhor é tomar menos refrigerante e mais água.

9.12. MESMO

Você deve ter encontrado uma placa como a que mostramos acima diversas vezes. A frase, muitas vezes, colada ao lado da porta de elevadores, é consequência de uma lei municipal aprovada pela Câmara de Vereadores da cidade de São Paulo. A norma obriga todos os edifícios da cidade a terem a tal placa na porta dos elevadores. No entanto, a frase famosa traz o pronome

”mesmo” empregado de maneira incorreta.

Isso ocorre porque, para evitar a repetição, muita gente utiliza “o mesmo”, “a mesma”, já que os pronomes “ele” e “ela” devem ser usados com cuidado. Em várias sentenças em que o emprego é mesmo é usado inadequadamente ficamos confusos, muitas vezes a forma estranha gera a pergunta “quem é o/a mesmo/a?”.

Para usar corretamente o/a mesmo/a como adjetivo, advérbio etc., mas não pode exercer a função de pronome pessoal.

Seja você mesmo, mas não seja sempre o mesmo.

Veja como e quando usar:

Certo	Errado
Ontem vi o chefe e convidei o para um cafezinho.	Ontem vi o chefe e convidei o mesmo para um cafezinho.

Dei o trabalho para a professora e ela disse que estava bom.	Dei o trabalho para a professora e a mesma disse que estava bom.
Busque as provas e verifique se elas estão corrigidas.	Busque as provas e verifique se as mesmas estão corrigidas.
Ela mesma fez o exercício.	Ela mesmo fez o exercício.
Eles mesmos resolveram o assunto.	Eles mesmo resolveram o assunto.

Usos:

Como pronome/adjetivo (variável) – referindo-se à ideia relativa a “exato”, “idêntico”, “próprio”.

- Nós estudamos na mesma faculdade.

- Elas mesmas fizeram os exercícios.

Como substantivo (variável) – significando “a mesma coisa”:

- Tudo continua na mesma.

- O mesmo que eu disse para ele, também falei a você.

Como advérbio (invariável) – denotando “até”, “de fato”, “justamente”:

- É mesmo para fazer o exercício?

Como conjunção (invariável) – equivale a uma concessão, referindo à “ainda que”:

- Mesmo preocupado, ele fez a prova.

- Mesmo exausta, ela fez a prova.

9.13. Onde

O uso de onde parece bastante simples, mas pode ser fonte de algumas confusões. Onde designa apenas “lugar”.

Certo	Errado
O artigo que pesquisei tinha todas as informações.	O artigo onde pesquisei tinha todas as informações.

Vamos tomar o texto de Eduardo Martins para explicar o uso de onde.

“Há palavras incorporadas ao vocabulário das pessoas com um sentido que não têm na realidade. Uma delas é muito e nem sempre bem usada onde.

Bem, então quais o seu significado correto e as distorções no seu emprego?

Como advérbio, onde indica em que lugar, no qual lugar, e neste caso não desperta maiores dúvidas:

- Onde há fumaça, há fogo.

- Não sabia onde ficar.

Onde também pode funcionar como pronome relativo, caso em que também designa em que lugar, no qual lugar.

O pronome relativo (que, onde, cujo etc.) tem um termo anterior ao qual se refere, o antecedente.

Veja um exemplo: Esta é a casa onde (em que) ele mora. O antecedente do pronome onde é casa.

Repare nos demais exemplos, nos quais onde também aparece com o sentido de em que lugar:

- Essa é a estrada onde (na qual) ocorreu o acidente.

- Visitou o parque onde (em que) as crianças costumavam brincar.

- Conheço bem a empresa onde (na qual) ele trabalha.

Em todas as orações existe um antecedente. Pela ordem: estrada, parque e empresa. Como se explicou, onde significa em que lugar e não em que, apenas.

Por isso, não pode ser empregado quando não existir a noção de local. Veja um exemplo: Li a carta "onde" ele rompe com o amigo. Repare: onde no caso não caracteriza lugar. Portanto, o certo é: Li a carta em que (na qual) ele rompe com o amigo.

Eis outras situações em que (e não "onde") também não se pode usar onde, pois nenhuma delas indica local.

- O livro em que (e não onde) ele defende esses princípios está esgotado.

- A tese na qual (e não onde) ele se baseou é superada.

- Condenou a mentalidade na qual (e não onde) imperam conceitos desse tipo.

- O mês em que (e não onde) ele chegou...

- O século em que (e não onde) o fato se verificou..."

Fonte: MARTINS, Eduardo. Com todas as letras. Moderna: São Paulo, 1999, p.56

.

9.14. Porquês

Você já sabe que existem quatro porquês: Por que, Porque, Por quê e Porquê. Vamos aprender a usá-los. A tirinha do personagem Armandinho, criada pelo ilustrador catarinense Alexandre Beck, é bastante ilustrativa para uma aula de reflexão linguística sobre o uso do porquê.

Simplificando as regras:

Por que	Porque	Por quê	Porquê
por qual razão, o motivo pelo qual (quase sempre em pergunta)	pois, uma vez que, visto que (resposta, explicação)	(ao final da frase)	motivo, razão (substantivo)
Por que você foi embora?	Porque não tinha aula.	Atrasaram por quê?	Você sabe o porquê disso.

9.15. PRONOMES PESSOAIS

Há muitas e diferentes considerações sobre o uso dos pronomes.

Certo ✓	Errado ✗
Para eu terminar o exercício, precisei de mais tempo.	Para mim terminar o exercício, precisei de mais tempo.
Este assunto fica entre mim e você.	Este assunto fica entre eu e você.
Vamos nos ver amanhã.	Vamos se ver amanhã.
Dá-me o livro.	Me dá o livro.

Fonte: Exposição “Menos”, em 2010, no Museu da Língua Portuguesa – São Paulo

A frase acima deveria ser “Vamos nos ver”, mas é bastante comum ouvir a construção inadequada. A forma verbal “vamos” está na 1ª pessoa do plural e por isto exige que o pronome oblíquo também esteja no plural. A concordância é obrigatória.

Como e quando poderíamos usar “se ver”? Quando a forma verbal se referir a 3ª pessoa. Por exemplo: “Eles vão se ver hoje?”. Também como pronome oblíquo reflexivo: “Ele vai se ver no espelho.”.

O uso dos pronomes gera bastante confusão. Talvez pela grande variedade de tipos e usos. Um dos problemas mais frequentes diz respeito à colocação pronominal. Há muito tempo a questão vem sido discutida. Oswald de Andrade publicou no livro “Pau Brasil”, em 1925, um poema que aborda a colocação do pronome “me”.

Pronominais
Oswald de Andrade

Dê-me um cigarro

Diz a gramática

Do professor e do aluno

E do mulato sabido

Mas o bom negro e o bom branco

Da Nação Brasileira

Dizem todos os dias

Deixa disso camarada

Me dá um cigarro

Fonte: ANDRADE, O. Obras completas, Volumes 6-7. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1972.

As regras de colocação pronominal do padrão culto de nossa língua ainda guardam fortes influências do português de Portugal, sendo orientadas pela entonação do falar lusitano.

Fonte da imagem: <http://semilhas.blogs.sapo.pt/103103.html>. Acesso em: 26 jan.2014

O princípio de eufonia [efeito acústico agradável] é um importante critério para a colocação de pronomes. Assim, para o falante português, é mais agradável dizer e ouvir: Dá-me... Já para o falante brasileiro é mais natural dizer: Me dá...

Veja na tirinha abaixo o uso brasileiro da colocação. A tira retrata um encontro da ex-presidente Dilma

Roussef com o ex-presidente estadunidense Barak Obama. O “pré sal” foi descrita como uma área de reservas petrolíferas debaixo de uma profunda camada de sal, formando uma das várias camadas rochosas do subsolo marinho.

No Brasil, esta camada compreende uma faixa que se estende ao longo de 800 quilômetros, englobando o Espírito Santo, Santa Catarina, abaixo do leito do mar, além das bacias sedimentares do Espírito Santo, Campos e Santos. Em novembro de 2010, estimou-se que haveria, em Tupi, reservas gigantescas, entre 5 bilhões e 8 bilhões de barris de petróleo.

Fonte da imagem: <http://rodopiou.com.br/?p=250>. Acesso em: 26 jan. 2014.

O uso do pronome antes do verbo no início da frase é um dos traços da fala brasileira espontânea, reproduzindo a linguagem coloquial ou procurando dar um tom mais descontraído, uma vez que o uso do pronome depois do verbo soa cerimonioso.

Usar os pronomes, no começo da frase, é “oficialmente errado” (para a gramática normativa!). No cotidiano, com os amigos, na vida diária, podemos falar à nossa maneira. Mas numa prova de português, num vestibular, num concurso, devemos usar o pronome sempre depois do verbo.

O escritor Luis Fernando Veríssimo trata do tema dos pronomes em uma de suas crônicas. O texto ironiza o uso adequada colocação dos pronomes. Leia abaixo.

Antes de apresentar o Carlinhos para a turma, Carolina pediu:
- Me faz um favor?
- O quê?
- Você não vai ficar chateado?
- O que é?
- Não fala tão certo?
- Como assim?
- Você fala certo demais. Fica esquisito.
- Por quê?
- É que a turma repara. Sei lá, parece...
- Soberba?
- Olha aí, ‘soberba’. Se você falar ‘soberba’ ninguém vai saber o que é. Não fala ‘soberba’. Nem ‘todavia’. Nem ‘outrossim’. E cuidado com os pronomes.
- Os pronomes? Não posso usá-los corretamente?
- Está vendo? Usar eles. Usar eles!

O Carlinhos ficou tão chateado que, junto com a turma, não falou nem certo nem errado. Não falou nada. Até comentaram:
- O Carol, teu namorado é mudo?

Ele ia dizer ‘Não, é que, falando, sentir-me-ia vexado’, mas se conteve a tempo. Depois, quando estavam sozinhos, a Carolina agradeceu, com aquela voz que ele gostava:
- Comigo você pode botar os pronomes onde quiser, Carlinhos.

Aquela voz de cobertura de caramelo.

(VERISSIMO, Luis Fernando. Contos de verão. O Estado de S. Paulo, 16 jan. 2000.)

Segundo a gramática normativa, não use os pronomes: “eu”, “tu”, “ele”, “ela”, “eles” e “elas” após o verbo. Evite: Eu vejo ela. Neste caso, você deve substituir o pronome “ela” pelo Pronome do Caso Oblíquo “a”. Exemplo: Eu o amo. Veja a tirinha abaixa, na qual a colocação não foi respeitada.

Fonte: Jornal Folha de São Paulo, 22/9/1996

Usamos “lo”, “los”, “la” e “las”, principalmente, com formas verbais em “r” (também em´-s, e –z); quando temos um verbo auxiliar + verbo principal. Neste caso o verbo principal não permanece no Infinitivo, vai ser modificado e separado por um hífen, seguido pelo Pronome do Caso Oblíquo. Exemplo: Eu vou convidá-lo.

Os verbos em –ar perdem o “r” e ganham acento agudo. Exemplo: Vou comprar a casa. – Vou comprá -la.

Os verbos em –er perdem o “r” e ganham acento circunflexo. Exemplo: Vou vender a casa. – Vou vendê-la.

Os verbos em –ir perdem o “r”. Exemplo: Vou abrir a porta. – Vou abri-la.

O uso dos pronomes lo/la (s) com as formas em -z e em -s são pouco comuns no Brasil, mas bastante frequente em Portugal. Veja a imagem abaixo:

Fonte da imagem: <http://autogolo.com/noticia/cartoon-do-dia-7-de-janeiro-de-2013>. Acesso em: 26 jan. 2014.

No Brasil, a história folclórica da política fala sobre o uso dessa construção pelo ex-presidente Jânio Quadros, notório pelo uso de palavras difíceis e profundo conhecimento da gramática.

Uma vez, ao ser indagado pelos motivos de sua renúncia, em 1961, ele teria dito a seguinte frase:

Fonte da imagem: < http://www.recadox.com.br/frases/janio-quadros/646dtZq7dYi4h.html>.

Ele, em outras palavras disse, "fiz isso por que quis isso". Segundo a gramática tradicional, o ex-presidente, apesar da fama que a sentença trouxe, teria errado. A frase deveria ser construída assim: "Fi-lo porque o quis.". Seja como for, a forma está em desuso.

Também em desuso estão as formas combinadas dos pronomes oblíquos mo, to, lho, no-lo, vo-lo, podem ocorrer em próclise, ênclise ou mesóclise. Exemplo: Ele mo deu. (Ele me deu o livro)

Outro uso pouco comum para nós brasileiros, o encontro de lhe + o/a não é incomum em Portugal.

Segundo a gramática, formas verbais em "m" (e demais formas nasais), verbos no plural, podem ser acompanhados pelos Pronomes do Caso Oblíquo "no", "nos", "na", "nas". Exemplos: Eles viram-nas. / Eles as viram.

Estes pronomes são oblíquos tônicos e sempre vêm depois de uma preposição: "para mim", "de ti", "por ele", "entre nós", "contra elas" etc. Exemplos: "Faça isso para mim", "Estou com saudade de ti", "Nada houve entre mim e ele" (ou "entre ele e mim") etc.

9.16. Pronomes comigo/conosco

"Observe a construção como 'Leve o e-mail para ele'; 'ele' é pronome oblíquo tônico, mas em 'Ele leu o e-mail', 'ele' é pronome reto. Repare agora as seguintes construções: 'Traga o livro para mim' (complemento) e 'Eu li o livro' (sujeito); 'Sinto falta de ti' (complemento) e 'Tu sentes medo?' (sujeito).

É importante notar o que ocorre quando a preposição 'com' antecede os pronomes tônicos. Não se diz 'com mim', mas 'comigo'.

Essa forma tem origem no latim, quando, grosso modo, a preposição "com" era colocada após o pronome ('mim com', 'nós com' etc.). Com a sua anteposição, passou-se a 'com mim com' ou 'com nos com', formas que evoluíram para 'comigo' e 'conosco'. Daí os termos 'comigo', 'contigo', 'consigo', "conosco" e 'convosco'."

Fonte:<http://www1.folha.uol.com.br/folha/colunas/noutraspalavras/ult2675u28.shtml>. Acesso set 2007

9.17. Pronome me

É importante tratar do emprego do pronome nas locuções construídas com verbos auxiliares causativos e sensitivos seguidos de infinitivo.

Os verbos “mandar”, “deixar” e “fazer” podem ser empregados como auxiliares que indicam causa (“mandar alguém sair”, “deixar alguém entrar”, “fazer alguém rir”, por exemplo); os sensitivos são os verbos “ver”, “ouvir”, “sentir” (ou equivalentes) em construções do tipo “ver alguém entrar”, “ouvir alguém bater à porta”, “sentir alguém aproximar-se” etc.

Aparentemente, o pronome exerce a função de sujeito, o que justificaria o emprego do pronome pessoal do caso reto. Ocorre, todavia, que o pronome em questão é também o objeto direto do verbo auxiliar (esses auxiliares são todos transitivos diretos), sendo a forma oblíqua a correta.

Assim: “Deixe-me ver isso”, “Faz-me rir”, “Mandou-o sair”, “Ouviu-o dizer aquilo”, “Quero vê-la sorrir/ Quero vê-la cantar...”.

9.18. Pronome lhe

Os pronomes “lhe” e “lhes” são utilizados somente com verbos que precisam de preposições. Exemplos: falar com, dizer para, dar para, telefonar para, etc. Seu uso não é obrigatório. Você pode dizer: “Falar com ela” ou “Falar-lhe”.

9.19. ser

Seja é a forma conjugada do verbo ser no presente do subjuntivo, na 1.ª ou na 3.ª pessoa do singular, ou no imperativo, na 3.ª pessoa do singular.

- Seje não existe.

- Seja é a forma correta de escrita da palavra.

Ser é sinônimo de ficar, existir, equivaler, pertencer, acontecer, entre outros. Exemplos:

- Espero que você seja muito feliz.

- Não seja tão nervoso.

Lembre-se que a imagem abaixo, uma brincadeira que círculos em postagens na Internet, não é adequada. Há dois problemas. O primeiro em relação ao uso inadequado do verbo ser na forma imperativa e o segundo em relação a palavra “menas” – como vimos anteriormente.

9.20. ver x vir

Fonte: https://br.pinterest.com/pin/471189179744842718/

Nas formas condicionais, não se usa o infinitivo (assim como dizemos “se eu for” e não “se eu IR”, a conjugação adequada é “se eu vir” e não “se eu ver”).

Como você responde: O professor “interviu” ou “interveio”? Lembre-se da conjugação do verbo “vir”, e assim pense no verbo “intervir”.

Vamos nos lembrar da conjugação destes verbos no presente e no passado.

VER		VIR	
Vejo	Vi	Venho	Vim
Vê	Viu	Vem	Veio
Vemos	Vimos	Vimos	Viemos
Veem	Viram	Vêm	Vieram

Assim, diríamos: O professor “interveio”. E como seria o correto: “Assim que eu vir para São Paulo” ou “Assim que eu vier para São Paulo”? As formas do modo subjuntivo são também muitas vezes confundidas. Vamos a elas:

VER			VIR		
Talvez	Se	Assim que	Talvez	Se	Assim que
Veja	Visse	Vir	Venha	Viesse	Vier
Veja	Visse	Vir	Venha	Viesse	Vier
Vejamos	Víssemos	Virmos	Venhamos	Viéssemos	Viermos
Vejam	Vissem	Virem	Venham	Viessem	Vierem

Essa tabela pode ajudá-lo/la a não errar a conjugação dos verbos derivados como intervir, antever etc. Fique atento/a também ao uso das conjugações para pôr e ter e seus derivados.

- Você pressupôs errado!

- Se ela puser novos conteúdos na plataforma, os alunos serão avisados.

- Eles mantiveram a palavra!

- Se mantivermos esse sistema, iremos aperfeiçoá-lo.

Principalmente, sobre o uso do modo subjuntivo, veja alguns erros comuns apresentados na postagem a seguir:

Essa aula foi longa, mas com certeza vai ajudá-lo/la bastante a entender o uso adequado de certas construções do português.

O tópico a seguir será a respeito da Reforma Ortográfica. Apesar de estar em vigência há um certo tempo, a reforma ainda suscita muitas dúvidas. Então, veja o tema.

9.21. História da Língua Portuguesa

Embora algumas datas abaixo retratem momentos históricos, elas também indicam mudanças que a língua apresentou durante diferentes períodos.

Fonte: Nova Escola: Manual da Nova Ortografia. São Paulo: Abril, Edição especial, agosto de 2008, p.1-7

1500 – cerca de 5 milhões de indígenas que aqui viviam, distribuídos em mais de 1500 povos, falavam em torno de mil línguas de vários grupos linguísticos;

1580 – começa a ser registrada a língua geral paulista difundida por padres jesuítas e bandeirantes "tucuriupi" que significava "gafanhotos verdes";

1700 – surgem registros da língua geral amazônica, de base tupinambá e do dialeto de Minas, misto de português com o evé-fon, trazido por escravos africanos;

1759 – o marquês de Pombal promulga lei impondo o uso da língua portuguesa, mas ainda coexistem no país diversos idiomas indígenas e africanos;

1808 – a chegada da família real é decisiva para a difusão da língua: são criadas bibliotecas, escolas e gráficas (e, com elas, jornais e revistas);

1922 – a Semana de Arte Moderna leva o português informal para as artes; a crescente urbanização e o surgimento do rádio ajudam a misturar variedades linguísticas;

1988 – a Constituição garante a preservação dos dialetos de grupos indígenas e remanescentes de quilombos. Hoje, há 180 línguas indígenas e mil quilombolas;

1990 – com a TV presente em mais de 90% dos lares, não se constata isolamento linguístico; começa a nascer a linguagem rápida usada na internet.

A TV foi inventada por John Logie em 1925. No Brasil, a televisão chegou graças a Assis Chateaubriand. Ele primeiro construiu uma emissora e só depois lembrou que era preciso importar aparelhos receptores para que os brasileiros tivessem a chance de ver TV. A PRF3, TV Tupi de São Paulo, foi inaugurada em 18 de setembro de 1950.

Leia mais sobre esse assunto em:

<http://acervo.oglobo.globo.com/fatos-historicos/inventada-em-1925-tv-so-pegou-mesmo-depois-da-segunda-guerra-mundial-9504069#ixzz3BhKd6Eid>. Acesso em 25 ago 2014

9.22. QUANDO ACONTECEU A ÚLTIMA REFORMA

Fonte: <http://educacao.uol.com.br/portugues/reforma-ortografica/2009/01/30/ entenda.jhtm>. Acesso em: 6set2009, 09h16.

O presidente Luiz Inácio Lula da Silva assinou, no dia 29 de setembro de 2009, o decreto que estabeleceu o cronograma para a vigência do Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa.

O evento aconteceu no Rio de Janeiro, em cerimônia na Academia Brasileira de Letras, durante sessão solene de celebração dos cem anos de morte de Machado de Assis.

Uma das formas para minimizar os problemas com a Reforma é, sem dúvida, usar o corretor para nos lembrarmos de algumas regras.

http://blogdoorlandeli.zip.net/arch2009-01-04_2009-01-10.html Acesso em março de 2009.

Alguns guias também podem contribuir para entender e memorizar as mudanças

Há também muitos sites que se dedicam até hoje a discutir as novas regras ortográficas.

Justificativas para a reforma

Os textos da época da aprovação diziam: "Daqui para a frente, a língua portuguesa (comum aos países lusófonos) tem tudo para ganhar espaço – até mesmo em fóruns internacionais –, pois o intercâmbio de informações e textos ficará mais fácil.".

Unificar a grafia também visava aproximar as oito nações (Angola, Moçambique, Cabo Verde, Guiné-Bissau, São Tomé e Príncipe, Timor Leste, Brasil e Portugal) da Comunidade dos Países de Língua Portuguesa (CPLP), "reduzir custos de produção e adaptação de livros e facilitar a difusão bibliográfica de novas tecnologias, bem como simplificar algumas regras (que suscitam dúvidas até entre especialistas)."

Naquele período o português é a única língua com dois cânones oficiais ortográficos, um europeu e outro brasileiro, e isso não só dificulta nossa vida lá fora como também a dos estrangeiros que querem aprendê-lo.

Havia um grande custo econômico e financeiro na produção de edições diferentes de dicionários, livros didáticos e literários para o Brasil e para Portugal.

Tais diferenças faziam com que o português se insirisse no conjunto de línguas de pouca difusão, pouco conhecimento e pequena repercussão no universo da comunicação multilíngue, apesar de ser uma das mais faladas do mundo, quer em número de falantes quer em número de países.

O Acordo Ortográfico previu a preparação de um vocabulário técnico-científico comum útil para a difusão bibliográfica e de novas tecnologias, beneficiando os educandos e os usuários da língua em geral.

Com a adoção por todos do Acordo Ortográfico, Brasil e Portugal poderão somar esforços na cooperação com os PALOP (Países Africanos de Língua Oficial Portuguesa) e Timor-Leste, em ações de difusão e fortalecimento da língua portuguesa.

Os livros e outros materiais educativos, os programas de educação à distância e outros materiais didáticos adotados em qualquer país lusófono poderão seriam mais facilmente reproduzidos noutro país.

Os programas de formação e aperfeiçoamento para professores de português como segunda língua, por exemplo, poderiam passar a ser comuns, em vez de Portugal e Brasil desenvolverem separadamente as suas iniciativas.

Com o Acordo Ortográfico em vigor, abriu-se o caminho para um entendimento entre Portugal e o Brasil sobre a certificação comum de proficiência em língua portuguesa para estrangeiros, pois o Brasil emite hoje o certificado CELPE-Bras, enquanto que em Portugal o único diploma válido é o emitido pelo Instituto Camões.

Considerando que, dentre as cerca de 210 milhões de pessoas incluídas no universo dos oito países da lusofonia, a grande maioria — 190 milhões — vive no Brasil, entende-se o porquê de, mais cedo ou mais tarde, todas as nações de língua portuguesa ratificarem internamente as mudanças, aprovadas em 1990.

Assim, foi natural, tanto quanto importante, a aprovação dada pelos portugueses. Desencadeou-se, desse modo, o processo de mudança que, em 2010, esteve visível em livros e outras publicações. Internacionalmente, a reforma deve converter o idioma em língua oficial da Organização das Nações Unidas.

Proposta: Português língua oficial da ONU

Fonte: < http://pgl.gal/proposta-portugues-lingua-oficial-da-onu/>. Acesso em: 02 Jan. 2017

Numa conferência de imprensa, o presidente de Portugal, Marcelo Rebelo de Sousa, e o primeiro ministro do mesmo país, António Costa, anunciaram que durante a reunião foi aprovada por aclamação uma proposta oficial à Organização das Nações Unidas (ONU) a instauração do português como língua oficial da organização. A votação foi à iniciativa do presidente do Brasil Michel Temer.

Neste momento, as línguas oficiais da ONU são o espanhol, o inglês, o chinês mandarim, o russo, o francês e o árabe. De início só eram oficiais inglês e francês, que ainda continuam a ser as mais utilizadas dentro da organização. A última modificação a esta lista foi a inclusão do árabe, num lento processo que começou com a aprovação do seu uso como língua de trabalho na Assembleia Geral em 1973 e acabou em 1982 com a inclusão dentro das línguas de trabalho do Comité de Segurança.

Se esta medida for implementada, a relevância internacional do português ficará melhorada consideravelmente. Isto é importante, se tivermos em conta que, ainda que o português seja a quinta mais falada do planeta, a sua importância a nível geopolítico é menor. Espanhol e português, apesar de serem línguas com um número de falantes importante, têm a sorte de estar em países do “Terceiro Mundo”. Embora a situação de muitos destes países esteja a melhorar, ainda continuam a ser chamadas de “Países em desenvolvimento”, termo associado com pobreza, desigualdade social e instabilidade política. Esta imagem poderia ser alterada se a ONU, considerado o mais importante órgão internacional, adotasse o português como uma das suas línguas de uso oficial. Aliás, isto fará que a ONU precise de tradutores e trabalhadores que tenham conhecimentos de português, o que criará uma oferta de trabalho considerável, se tivermos em conta que a ONU é, segundo a sua própria página web, “um dos maiores empregadores de profissionais de línguas”.

Quais são as possibilidades reais de esta proposta ser aprovada?

Começando, o futuro secretário-geral da ONU, António Guterres, que entrará no cargo em 1 de janeiro do ano próximo, já manifestou que gostava da ideia. Se bem que o cargo de secretário-geral sempre tenha sido um cargo mais decorativo do que útil, a sua opinião sempre é ouvida pelos seus membros. A importância, ou antes, o prestígio de chegar até o posto prova-o o facto de a rádio espanhola não parar de repetir a situação de António Guterres como “político ibero” (primeira vez que o Reino de Espanha parece importar-se com o seu país vizinho) e do facto de ele saber “falar espanhol” (como se fosse

requerimento para ser secretário-geral da ONU).

Ser o Brasil o principal promotor da medida é uma grande ajuda. O país é o sétimo quanto à contribuição que dá à ONU, sendo, além disso, a sétima potência económica por Produto Interno Bruto (PIB). Sendo uma potência emergente e parte do Grupo dos 77, a sua relevância internacional está a aumentar. Se os esforços diplomáticos do Brasil se focarem na aprovação do português como língua oficial, a medida poderá chegar a ser efetiva.

A Reforma defendida por muitos estudiosos também foi alvo de discussão pelos cidadãos, como nos mostra a imagem abaixo:

Fonte: <http://1.bp.blogspot.com/_laexXZ2D4fI/SxfpsrdBwzI/AAAAAAAAABA/ 2JNorT83Txs/s320/clip_image00>. Acesso em: 16 set. 2014

Segundo a professora de língua portuguesa Rita Schettini Costa, a população leva em média uma década para se adaptar às mudanças ortográficas.

http://blogdoorlandeli.zip.net/arch2009-01-04_2009-01-10.html Acesso em março de 2009.

9.22.1. Tempo de Adaptação

Fonte: Nova Escola: Manual da Nova Ortografia. São Paulo: Abril, Edição especial, agosto de 2008, p.6.

Aqui no Brasil, a última grande reforma do idioma foi realizada em 1971, a fim de aproximar mais nosso jeito de escrever do de Portugal.

Desde então, foi abolido o acento grave ou circunflexo nas palavras derivadas de outras acentuadas – mais de dois terços dos acentos que causavam divergências foram suprimidos.

Nessa mesma época os substantivos acôrdo e govêrno viraram acordo e governo (perderam o circunflexo que os diferenciava das formas verbais eu acordo e eu governo, que eram e continuam sendo pronunciadas de forma diferente).

Também deixaram de ser acentuadas outras palavras, como: somente, propriamente, rapidamente, cortesmente, sozinho, cafezinho e cafezal.

Veja as mudanças ocorridas em diferentes períodos:

Até os anos 1930

João acorda na manhan de sabbado, começa a tomar seu cafèzinho, mas percebe signais de uma jibóia, prompta para dar o bote. Êle pára, olha e tenta sahir tranqûilamente da sala, sem assustal-a. Vizinhos o vêem correndo pela auto-estrada e oferecem abrigo na egreja.

Até os anos 1970

João acorda na manhã de sábado, começa a tomar seu cafèzinho, mas percebe sinais de uma jibóia, pronta para dar o bote. Êle pára, olha e tenta sair tranqûilamente da sala, sem assustá-la. Vizinhos o vêem correndo pela auto-estrada e oferecem abrigo na igreja.

Até 2008

João acorda na manhã de sábado, começa a tomar seu cafezinho, mas percebe sinais de uma jibóia, pronta para dar o bote. Ele pára, olha e tenta sair tranqûilamente da sala, sem assustá-la. Vizinhos o vêem correndo pela auto-estrada e oferecem abrigo na igreja.

A partir de 2009

João acorda na manhã de sábado, começa a tomar seu cafezinho, mas percebe sinais de uma jiboia, pronta para dar o bote. Ele para, olha e tenta sair tranquilamente da sala, sem assustá-la. Vizinhos o veem correndo pela autoestrada e oferecem abrigo na igreja.

TEXTO: FRANCISCO MARÇAL DOS SANTOS
REVISÃO E ASSESSORIA: EDUARDO ANTONIO LOPES
DIREÇÃO DE ARTE: FABIO SALES
EDIÇÃO E COORDENAÇÃO: RENATA CAFARDO

Fonte: Jornal O Estado de São Paulo – Guia da Nova Ortografia

O acordo entrou em vigor em janeiro de 2010, mas as duas normas ortográficas - a atual e a prevista no acordo - puderam ser usadas e aceitas como corretas nos exames escolares, vestibulares, concursos públicos e demais meios escritos até dezembro de 2012.

As novas regras ortográficas ainda não serão adotadas pela maioria das instituições no país. O período de transição terminou em dezembro de 2012

Pela proposta do MEC, todos os textos produzidos a partir de 2010 foram impressos segundo as novas regras linguísticas.

Vestibulares, concursos e avaliações puderam aceitar as duas grafias como corretas até 31 de dezembro de 2011. Quanto aos livros didáticos, houve um escalonamento. A partir de 2010, os alunos de 1º a 5º ano do Ensino Fundamental receberam os livros dentro da nova norma – o que ocorreu com as turmas de 6º a 9º ano e no Ensino Médio, respectivamente, em 2011 e 2012.

Entender a reforma e dominar as novas regras não foram os únicos problemas da população que sofria com o ensino precário e o abandono em muitas escolas públicas.

Vimos, na aula anterior, que o gerundismo (abuso do gerúndio) é um fenômeno relativamente recente. Há quem diga que essa construção se deve à tentativa de tradução da estrutura do inglês "will be + gerúndio". Em um vídeo, o professor Sírio Possenti apresentou uma justificativa interessante para o uso, podemos chamar de: a procrastinação.

9.22.2. As letras do alfabeto

Parece incrível, mas as letras k, w I e Y, de fato, só entram para o nosso alfabeto depois da reforma.

No dicionário Houaiss, o termo whisky é aceito, mas há também a palavra aportuguesada: uísque.

Nosso alfabeto tem 26 letras – antes eram 23; foram incorporadas oficialmente: k, w e y, cujo emprego restringe-se:

Nomes próprios de pessoas e seus derivados: Franklin, frankliliano, Darwin, darwinismo, Taylor, taylorista;

Em nomes próprios de lugares originários de outras línguas e seus derivados: Kuwait, kuwaitiano, Yokohama;

Em símbolos, abreviaturas, siglas e palavras adotadas como unidades de medida internacionais: km (quilômetro), K (potássio), W (watt), www (world wide web);

Em palavras estrangeiras incorporadas à língua: sexy, show, download, megabyte.

acento agudo nos ditongos abertos "ei" e "oi" das palavras paroxítonas

http://blogdoorlandeli.zip.net/arch2009-01-11_2009-01-17.html Acesso em março 2009.

O acento agudo desapareceu em três casos:

1. Nos ditongos (encontro de duas vogais proferidas em uma só sílaba) abertos ei e oi das palavras paroxítonas (aquelas cuja sílaba pronunciada com mais intensidade é a penúltima)

Assembléia	Assembleia
Heróico	Heroico
Idéia	Ideia
Jibóia	Jiboia

A charge abaixo brinca com a palavra "mocreia", uma gíria brasileira de caráter pejorativo para se referir mulher que seja muito feia, mal-ajeitada, deselegante e chata.

Fonte: <http://static.minilua.com/wp-content/uploads/2010/05/532b_acordo_ ortografico.jpg>. Acesso em: 16 set. 2014.

Os nomes de lugares também sofrem alteração. Escreveremos, portanto, Coreia, Jureia, Boraceia, Cananeia e Pompeia.

No entanto, as oxítonas (palavras com acento na última sílaba) e os monossílabos tônicos terminados em éi, éu e ói continuam com o acento (no singular e no plural).

Herói(s)	Ilhéu(s)
Chapéu(s)	Anéis
Dói	Céu

Acento agudo desaparece do "i" e do "u" tônicos de palavras paroxítonas, quando essas letras vierem depois de um ditongo

Observe como "era" e como "é":

Como era	Como é
Bocaiúva (certo tipo de palmeira)	Bocaiuva
cheiínho	cheiinho
Feiúra	Feiura

Nas palavras paroxítonas (aquelas cuja sílaba pronunciada com mais intensidade é a penúltima) com i ou u tônicos que formam hiato (sequência de duas vogais que pertencem a sílabas diferentes) com a vogal anterior quando esta faz parte de um ditongo.

No entanto, as letras i e u continuam a ser acentuadas se formarem hiato (sequência de duas vogais que pertencem a sílabas diferentes), mas estiverem sozinhas na sílaba ou seguidas de s.

Baú	Baús	Saída

Tuiuiú	Piauí

No caso das palavras oxítonas (palavras com acento na última sílaba), nas mesmas condições descritas no item anterior, o acento permanece.

Nas formas verbais que têm o acento tônico na raiz, com o u tônico precedido das letras g ou q e seguido de e ou i. Esses casos são pouco frequentes na língua portuguesa: apenas nas formas verbais de aguir (acusar, censurar, argumentar) e redarguir.

Como era	Como é
Argúis	Arguis
Argúem	Arguem
Redargúis	Redarguis
Redargúem	Redarguem

Como era	Como é
Apazigúe	Apazigue
Averigúe	Averigue
Enxagúe	Enxague
Enxagúem	Enxaguem

9.23. Acento diferencial

O acento diferencial era utilizado para permitir a identificação mais fácil de palavras homófonas, ou seja, que tinham a mesma pronúncia.

Usamos o acento diferencial – agudo ou circunflexo – em vocábulos como pára (forma verbal), a fim de não confundir com para (a preposição) entre vários exemplos:

péla (verbo pelar = tirar o pêlo) e pela (preposição + artigo)

pólo (substantivo) e polo (antigo por + lo)

pélo (verbo pelar) e pêlo (substantivo)

pêra (substantivo) e péra (substantivo arcaico pedra) e pera (preposição arcaica para)

Agora o acento diferencial não é mais usado.

No entanto, duas palavras obrigatoriamente continuarão recebendo acento diferencial:

Pôr (verbo) mantém o circunflexo para que não seja confundido com a preposição por;

Pôde (o verbo poder no passado) também mantém o circunflexo para que não haja confusão com Pode (o verbo poder no presente).

Observação: fôrma/forma, acento facultativo.

Muitos autores famosos têm encarado a questão com mais seriedade do que talvez mereça. É famosa a situação que envolve Caetano Veloso e sua equipe. Leia o que aconteceu abaixo:

9.24. Acento circunflexo

Não será mais usado nas palavras terminadas em oo ou ee.

Como era	Como é
Enjôo	Enjoo
Vôo	Voo
Abençôo	Abençoo
Corôo	Coroo
Magôo	Magoo
Perdôo	Perdoo

Da mesma forma, deixa de ser usado o circunflexo na conjugação da terceira pessoa do plural do presente do indicativo ou do subjuntivo dos verbos crer, dar, ler, ver e seus derivados.

Como era	Como é
Crêem	Creem
Dêem	Deem
Lêem	Leem
Vêem	Veem
Descrêem	Descreem
Relêem	Releem
Revêem	Reveem

No entanto, nada muda na acentuação dos verbos ter, vir e seus derivados. Eles continuam com o acento circunflexo no plural (eles têm, eles vêm) e, no caso dos derivados, com o acento agudo nas formas que possuem mais de uma sílaba no singular (ele detém, ele intervém).

9.25. Trema

Em 1945, Portugal adotou mudanças que eliminaram o trema de seu vocabulário.

O trema, sinal gráfico de dois pontos usado em cima do u para indicar que essa letra, nos grupos que, qui, gue, gui, é pronunciada, será abolido. A pronúncia continua a mesma.

Como era	Como é
Agüentar	Aguentar
Freqüente	Frequente
Lingüiça	Linguiça
Seqüestro	Sequestro
Tranqüilo	Tranquilo

O trema não desapareceu de todas as palavras da língua portuguesa.

No entanto, o acordo prevê que o trema seja mantido em nomes próprios de origem estrangeira, bem como em seus derivados.

Bündchen	Müller	mülleriano

9.26. Hífen em palavras compostas

Deixa de ser empregado:

Quando o prefixo termina em vogal e o segundo elemento começa com as consoantes s ou r. Nesse caso, a consoante obrigatoriamente passa a ser duplicada;

Quando o prefixo termina em vogal e o segundo elemento começa com uma vogal diferente.

Como era	Como é
Anti-religioso	Antirreligioso
Anti-semita	Antissemita
Auto-aprendizagem	Autoaprendizagem
Auto-estrada	Autoestrada
Contra-regra	Contrarregra
Contra-senha	Contrassenha
Extra-escolar	Extraescolar
Extra-regulamentação	Extrarregulamentação

Não usamos mais o hífen em compostos que, pelo uso, perderam a noção de composição.

Como era	Como é
Manda-chuva	Mandachuva

Pára-quedas	Paraquedas
Pára-quedista	Paraquedista
Pára-lama	Paralama
Pára-brisa	Parabrisa
Pára-choque	Parachoque
Pára-vento	Paravento

O acento diferencial de “para-brisa” e “para-raios” caiu com a reforma ortográfica, mas o hífen permanece – ao contrário do que ocorre com “paraquedas”. Saiba o porquê com a videoaula de Thaís Nicoleti, consultora de língua portuguesa do Grupo Folha e colunista da Folha de São Paulo.

“Benfeito” ou “bem-feito”

Por Thaís Nicoleti

Segundo a nova ortografia, algumas formas iniciadas pelo prefixo “bem-” sofrem alteração. Segundo o texto do Acordo, ocorre aglutinação na família do verbo “bem-fazer”, que agora se escreve “benfazer” (forma que, embora já existisse antes, não era recomendada pelo Houaiss).

Assim, a antiga palavra “bem-feito” perde o hífen e passa a “benfeito”, obedecendo ao padrão de “benfeitor”, “benfeitoria” e “benfazejo”, todas já aglutinadas e pertencentes à mesma linha de cognação.

Já a grafia do verbo “bem-querer”, segundo a interpretação dada pela ABL ao texto oficial do Acordo, passa a conviver com a grafia “benquerer”.

Note-se que as formas “benquisto” e “benquerença” já eram aglutinadas, portanto justificariam a aglutinação de “benquerer” por analogia.

Segundo a nova edição do “Vocabulário Ortográfico da Língua Portuguesa”, porém, a antiga forma “benquerença” passa a conviver com a forma “bem-querença”.

Em suma, temos “benquerer”/ “bem-querer” e “benquerença”/”bem-querença”, ao gosto do freguês, como se dizia em tempos idos. “Benquisto” permanece sem alterações.

Fonte: <http://educacao.uol.com.br/dicas-portugues/ult2781u877.jhtm>. Acesso em: 6 set 2009, 10h24.

No entanto, o hífen permanece quando o prefixo termina com r (hiper, inter e super) e a primeira letra do segundo elemento também é r ou h.

Hiper-requintado	Super-resistente
Super-homem	Inter-regional

O uso do hífen permanece em palavras compostas que não contém elemento de ligação e constitui uma unidade semântica, mantendo o acento próprio.

Ano-luz	Azul-escuro
Médico-cirurgião	Conta-gotas
Guarda-chuva	Segunda-feira
Tenente-coronel	Beija-flôr
Couve-flôr	Erva-doce
Mal-me-quer	Bem-te-vi

O Hífen também permanece:

Água-de-colônia
Arco-da-velha
Cor-de-rosa
Mais-que-perfeito
Pé-de-meia
Ao deus-dará
À-queima-roupa

Em palavras formadas pelo prefixo 'ex' e 'vice'	ex-marido, vice-presidente
Em palavras formadas pelo prefixo 'circum', 'pan' + palavras iniciadas em vogal ou M ou N	pan-americano, circum-navegação
Em palavras formadas com 'pré', 'pró', 'pós' + mais palavras com significado próprio	pré-natal, pós-desarmamento, pós-graduação
Em palavras formadas por 'além', 'aquém', 'recém', 'sem'	além-mar, recém-casados, sem-número, sem-teto

Veja uma tabela do Professor Sérgio Nogueira, resumindo o uso do hífen.

Prefixos	Usa hífen	Não usa hífen
Agro, ante, anti, arqui, auto, contra, extra, infra, intra, macro, mega, micro, maxi, mini, semi, sobre, supra, tele, ultra...	Quando a palavra seguinte começa com h ou com vogal igual à última do prefixo: auto-hipnose, auto-observação, anti-herói, anti-imperialista, micro-ondas, mini-hotel	Em todos os demais casos: autorretrato, ultrassom, autossustentável, autoanálise, autocontrole, antirracista, antissocial, antivírus, minidionário, minissaia, minireforma
Sub	Quando a palavra seguinte começa com b, h, ou r: sub-base, sub-reino, sub-humano	Em todos os demais casos: hiperinflação, supersônico
Vice	Sempre: vice-rei, vice-presidente	Em todos os demais casos: subsecretário, subditor
Pan, circum	Quando a palavra seguinte começa com há, m, n ou vogais: pan-americano, circum-hospitalar	Em todos os demais casos: pansexual, cicuncisão

O próximo tópico abordaremos um pouco mais sobre produção textual e oral. Falaremos sobre Vícios de Linguagem.

Capítulo 10 - Vícios de Linguagem

10. Vícios de Linguagem

Prezado(a) Aluno(a)

Em nossas últimas aulas, tratamos de dois importantes tópicos: inadequações gramaticais e reforma ortográfica. E por que isso foi importante? Lembre-se que, em qualquer processo avaliativo e em situações em que se exijam mais formalismos, o domínio da norma culta do idioma será cobrado.

Uma outra preocupação quanto ao uso da norma diz respeito a algumas alterações provocadas por descuido, às vezes descaso ou desconhecimento consideradas defeitos. O tópico dessa aula será sobre os Vícios de Linguagem.

Ao iniciarmos a escola, descobrimos um novo Português, pois a língua usada no dia-a-dia não é a adotada pela escola e nem sempre é a usada em livros, jornais, revistas etc.

No entanto, em língua, não é muito bom falarmos em "erro"; é melhor dizer que o que ocorre são "transgressões da norma culta", ou seja, não se trata de um "erro", mas sim de um "engano", uma troca de uma modalidade por outra.

Na língua falada, quase tudo é válido para expressar uma ideia. Na língua culta, precisamos utilizar o padrão.

A modalidade da língua apresentada pelos professores de Português é a língua culta ou padrão. Aquela que utilizamos em situações informais é a língua coloquial.

Como vimos, a língua coloquial é espontânea, subjetiva; a culta é mais artificial, pois requer, do falante, elaboração maior e objetividade. Portanto, a língua coloquial está muito mais ligada ao cotidiano, às situações informais e a língua culta é usada nas situações mais formais (na composição de textos, em entrevistas etc.).

Entre essas "transgressões" estão os "vícios de linguagem", alterações defeituosas devidas ao desconhecimento das regras ou ao descaso de alguns escritores que a língua sofre quanto à pronúncia e à escrita. O "erro" passa a ser um vício quando se torna frequente na expressão de muitas pessoas.

Vícios de linguagem são os desvios das regras da norma culta na fala ou na escrita.

São muitos os vícios de linguagem, no entanto o professor Evanildo Bechara, em sua Moderna Gramática Portuguesa menciona três desses vícios: barbarismo, estrangeirismo e solecismo. A classificação varia de acordo com os gramáticos, mas podemos elencar os seguintes vícios de linguagem:

ambiguidade ou anfibologia,

arcaísmo,

barbarismo,

cacofonia,

estrangeirismo,

neologismo,

obscuridade,

pleonasmo,

preciosismo,

redundância,

solecismo,

tautologia e

vulgarismo.

Vejamos cada um desses vícios!

10.1. Ambiguidade ou Anfibologia

Deriva do latim lat. ambiguìtas,átis 'ambiguidade, incerteza, obscuridade'; significa também "dualidade".

É a duplicidade de sentidos que pode haver em uma palavra, em uma frase ou num texto inteiro.

Consiste em usar diversas palavras na frase de maneira a causar duplo sentido na sua interpretação. Quando usado intencionalmente, a ambiguidade se torna um importante recurso de expressão.

No entanto, quando é resultado da má organização das ideias, ou do emprego inadequado de certas palavras, ou ainda inadequação do texto ao contexto discursivo, ela pode gerar problemas para a comunicação.

Ambiguidade como recurso de construção

A ambiguidade é frequentemente usada como recurso de expressão em textos poéticos, publicitários e humorísticos.

Veja a seguir uma propaganda dos Correios. No texto, na parte superior do anúncio, há uma ambiguidade intencional.

Como você reescreveria a propaganda de modo a desfazer a ambiguidade.

Ambiguidade como problema de construção

Veja exemplos em que a ambiguidade aparece como um problema de construção.

Ex.1: Encontrei seu primo e resolvemos fazer uma festa na sua casa." (A casa era da pessoa com quem se estava falando ou do primo dela?)

Ex.2: O chefe discutiu com o empregado e estragou seu dia. (não se sabe qual dos dois é autor ou paciente).

Ex.3 Ao saber que o filho havia levado uma mordida, a mulher perguntou: "Afinal, quem mordeu o Pedro?". A resposta: "Foi a cachorra da namorada do João neurótica."

Você deve ter percebido que a ambiguidade está em "a gente corre a favor e contra"; pode-se dar a impressão de que há uma contradição na frase. A frase sem ambiguidade poderia ser: "A gente corre contra o tempo e a favor do nosso cliente" ou "A gente corre contra o tempo e a favor de quem precisa do nosso serviço".

Abaixo outro exemplo em que a ambiguidade é estilisticamente desejada para provocar interesse, riso ou conjectura.

Que relação você pensa que existe entre o dicionário e a palavra "burro"? Você percebe que a ambiguidade foi expressada propositadamente? Como você entende as duas formas que a frase pode explicitar?

Fonte da imagem: <http://portaldoprofessor.mec.gov.br/fichaTecnicaAula. html?aula=15226>. Acesso em: 22 abr. 2017.

A expressão "pra burro" pode indicar um superlativo que pode ser traduzido por "muito/super burro" ou a proposição "para" é um sinal de endereçamento, ou seja, "para os ignorantes". Claro que é forma depreciativa trazida pela antiga expressão que se referia ao dicionário como o "pai dos burros".

Agora observe um exemplo, retirado de mídias sociais, em que temos presente a ambiguidade, cuja forma é indesejável. A palavra “muda” pode ser o substantivo, indicando uma pessoa que não fala ou pode ser o verbo mudar no tempo Presente.

A tirinha a seguir também apresenta ambiguidade, ao trazer a duplicidade de sentido para o verbo “ver” (no gerúndio) e o verbo “vender” (no tempo Presente).

Fonte da imagem: < http://portugues.colband.net.br/2013/05/06/nao-ha-ambiguidade/>. Acesso em 10 abr. 2017.

Um exemplo clássico de ambiguidade encontra-se no poema de Manuel Bandeira. Trata-se um poema cujo tema é essencialmente a solidão, cujo título é intencionalmente ambíguo.

Em “Poema só para Jaime Ovalle”, “só” pode referir-se a “poema” (“poema solitário”, por exemplo) ou a “Jaime Ovalle” (“poema feito exclusivamente para Jaime Ovalle”, por exemplo). Quer conhecer o poema? Leia abaixo:

Poema só para Jaime Ovalle

(quem mordeu o Pedro foi: a cachorra, que é neurótica e pertence à namorada do João?; a cachorra, que pertence à namorada neurótica do João?; a namorada do João, que, foi insultada?). Manuel Bandeira

Quando hoje acordei, ainda fazia escuro
(Embora a manhã já estivesse avançada).
Chovia.
Chovia uma triste chuva de resignação
Como contraste e consolo ao calor tempestuoso da noite.
Então me levantei,
Bebi o café que eu mesmo preparei,
Depois me deitei novamente, acendi um cigarro e fiquei pensando...
- Humildemente pensando na vida e nas mulheres que amei.

É importante também destacar o papel da pontuação. Compare a frase “Só você não conseguirá a resposta” com “Só, você não conseguirá a resposta”. Parecem iguais. As palavras são as mesmas, a ordem das palavras é a mesma, mas a vírgula faz a diferença. Na primeira, “só” significa “apenas”; na segunda, “sozinho/a”.

Um tempo a sós,

talvez seja só o que você precisa.

Vale lembrar a expressão “a sós”, invariável: “Quero ficar a sós”; “Queremos ficar a sós”; “Ele quer ficar a sós”; “Elas querem ficar a sós”. Observe a frase abaixo que diferencia a expressão “a sós” que significa “sem comanhia”, “consigo mesmo” do advérbio “só”, com sentido de “apenas”, “somente”.

A ambiguidade dever ser evitada para não gerar problemas de interpretação. Ela pode acontecer devido à contrução textual, pelo emprego de palavras com mais de um sentido ou mesmo pela pontuação indevida.

Vírgula pode ser uma pausa... ou não.

Não, espere.

Não espere.

Ela pode sumir com seu dinheiro.

23,4.

2,34.

Pode ser autoritária.

Aceito, obrigado.

Aceito obrigado.

Pode criar heróis.

Isso só, ele resolve.

Isso só ele resolve.

ABI: 100 anos lutando para que ninguém mude uma vírgula da sua informação.

10.2. Arcaísmo

Deriva do grego arkhaïsmós ou "imitação dos antigos". São palavras, expressões, construções ou maneira de dizer que deixaram de ser usadas ou passaram a ter emprego diverso. O arcaímo é entendido como um vício em empregar palavras antiquadas.

Exemplos: assi (assim), entonces (então), geolho (joelho), outrossim (também), quiça (talvez) vosmecê (você) etc.

Algumas formas arcaicas ainda resistem em falares regionais. No Brasil, observam-se, especialmente no Nordeste, pronúncias como fruita (fruta), malinar (verbo formado a partir de malino, atual "maligno"), testemunhas vivas de usos linguísticos de séculos atrás.

WATTERSON, Bill. O melhor de Calvin. O Estado de S.Paulo, São Paulo, 27 ago. 2002.

10.3. Barbarismo

O termo barbarismo é derivado da palavra “bárbaro”, ou seja, aquele que é contrário às regras ou ao seu uso, que age de maneira incorreta. Consiste em usar uma palavra errada quanto à grafia, pronúncia, significação, flexão ou formação.

Fonte da imagem: <http://www.monolitonimbus.com.br/certo-ou-errado-como-se-escreve/>. Acesso em: 21 abr. 2017.

Pode por descuido de um falante ou por desconhecimento das normas da língua. Divide-se em: gráfico, ortoépico, prosódico, semântico, morfológico e mórfico.

a) Gráficos: conssessiva (concessiva), proesa (proeza);

b) Ortoépicos: carramanchão (caramanchão), subcistir (subsistir);

c) Prosódicos: filântropo (filantropo), íbero (ibero), rúbrica (rubrica);

d) Semânticos: tráfico (no lugar de tráfego), indígena (como sinônimo de índio, em vez de “autóctone” - que ou quem é natural do país ou da região em que habita e descende das raças que ali sempre viveram).

e) Morfológicos: cidadões (cidadãos), deteu (deteve), proporam (propuseram), uma telefonema (um telefonema), reavi (reouve – no presente do indicativo, só há “reavemos” e “reaveis”);

f) Mórficos: filmeteca (filmoteca=cinemateca), monolinear (unilinear).

10.4. Cacofonia

Etimologicamente, a palavra cacofonia tem origem de duas palavras gregas: kako + phóne, que tem um significado similar à "malsonância", ou seja, algo que soa mal.

Fonte da imagem: Charge do Arquiteto, urbanista e cartunista Roque Sponholz

<http://www.sponholz.arq.br/>. Acesso em 21 abr. 2017.

Caracteriza-se pelo encontro ou repetição de fonemas ou sílabas que produzem efeito desagradável ao ouvido.

Cacófatos mais conhecidos: "Como as concebo", "Eu vi ela", e "Uma mão lava a outra". Nem nosso Hino Nacional escapou: "De um povo heroico o brado retumbante.".

Constituem cacofonias:

a) Colisão (repetição de consoantes que torna difícil ou incômoda a pronúncia): O rato roeu a roupa do Rei de Roma.

A cacofonia é usada na escola como uma ferramenta lúdica para ensinar as crianças a articularem palavras, por meio do "trava-língua". Você já não ouviu a frase: "Num ninho de mafagafos tem seis mafagafinhos. Quem os desmafagafizar bom desmafagafizador será.".

b) Eco ou Assonância (semelhança ou igualdade de sons em palavras próximas , com algum intervalo, de modo a se produzirem indesejáveis rima e ritmo na prosa): Infelizmente, Vicente mente constantemente para toda gente.

Na poesia, a "rima" é uma forma normal de eco. São expressivas as repetições vocálicas a curto intervalo que visam à musicalidade ou à imitação de sons da natureza (harmonia imitativa).

c) Hiato (sequência de vogais que dificulta a pronúncia): Não vá à aula hoje.

Segundo o gramático e filólogo Napoleão Mendes de Almeida, "Só haverá cacofonia quando a palavra produzida for torpe, obscena ou ridícula". Exemplos: "É mulher que se disputa.", "Ele marca gol!", "Vou-me já."

Fonte da imagem: <http://pergunteaofred.blogspot.com.br/2011_02_01 _archive.html>. Acesso em: 21 abr. 2017.

Para ele, é infundado o exagerado escrúpulo de quem diz haver cacófato em: "É um por cada", "Na vez passada", "Uma prima minha" e "Ela tinha". No mesmo caso podemos incluir "Uma mão" e "Só minha".

e) Aliteração (Encontro de sílabas iguais ou muito parecidas no início de várias palavras na mesma frase ou verso, , que produz sonoridade desagradável): O rápido raio risca o céu.

Repetição intencional de consoantes ou de grupos de consoantes para produção de efeito sonoro estético. Veja um trecho do poema de Cruz e Sousa:

"Vozes veladas, veludosas vozes,/ Volúpia dos violões, vozes veladas,/ Vagam nos velhos vórtices velozes/ Dos ventos, vivas, vãs, vulcanizadas".

Ouça um exemplo muito interessante no texto lido pelo humorista, escritor e ator Chico Anísio.

"E vamos falar do mundo, mundo moderno, marco malévolo, mesclando mentiras, modificando maneiras, mascarando maracutaias, majestoso manicômio. Meu monólogo mostra mentiras, mazelas, misérias, massacres, miscigenação, morticínio – maior maldade mundial.

Madrugada, matuto magro, macrocéfalo, mastiga média morna. Monta matungo malhado munindo machado, martelo, mochila murcha, margeia mata maior. Manhãzinha, move moinho, moendo macaxeira, mandioca. Meio-dia mata marreco, manjar melhorzinho. Meia-noite, mima mulherzinha mimosa, Maria morena, momento maravilha, motivação mútua, mas monocórdia mesmice. Muitos migram, macilentos, maltrapilhos. Morarão modestamente, malocas metropolitanas, mocambos miseráveis. Menos moral, menos mantimentos, mais menosprezo. Metade morre.

Mundo maligno, misturando mendigos maltratados, menores metralhados, militares mandões, meretrizes, marafonas, mocinhas, meras meninas, mariposas mortificando-se moralmente, modestas moças maculadas, mercenárias mulheres marcadas. Mundo medíocre. Milionários montam mansões magníficas: melhor mármore, mobília mirabolante, máxima megalomania, mordomo, Mercedes, motorista, mãos... Magnatas manobrando milhões, mas maioria morre minguando. Moradia meia-água, menos, marquise.

Mundo maluco, máquina mortífera. Mundo moderno, melhore. Melhore mais, melhore muito, melhore mesmo. Merecemos. Maldito mundo moderno, mundinho m... ."

10.5. ESTRANGEIRISMO

Todo e qualquer emprego de palavras, expressões e construções estrangeiras em nosso idioma recebe denominação de estrangeirismo.

Classificam-se em: francesismo, italianismo, espanholismo, anglicismo (inglês), germanismo (alemão), eslavismo (russo, polaço, etc.), arabismo, hebraísmo, grecismo, latinismo, tupinismo (tupi-guarani), americanismo (línguas da América) etc...

Fonte das imagens: <http://anaclaudia1961.blogspot.com.br/>. Acesso: 14 fev. 2016.

O estrangeirismo pode ser morfológico ou sintático.

a) Morfológicos: (observe palavras que já foram consideradas estrangeiras e, hoje, fazem parte do Português)

- Francesismo: abajur, chefe, carnê, matinê etc.;

- Italianismos: ravioli, pizza, cicerone, madona etc.;

- Anglicanismos: express, futebol, sale, sanduíche, selfie etc.;

- Latinismos: bis, curriculum, index, memorandum etc.

Muito se questiona sobre a necessidade e o excesso de estrangeirismo, sobretudo, os americanismos.

A charge do cartunista e publicitário paranaense é um bom exemplo de quanto o uso exagerado dos estrangeirismo prequer cuidado.

Fonte da imagem: <http://portal.rpc.com.br>. Acesso: 20 abr. 2017.

O uso do estrangeirismo precisa ser mais cuidadoso, uma verz que muitas pessoas na sociedade podem não reconhecer os termos justamente por não fazer parte do idioma nacional.

Veja que interessante a charge do cartunista Cézar Augusto Villas Boas (Pelicano):

Fonte da imagem: <http://blogdopelicano.blogspot.com.br/>. Acesso em: 25 abr. 2017

A seguir apresentamos algumas imagens veiculadas em mídias sociais em que o uso da língua inglesa sofre incorreções graves. Embora risíveis, algumas destas incorreções podem comprometer o entendimento.

Claro que estamos cercados de palavras, sobretudo de origem da língua inglesa. O “OK” é considerado, por muitos, como o mais bem sucedido de todos os americanismos usados hoje no mundo. Há dúvidas e mistérios quanto a sua origem.

A teoria mais aceita hoje diz que as iniciais OK representam oll korrect, forma ortográfica jocosa de all correct (tudo certo) usada no início do século 19.

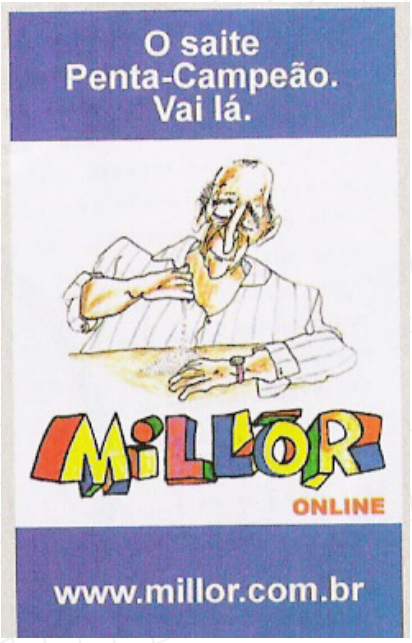
OK aumentou em popularidade durante a campanha presidencial de 1840, ao ser usado como slogan do então candidato Martin Van Buren cujo apelido era Old Kinderhook.

A cartunista Laerte brinca com a palavra e o fato de muitos termos do inglês serem “aportuguesados”, ou seja, serem adaptados à língua portuguesa, seja em relação à pronúncia ou à escrita. O processo de aportuguesamento pode ser rápido ou lento, aceito ou contestado.

Fonte da Imagem: Piratas do Tietê. Jornal Folha de São Paulo, 24out2006.

Algumas formas não são bem sucedidas, ou pelo fato da palavra em inglês ser adotada pela sociedade – como o caso de "site" – ou pelo fato de traduções ("sítio") não corresponderem com exatidão ao sentido desejdo ou, ainda, pelo aportuguesamento não ser aceito.

O cartunista Millôr Fernandes usa a palavra "saite", ironizando o aportuguesamento.



Fonte: Revista Língua Portuguesa, Editora Segmento, ANO I nº2, 2005 ISSN 1808 3498 p.65.

A seguir, veja que alguns autores, mesmo sem grande sucesso, adotaram a forma aportuguesa.

Fonte da imagem: <https://dicionarioegramatica.files.wordpress.com/ 2016/02/saite.pn-g?w=559&h=399>. Acesso: 30 abr. 2017.

Outro exemplo da polêmica dos estrangeirismo é o uso de "deletar" – forma já dicionarizada. Por muito tempo, o uso de "deletar" foi contestado. Muitos professores diziam que o verbo poderia susbtituído por apagar.

Fonte da imagem: Jornal Destak, 31 ago 2007, p.17
CINEMA MUDO, por Munhoz – <www.humordomal.zip.net>

O termo foi polularizado justamente pela Tecnologia da Informação, e seu significado ganhou força significando "remover algo totalmente", "retirar uma informação".

b) Sintáticos:

- O jogo resultou admirável. (espanholismo);

- Pedro é mais velho de mim. (italianismo).

Para saber se um termo existe em português, consulte o Vocabulário Ortográfico da Língua Portuguesa (VOLP).

O VOLP é um levantamento não oficial de palavras existentes na língua portuguesa, com indicação da

sua com indicação da sua grafia e informações adicionais sobre classe gramatical, formas irregulares de feminino e plurais etc.

10.6. Neologismo

Palavra, expressão ou construção recentemente criadas ou introduzidas na língua. A tirinha a seguir faz uma crítica política, usando uma criação linguística baseando-se nas palavras “Brasília” e “ilha”.

Fonte da imagem: < http://soumaisenem.com.br/portugues/morfologia/ >. Acesso: 30 abr.2017.

Costumam-se classificar os neologismos em:

Extrínsecos: que compreendem os estrangeirismos.

Intrínsecos (ou vernáculos): são formados com os recursos da própria língua. Podem ser de origem culta ou popular.

Neologismos de origem culta subdividem-se em:

a) Científicos ou técnicos: aeromoça, penicilina, telespectador, taxímetro (redução: táxi) etc.;

b) Literários ou artísticos: vesperal (vesperális,e ‘ocidental’; na acp. ‘festa realizada à tarde’, o voc. foi introduzido no português para traduzir o francês matinée ‘matinê’) etc.

Leia o poema abaixo e identifique o neologismo criado.

Neologismo

Manuel Bandeira, de 1948

Beijo pouco, falo menos ainda.

Mas invento palavras

Que traduzem a ternura mais funda

E mais cotidiana.

Inventei, por exemplo, o verbo teadorar.

Intransitivo:
Teadoro, Teodora.

Você percebeu que o verbo "teadorar" foi claramente uma criação do autor. Ele emprestou o verbo para homenagear sua amada.

Neologismos populares são constituídos pelos termos de gíria. manjar (entender, saber do assunto), a pampa, legal (excelente), biruta etc.

Quem não se lembra ou não ouviu falar de quanto um ministro oriundo das classes trabalhadoras, Rogério Magri, foi censurado pelo uso do adjetivo "imexível".

Atualmente, o termo se encontra incorporado ao Dicionário Houaiss ("adjetivo de dois gêneros: em que não se pode mexer; inalterável. Exemplo: um plano de governo. Etimologia: in- + mexível").

O termo, criado de forma espontânea por um falante que estava diante de câmeras de televisão, acabou por se tornar institucionalizado, familiar a um grande número de usuários da língua.

Fernando Henrique Cardoso, ex-presidente e sociólogo, considerado intelectual, durante um seminário realizado em São Paulo, em 1997, declarou: "a globalização cria pessoas dispensáveis no processo produtivo, que são crescentemente inempregáveis".

Não houve o mesmo alarde a respeito do termo como ocorrera com o ministro Magri. Fernando Henrique, enquanto esteve na presidência, ainda cunhou outros vocábulos: fracassomania, neobobismo, opiniáticos, catastrofistas etc.

10.7. Obscuridade

Consiste em construir a frase de tal modo que o sentido se torne obscuro, ininteligível. Em um texto, algumas causas da obscuridade podem ser: má pontuação, rebuscamento da linguagem, frases excessivamente longas (prolixas) ou exageradamente curtas (lacônicas), etc.

Exemplo: No porto de Santos, o navio grego entrava o navio inglês. Considerando "entrava" como pretérito imperfeito do verbo "entrar", a frase tornar-se obscura. Na verdade, a forma verbal assinalada deve ser considerada flexão do presente do indicativo do verbo entravar.

Tome a tira de Laerte como um bom exemplo sobre a linguagem obscura – evidentemente a autora usou a figura com o intuito de criticar ou provocar riso.

Fonte da imagem: < http://manualdominotauro.blogspot.com.br/2011/04/tvfolha-23-04-11.html>. Acesso em 30 abr. 2017.

10.8. Pleonasmo

De 'pleos', em grego, que quer dizer abundante; significa, em síntese, uma repetição, no falar ou escrever, de ideias ou palavras que tenham o mesmo sentido.

Pode ser visto como uma figura de estilo ou como um vício de linguagem. O limite entre o "defeito" e o estilo pode parecer tênue. No entanto, às vezes, torna-se fácil distinguir um do outro.

Pleonasmo como recurso de estilo - Em Manuel Bandeira, no Poema Só para Jaime Ovalle, lemos: "Chovia uma triste chuva de resignação".

A tirinha a seguir brinca com o significado de pleonasmo para fazer uma crítica política:

Fonte da imagem: <http://www.opera10.com.br/2016/07/codigos-e-linguagens-vicios-ou.html>. Acesso: 20 abr. 2017.

Pleonasmo em síntese, é uma repetição, no falar ou escrever, de ideias ou palavras que tenham o mesmo sentido. Trata-se de termo genérico, que tanto pode adornar a linguagem, como torná-la feia e sem encanto.

É preciso ficar claro que pode ser usado com um sentido positivo e outro negativo.

No primeiro caso, em que se busca dar força à expressão, chama-se pleonasmo de estilo. Exemplo: "Vi com meus próprios olhos".

No segundo caso, caracteriza vício da linguagem, pleonasmo como problema de construção, chama-se pleonasmo vicioso, longe de enfeitar o estilo, apenas repete desnecessariamente ideia já referida. Exemplo: "Subir para cima".

Tautologia é uma outra denominação recebida para Pleonasmo vicioso.

10.9. Tautologia

Você conhece o termo da Ciência da Computação. Na lógica proposicional, uma tautologia (do grego ταυτολογία) é uma fórmula proposicional que é verdadeira para todas as possíveis valorações de suas variáveis proposicionais.

TABELA VERDADE							
p	q	~p	~q	p^q	p v q	p→q	p↔q
V	V	F	F	V	V	V	V
V	F	F	V	F	V	F	F
F	V	V	F	F	V	V	F
F	F	V	V	F	F	V	V

Em língua, Tautologia exprime a ideia de mesmo, de idêntico – muitas vezes chamada de Redundância.

Trata-se de termo genérico que pode tornar a linguagem feia e sem encanto. Emprego inconsciente ou voluntário de palavras ou expressões desnecessárias, repetição inútil.

Veja a seguir alguns exemplos:

Fonte da imagem: <http://www.opera10.com.br/2016/07/codigos-e-linguagens-vicios-ou.html>. Acesso: 20 abr. 2017.

Além dos lapsos mais comuns nesse campo (subir para cima, descer para baixo, entrar para dentro, sair para fora, menino homem...), há outros de identificação mais difícil, mas que, de igual modo, devem ser evitados: principal protagonista (protagonista já é o personagem principal), prever antes (por força do prefixo latino pré significando anterioridade, prever depois não é prever), repetir de novo (em razão do prefixo latino re, repetir já significa atuar de novo)

A seguir, vamos ver uma tirinha que usa o pleonasmo para criticar o mais conhecido e usado programa para computadores.

Fonte da imagem: <http://www.opera10.com.br/2016/07/codigos-e-linguagens-vicios-ou.html>. Acesso: 20 abr. 2017.

Ouça o vídeo de Leandro Hassum para encontrar exemplos bastante comuns no dia a dia de redundância e pleonasmo.

Segue uma tabela com inúmeros exemplos de expressões redundantes, alguns dos quais você encontrará no vídeo indicado.

Abertura inaugural	Abusar demais	Acabamento final	Amanhecer o dia	Ambos os dois
Anexo (a) junto a carta	A seu critério pessoal	Atrás da retaguarda	Best-seller mais vendido	Certeza absoluta
Colaborar com uma ajuda / auxílio	Comparecer em pessoa	Compartilhar conosco	Comprovadamente certo	Conviver junto
Criação nova	De sua livre escolha	Demasiadamente excessivo	Elo de ligação	Em duas metades iguais
Empréstimo temporário	Encarar de frente	Escolha opcional	Exceder em muito	Exultar de alegria
Fato real	Frequentar constantemente	Grande maioria	Há anos atrás	Individualidade inigualável
Medidas extremas de último caso	Multidão de pessoas	Obra-prima principal	Passatempo passageiro	Pessoalmente, eu acho...
Planejar antecipadamente	Pode possivelmente ocorrer	Preconceito intolerante	Propriedade característica	Relações bilaterais entre dois países
Repetir outra vez	Retornar de novo	Superávit positivo	Sugiro, conjecturalmente	Surpresa inesperada
Todos foram unânimes	Última versão definitiva	Vandalismo criminoso	Vereador da cidade	Voltar atrás

10.10. Preciosismo ou Prolixidade

Trata-se de expressão rebuscada. Usa-se com prejuízo da naturalidade do estilo. É o que o povo chama de “falar difícil”.

Exemplo: “Deram muitos amplexos.” – “amplexos” significa “abraços”.

Também é preciosismo o abuso, na expressão oral, do linguajar próprio do padrão formal (língua escrita). Estes usos costumam parecer forçados ou artificiais no falar do dia-a-dia.

Por exemplo, durante um bate-papo, dizer certos empregos do pronome oblíquo (Ainda não o vimos), flexões do mais-que-perfeito do indicativo (Eu nada soubera) e, o que é pior, o uso da mesóclise, como em “Ver-nos-íamos, se tivéssemos tempo”.

Há uma “lenda” sobre Rui Barbosa que diz que um certo dia, ao chegar em casa, ele ouviu um barulho estranho vindo do seu quintal. Chegando lá, encontrou um ladrão tentando levar seus patos. Aproximou-se vagarosamente do indivíduo e, surpreendendo-o ao tentar pular o muro com seus patos, disse-lhe:

- Oh, bucéfalo anácrono! Não o interpelo pelo valor intrínseco dos bípedes palmípedes, mas sim pelo

ato vil e sorrateiro de profanares o recôndito da minha habitação, levando meus ovíparos à sorrelfa e à socapa. Se fazes isso por necessidade, transijo; mas se é para zombares da minha elevada prosopopeia de cidadão digno e honrado, dar-te-ei com minha bengala fosfórica bem no alto da tua sinagoga, e o farei com tal ímpeto que te reduzirei à quinquagésima potência que o vulgo denomina nada.

E o ladrão, confuso, apenas consegui perguntar: "- Dotô, eu levo ou deixo os pato?".

Fonte: <http://pensador.uol.com.br/frase/NTIzMDQ0/>. Acesso: 20 abr. 2017.

É preciso usar padrão linguístico adequado para as diferentes situações de comunicação social.

10.11. Solecismo

Do grego 'soloikismós,oû ', trata-se do erro contra regras de linguagem. Segundo a etimologia, 'Soles' era o nome de uma antiga colônia de atenienses estabelecidos, na Cilícia (região da Ásia Menor), cuja fala dos moradores que se caracterizava por um dialeto que os puristas consideravam mal falada. O vocábulo também é encontrado no latim 'Soloecismus'.

São os erros que atentam contra as normas de concordância, de regência ou de colocação.

a) Solecimos de regência: Cheguei no Brasil em 2017 (Cheguei ao Brasil em 2017); Ontem assistimos o filme (Ontem assistimos ao filme); Eu namoro com Antonio. (Eu namoro Antonio.);

b) Solecismo de concordância: Haviam muitas pessoas na festa (Havia muitas pessoas na festa); O pessoal já saíram? (O pessoal já saiu?); A gente vamos. (A gente vai); Nos deram autorização para fazer a prova. (Deram-nos autorização para fazer a prova);

c) Solecismo de colocação: Eu abracei-lhe (Eu o abracei); Ela não falou-me nada (Ela não me falou nada); Me disserram (Disseram-me).

Fonte: < http://www.opera10.com.br/2016/07/codigos-e-linguagens-vicios-ou.html>. Acesso: 20 abr. 2017.

10.12. Vulgarismo

É o uso linguístico popular em contraposição às doutrinas da linguagem culta da mesma região. O vulgarismo pode ser fonético, morfológico e sintático.

a) Fonético:

A queda dos “erres” finais: anda (andar), comê (comer) etc.;

A a vocalização do “L” final nas sílabas. Exemplo.: mel = méu, sal = saú etc.;

A monotongação dos ditongos. Exemplos: estoura = estóra, roubar = robar;

A intercalação de uma vogal para desfazer um grupo consonantal.

Exemplos.: advogado = adevogado, ritmo = rítimo, psicologia = pissicologia.

b) Morfológico e sintático:

Temos a simplificação das flexões nominais e verbais. Exemplos: Os aluno, dois quilo, os homê brigou.

Também o emprego dos pronomes pessoais do caso reto em lugar do oblíquo. Exemplos: vi ela, olha eu, ó gente, etc.

10.13. Jargão

Para o professor Possenti, da Universidade de Campinas, a crítica aos jargões é romântica. “Não dá para falar de linguística sem usar jargão. Um aspecto constitutivo de qualquer saber é uma linguagem própria”, afirma Possenti.

Segundo ele, é ingenuidade tentar combater as divisões sociais começando pela língua. “O problema é a mídia ouvir o economista sobre a alta de juros, em vez de ouvir o feirante”, argumenta.

Economista usa jargão, feirante usa gíria, mas a diferença entre os dois fenômenos linguísticos é menos científica e mais baseada no status, segundo ele. “Na verdade, é uma distinção social. Jargão é a gíria dos bem-postos, e gíria é o jargão dos despossuídos.”

Dino Preti, professor da Universidade de São Paulo, entende o jargão como um instrumento de exclusão. “Não existem mais linguagens puras ou padrões melhores ou piores. O que existe são variações. A linguagem culta é ideal em certas condições e, em outras, não. Até palavrão é ideal algumas vezes.”

O falante culto, afirma, não é o que conhece a gramática, mas sabe se adaptar às variações de linguagem, de acordo com cada situação. “Uma coisa é o especialista usar ‘deletar’ entre colegas, outra é ostentar o fato de ser um técnico em computação.”

Inconscientemente, ninguém quer explicar nada, e sim preservar seu poder por meio da linguagem, de acordo com Sírio Possenti. “A bula de remédio, por exemplo, não é feita para informar, mas para cumprir uma lei que manda informar”, diz Possenti.

Ele chama a atenção para o fato de que a língua serve menos para a comunicação e mais como marca social. “Quanto mais dividida é uma sociedade, mais diversidade de línguas ela vai apresentar. Por meio do léxico, os grupos criam laços com seus pares e separam os diferentes. É um jogo de poder, mas o que não é?”, pergunta.

Embora sejam termos muito próximos, tentemos separá-los:

Chavão	Diz respeito ao termo que distancia o leitor do emissor da mensagem, tornando-a cansativa, rebuscada e ineficaz.	“Colega, venho por meio deste...” – desnecessário usar a forma “venho por meio...” é ultrapassada.

Jargão	Diz respeito ao o linguajar próprio de um grupo profissional; gírias usadas por pessoas de uma determinada área profissional	Os bandidos ¨filmaram¨ a loja antes do assalto. (No jargão policial o verbo ¨filmar¨ significa: observar; estudar o local.)

Clichê	Diz respeito à fórmula repetida, que foi várias vezes usada em livros ou filmes e que já perdeu a graça, virou um estereótipo.	"Mulher é o sexo frágil" é pensamento desgastado, sem surpresas.

O jargão também domina o ambiente da Tecnologia.

Leia o texto a seguir. Você acha que as afirmações do texto ainda são válidas?

Quais as novas palavras você acrescentaria na lista apresentada pela matéria?

Jargão: o mal que domina a TI

Profissionais de tecnologia adoram usar siglas e termos em inglês sem sentido literal ou tradução coerente. Por isso traduzimos os termos do setor que nem o dicionário conhece.

Computerworld

19 de Fevereiro de 2007 - 09h10

Jogue fora seu dicionário. Porque, no mundo de TI, frequentemente as palavras não correspondem aos significados tradicionais. Basta ver como duas veteranas da indústria de TI definem o simples termo parceria.

Para Naomi Karten, diretora da empresa de consultoria Karten Associates e autora de Communication Gaps and How to Close Them (Dorset House Publishing Co., 2002), parceria significa que "você e eu concordarmos em fazer as coisas ao meu modo". Já para Melise R. Blakeslee, advogada da McDermott Will & Emery, é um eufemismo de "não podemos fazer nós mesmos e por isso chamamos outra pessoa".

Quem está certa? Faça sua escolha, sugere Jon Kraft, chairman do Conselho Tecnológico do Sul da Califórnia, fórum regional para líderes de TI. "O termo parceria agora é usado para qualquer tipo de relacionamento. Se eu conseguir extrair do contexto qual é o tipo de relacionamento, fantástico. Se não conseguir, terei de pesquisar", resigna-se.

E olha que parceria é um termo fácil. O mundo de TI está repleto de outros mais difíceis — jargão nebuloso, acrônimos, expressões populares e palavras inventadas que evoluem tão rápido quanto a própria tecnologia. O pessoal do dicionário é incapaz de acompanhar.

Algumas pessoas talvez achem divertido usar terminologia técnica para confundir os tecnófobos, mas o emprego disseminado de jargão traz conseqüências para o negócio e a carreira. No mínimo, a confusão em torno de neologismos de TI pode levar a uma falha na comunicação que gera frustração e desperdício de tempo. "Você pode ser a pessoa mais técnica do mundo, mas de que adianta se não consegue se comunicar efetivamente com seus parceiros de negócio?", indaga Jerry Luftman, vice-presidente executivo de relações acadêmicas da Society for Information Management (SIM).

Muitas maneiras de confundir

TI é permeada por várias camadas de linguística. Em primeiro lugar está a lista interminável de acrônimos: ERP, SaaS, SOA, IP, VoIP, VPN, DBA, HTTP, ISP, ASP, LAN, SAN e muitos outros (você ganha um prê-

mio se conseguir definir todos sem a ajuda do Google...). Depois vêm as formas abreviadas — palavras que imploram para ser condensadas, resultando em termos como sysprog, sysadmin e Wi-Fi.

Não nos esqueçamos dos nomes transformados em verbos: "delete", por exemplo, virou "deletar". Há também outsourcing, offshoring e o novo "primo" backsourcing, usado quando é preciso reverter o processo de terceirização inteiro.

Por fim, temos todas aquelas palavras utilizadas impropriamente, cooptadas por TI: solução empresarial, sinergia, paradigma, protocolo, interface, alavancar... A lista continua e no Brasil o problema ganha um fator complicador ainda maior diante da paixão por anglicismos. Afinal, por que aprimorar alguma coisa se você pode otimizar?

Kraft divide o jargão em três categorias. A primeira é formada por "palavras vagas", que "não são bem definidas e podem significar múltiplas coisas". Ele destaca arquitetura empresarial e gestão de processos de negócio (business process management – BPM). "BPM – o que isso significa? Pode ser qualquer coisa", dispara.

A segunda categoria abrange palavras com definições claras conhecidas por algumas pessoas, mas não todas. Software como serviço e arquitetura orientada a serviço pertencem a este grupo. "O profissional de TI sabe claramente o que isso quer dizer, mas o pessoal de negócio ainda sofre com elas." A terceira categoria é a mais ampla, abarcando todas as palavras cujo significado acabou se perdendo por excesso de uso ou mau uso. Kraft insere nesta classe supply chain e parceria. "São palavras que não esclarecem nada."

Meandros nebulosos da história

Como chegamos a esse estado? Naomi, da Karten Associates, sugere que o problema vem do tempo em que TI era chamada de PD (em referência a processamento de dados). Se a origem "acronômica" da profissão não a condenou, seus primeiros membros deram o tom. "Naquela época, o profissional de processamento de dados demonstrava uma certa arrogância. Nós nos divertíamos confundindo os usuários com nossa terminologia", recorda a consultora.

Há consequências. "É um desperdício de tempo e energia", afirma Stephen Pickett, presidente da SIM e vice-presidente e CIO da Penske, gigante dos transportes nos EUA. Recentemente, um executivo de vendas pediu a Pickett um "application database". Depois de cinco minutos de conversa, eles perceberam que cada um entendia o pedido de uma forma.

O executivo de vendas queria um banco de dados que armazenasse currículos, enquanto Pickett estava planejando um banco de dados de programas (application, em inglês, serve tanto para descrever uma aplicação quanto para a demonstração de interesse em uma vaga de trabalho).

Perda de tempo e de boas ideias não é a única conseqüência possível da falha de comunicação. Para Melise, da McDermott Will & Emery, palavras mal empregadas, ambíguas ou mal interpretadas, tão comuns em TI, podem gerar graves problemas legais. Ela tem uma lista de termos deste tipo, que são uma espécie de bandeira vermelha. "Sei, quando os vejo em contratos, que nenhuma das partes tem o mesmo entendimento." Melise, cujo trabalho envolve grandes transações de TI, já viu processos judiciais se originarem de discussões em torno do significado de palavras específicas.

Para sermos justos, cada profissão tem seu próprio jargão. O mundo de TI não foge à regra e não deve abrir mão de palavras que expressem realmente, de forma condensada, conceitos e processos complexos que são característicos da área. Mas isso não livra os técnicos de se meterem em enrascadas. Administrar um negócio bem-sucedido é um trabalho em equipe que requer que todos aprendam não só as funções uns dos outros, mas também a linguagem específica que as acompanha, orienta Dan Gingras, sócio da Tatum. "As pessoas têm de assumir a responsabilidade de se fazerem entender claramente", define Luftman, da SIM.

É por isso que os CIOs sofrem tanta pressão para serem o que Gingras chama de "bilíngues em negócio e tecnologia". E Pickett leva a sério esta mensagem. Ele vê olhares surpresos nos rostos das pessoas quando lhes diz que é um CIO. Então acrescenta que é "o cara do computador". E elas entendem.

Palavras que amamos odiar

Prepare-se. A lista a seguir foi composta por diversas fontes do COMPUTERWORLD/EUA, que mostram o quão difícil é se entender no mundo da TI

Alinhamento: Depois de 30 anos, as pessoas ainda não sabem ao certo o que quer dizer.

Arquitetura orientada a serviço (Service-oriented architecture, ou SOA): Isto significa, então, que todo o resto que fazemos não é orientado a serviço?

Avaliação de maturidade: Nome complicado para benchmark.

Cliente/consumidor: São os clientes de TI, do pessoal de negócio ou seus clientes? Depende de a quem você pergunta.

Desenvolvimento ágil: Usado para descrever qualquer coisa que não seja tradicional.

Domínio: Existem domínios de negócio, domínios de arquitetura, domínios de aplicativo. Sem um modificador, você está perdido.

Espírito de equipe: A personificação de um termo perigoso. Em geral, tem a ver com adesão, on board, mas não onboarding. Veja o significado de onboarding abaixo.

Estratégico: Sistemas que mantêm a empresa no negócio ou sistemas com os quais trabalho.

Expertise funcional: Em contratos, normalmente significa um determinado nível de experiência. Mas expertise? A quem estamos enganando?

Onboarding: Palavra bonita para treinamento. Assim achamos.

Pró-ativo: Atacar alguma coisa que não atacou você primeiro.

Processo: Procedimentos, sugestões, melhores práticas, o que for melhor — você decide.

Proprietário: Tecnicamente, este termo significa a propriedade intelectual de uma empresa, mas é usado para descrever qualquer software de prateleira que foi montado para uma organização específica.

Rightsizing: Livrar-se de pessoas.

Sistemas ou soluções sem costura/integrados/transparentes: Suas conjecturas são tão boas quanto as nossas.

Socializar: Consultar outros indivíduos e grupos para ver o que eles pensam. Por exemplo, “Vamos socializar esta ideia”. Fora de TI, significa se reunir com amigos.

Solução: Seja o que for, cabe a pergunta: “Qual é o meu problema?”

Sourcing: Descreve aquele que está tirando seu emprego.

Sysadmin e sysprog: Formas abreviadas de “administrador de sistemas” e “programador de sistemas”. Mostram o quanto os desenvolvedores podem ser preguiçosos. Turnkey: Basta plugar para funcionar; alternativamente, é o que vamos criar para você.

Valor agregado: Sem sentido. Hoje, tudo agrega valor a alguma coisa em algum lugar.

Virtualização: Não está lá fisicamente, mas está. Estamos usando espelhos?

Fonte: < http://computerworld.com.br/carreira/2007/02/19/idgnoticia.2007-02-16.3714062515>. Acesso: 30 abr. 2017.

Das palavras acima, havia alguma desconhecida por você?

Há muitas novas palavras que você colocaria na lista?

Converse com seus colegas e professores sobre essas mudanças.

10.14. Chavão

Cláudio Júlio Tognolli, professor da Universidade de São Paulo, sempre se incomodou com o uso dos chavões, até escreveu uma tese de mestrado sobre o tema, que originou o livro A Sociedade dos Chavões – Presença e função do lugar-comum. Ele comenta:

"O chavão surge, em um primeiro momento, como uma coisa criativa. Por que vira chavão? Justamente por ser algo criativo. Minha preocupação com o chavão não veio, contudo, apenas pelo aspecto estético da coisa, mas pela questão comportamental.

Você tem chavões que fazem com que as pessoas adquiram reflexos involuntários de comportamento.

Eles estão na origem de uma série de repetições que acabam só servindo ao mercado, à distribuição de culpa, à não-criatividade ou à manutenção de modelos e padrões."

Tognolli afirma que, hoje em dia, o jornalista que sabe construir uma reportagem a partir de um clichê, chega a ser "desejável".

"Geralmente, o bom repórter de televisão bola um quadro mental seguinte: o cara pensa em 'água rolando'. Aí ele manda o cinegrafista fazer uma tomada do jogador derramando água no rosto durante o treino. Então sai a frase: 'Ele promete que as águas vão rolar nesse jogo'... A narrativa parte do chavão. Chegamos ao ponto em que o bom repórter de televisão é o cara que sabe conectar um quadro pronto à imagem. A situação está tão ruim que, o cara que parte do chavão, para o editor, está ótimo."

No entanto, é possível combinar linguagem simples e objetiva com criatividade. O chavão é um tipo de 'fórmula confortável', mas empobrece a reflexão.

Segue uma tabela com alguns dos mais comuns chavões usados há décadas.

Abrir com chave de ouro	A ferro e fogo	Alto e bom som	Antes de mais nada
Atuação irrepreensível,	Bater de frente com alguém	Borracha no passado	Caixinha de surpresas
Carreira meteórica	Catapultar	Caos (problema urbanístico de S Paulo)	Chegar a um denominador comum
Consequências imprevisíveis	Consternar-se profundamente	Correr por fora	Crista da onda
Do Oiapoque ao Chuí	Dose cavalar	Duras (pesadas) críticas	Elo perdido
Faca de dois gumes	Familiares inconsoláveis	Fazer cortina de fumaça	Fazer por merecer
Gol de placa	Golpe de misericórdia	Guerra de nervos	Hora da verdade
Luz no fim do túnel	Mar de gente	Mão de ferro	Meias-palavras
Passaporte carimbado	Perda irreparável	Pergunta que não quer calar	Ponto alto

Quebrar o protocolo	Ranger os dentes	Renovar esperanças	Requintes de crueldade
Saco de pancadas	Sacudir a poeira	Suar a camisa	Tábua de salvação
Tudo são flores	Usina de ideias	Verdadeiro tesouro	Via de regra

Fontes: Manual de Redação da Folha de São Paulo; livro A Sociedade dos Chavões.<http://portalimprensa.uol.com.br/new_ultimasnoticias_data_view.asp?code=3512>. Acesso: 12 dez. 2015.

Você sabe bastante sobre os vícios de linguagem. Reconhecer e evitar os vícios reforça a competência linguística. É preciso entender o que são para evitá-los.

O próximo tópico apresentaremos sobre documentos profissionais – como elaborar e-mail, relatórios etc.

Capítulo 11 - Tipos de Redação

11. Tipos de Redação

Prezado(a) Aluno(a)

A última aula foi sobre vícios de linguagem. Falamos exaustivamente sobre os problemas que podem aparecer no texto, problemas considerados defeitos de linguagem.

O tópico dessa aula será sobre os Tipos de Redação.

Na aula de Tipologia Textual falamos sobre um outro aspecto em relação às redações. Discutimos as diferenças entre narração, descrição, dissertação etc. Discutimos também os gêneros textuais. Agora, vamos falar, sobretudo, sobre as redações técnicas – muito comuns no ambiente empresarial. De acordo com a finalidade proposta, existem diversos tipos de Redação Técnica, a saber:

Ata;

Certificado;

Circular;

Contrato;

Convocação;

Currículo;

Declaração;

Memorando;

Ordem de serviço;

Parecer;

Procuração;

Recibo;

Relatório e

Requerimento.

Descreveremos apenas os tipos sublinhados por serem os mais frequentes e os que suscitam mais dúvidas. Vejamos alguns tipos de redação.

11.1. Redação Acadêmica

A redação acadêmica é aquela cujos textos se caracterizam por descrever uma informação de forma sistemática e lógica.
Ela é própria do ambiente científico e universitário. Exemplos deste tipo de composição são teses, monografias etc.

Os temas de que podem tratar uma redação acadêmica são tão amplos quanto a variedade das ciências.

Neste tipo de texto, é importante investigar muito bem o tema em questão e, no momento de redigir, devemos levar em conta a estrutura clássica de introdução, desenvolvimento do conteúdo, a conclusão

e, finalmente, a bibliografia utilizada para a elaboração do trabalho.

O objetivo é refletir um trabalho detalhado de pesquisa desenvolvido de forma ordenada e coerente.

11.2. Redação Literária

A redação literária é aquela que tem como finalidade a expressão artística por meio da linguagem escrita. Uma obra literária, por exemplo, um poema, pode expressar um número infinito de sentimentos, emoções ou ideias do escritor.

Exemplos de textos literários são ensaios, contos, novelas, poemas e até textos não-ficcionais, como memórias, autobiografias, entre outros.

Este tipo de composição se destaca por dar ao escritor uma liberdade completa na hora de escrever. Os escritores normalmente expressam suas ideias por meio de ensaios, já que este é um gênero bastante utilizado, no qual os autores expressam suas ideias de uma maneira simples, livre e pessoal.

11.3. Redação Jornalística

A redação jornalística é aquela utilizada nos meios de comunicação escritos. Os textos jornalísticos se caracterizam fundamentalmente por relatar notícias ou acontecimentos atuais ou por manifestarem uma opinião sobre tais fatos.

Exemplos comuns deste tipo de texto são crônicas jornalísticas, artigos puramente informativos, artigos de opinião de colunistas, etc.

Cabe mencionar que os textos jornalísticos têm ganhado grande importância e difusão graças à Internet. Isso tem possibilitado, inclusive, a difusão massiva de informação por meio das redes.

11.4. Redação formal ou Administrativa

A redação formal ou administrativa é aquela empregada nos documentos, nas notas de diversas índoles, currículos e outros textos de uso frequente nos lugares de trabalho e outros âmbitos similares. As redações desse tipo costumam ter um formato de redação determinado devido ao seu caráter formal.

Nestes casos, o redator não pode se expressar com uma linguagem pessoal. Outro aspecto importante é a estrutura. Ao desejarmos redigir, por exemplo, um memorando, é importante conhecer a forma e a localização correta dos dados do destinatário, a maneira correta de se apresentar, a linguagem do documento, o tema abordado etc.

Exemplos de redações formais ou administrativas são: memorandos, circulares, notas de agradecimentos, notas de renúncia etc.

11.5. Redação Técnica

A redação técnica faz referência aos escritos próprios de uma determinada ciência ou disciplina. Os

textos desse tipo de redação se caracterizam por possuírem uma linguagem e estrutura de redação exclusiva do âmbito científico ao qual pertencem.

Até mesmo uma simples carta comercial precisa de um texto cuidado e uma estrutura formal porque representará o nome da empresa. A correspondência comercial precisa ser objetiva e clara, como ilustra a tirinha abaixo:

Fonte da imagem: <http://invasorandroide.blogspot.com.br/2015_03_01_archive.html>

Na maioria dos casos, é difícil que uma pessoa que não tenha o mínimo de experiência ou conhecimento algum da ciência ou âmbito a que pertence o documento possa entender totalmente este texto.

Por exemplo, uma composição jurídica redigida por um juiz ou advogado estará escrita na linguagem técnica do direito. Outros exemplos de redações técnicas: informes de contas de empresas, relatórios administrativos etc. Selecionemos alguns tipos:

Ata;

Circular;

Convocação;

Currículo;

Declaração;

Memorando;

Procuração;

Requerimento.

Falemos acerca de cada uma dessas redações técnicas.

ATA

substantivo feminino

1. **registro ou resenha de fatos ou ocorrências verificadas e resoluções tomadas numa assembleia ou numa reunião de corpo deliberativo ou consultivo de uma agremiação, associação, diretoria, congregação etc.**
2. **“livro de atas”**

3. **registro escrito de uma obrigação contraída por alguém.**

Regras:

Deve ser redigida de tal maneira que não seja possível qualquer modificação posterior.

com verbo no tempo pretérito perfeito do indicativo;

com margens dos dois lados (livro de ata) e formatadas em editor de texto que não permita alteração (como o PDF);

sem parágrafos ou alíneas (novas linhas);

sem abreviaturas de palavras ou expressões;

com números escritos por extenso;

sem rasuras nem emendas;

sem uso de corretivo;

o relator cometer um erro, deve empregar a partícula retificativa "digo" (exemplo: "Aos vinte dias do mês de janeiro, digo, de fevereiro, de mil de dois mil e quinze...");

se constatar erro ou omissão depois de lavrada a ata, usa-se a expressão "em tempo": "Em tempo: onde se lê janeiro, leia-se fevereiro".

Fonte: <http://www.brasilescola.com/redacao/ata.htm>.

Ata referente ao primeiro conselho de classe realizado pela (nome completo da instituição)

Aos vinte de fevereiro de dois mil e dezessete, às dezenove horas e trinta minutos, sob o comando do diretor (nome completo), da coordenadora pedagógica (nome completo) e demais professores, realizou-se o primeiro conselho de classe referente ao 1º bimestre, tendo por objetivo a análise do rendimento de todos os educandos, usando como instrumento de verificação as avaliações formais. Dentre as propostas inerentes ao evento, destacaram-se as medidas a serem tomadas no que diz respeito às possíveis falhas obtidas mediante o processo avaliativo, com vistas a contorná-las. Constatados e discutidos todos os propósitos, a reunião se encerrou, na qual eu (nome da secretária escolar) lavrei a ata, lida e assinada por todos os presentes.

Belo Horizonte, 20 de fevereiro de 2017.

CIRCULAR

adjetivo de dois gêneros

1. ***relativo a círculo ou a circunferência e suas propriedades geométricas.***
2. ***"arco c."***
3. ***relativo ou semelhante à figura do círculo.***
4. ***"movimento c."***

A circular é uma carta destinada a funcionários de um determinado setor, remetida pelo chefe da repartição ou do departamento.

Tem o objetivo de transmitir normas, ordens, avisos, pedidos, ou seja, de delimitar comportamentos e homogeneizar condutas de um grupo de pessoas.

Regras:

Timbre (logotipo do órgão, brasão, símbolo do departamento);

Título e número (ex.: circular nº 02/2017);

Data (sem a localidade, nome da cidade);

Ementa (síntese do assunto que será abordado no texto);

Vocativo ou invocação com o pronome de tratamento adequado;

Texto (bem explicado e claro);

Despedida breve;

Assinatura (sem linha e sobre o nome digitado, com o cargo de quem assina).

Fonte: <https://gerindoareputacao.wordpress.com/2011/06/05/regras-de-redacao-empresarial/>

Fundação Jobs
CNPJ: 32.003.003/0001-01
Rua do João, 600
640030-300 – Porto Alegre – RS

CIRCULAR Nº 02/09. Em 20 de fevereiro de 2017.

Ementa: Feriado

Senhores funcionários:

Comunicamos que no dia 27 de novembro, não haverá expediente. Porém, no dia 1º de março haverá expediente normal.

Atenciosamente,

_____
Joaquim João de Oliveira.
Gerente administrativo

Fonte: <http://www.brasilescola.com/redacao/circular.htm>

11.6. Convocação

É uma comunicação formal; um alerta ou um chamamento. Serve para noticiar, convidar, ordenar ou prevenir.

Regras:

Texto breve;

Linguagem clara;

Centralizar texto;

Datar.

11.7. Declaração

substantivo feminino

1. manifestação oral ou escrita, com ou sem testemunhas; anúncio, revelação.

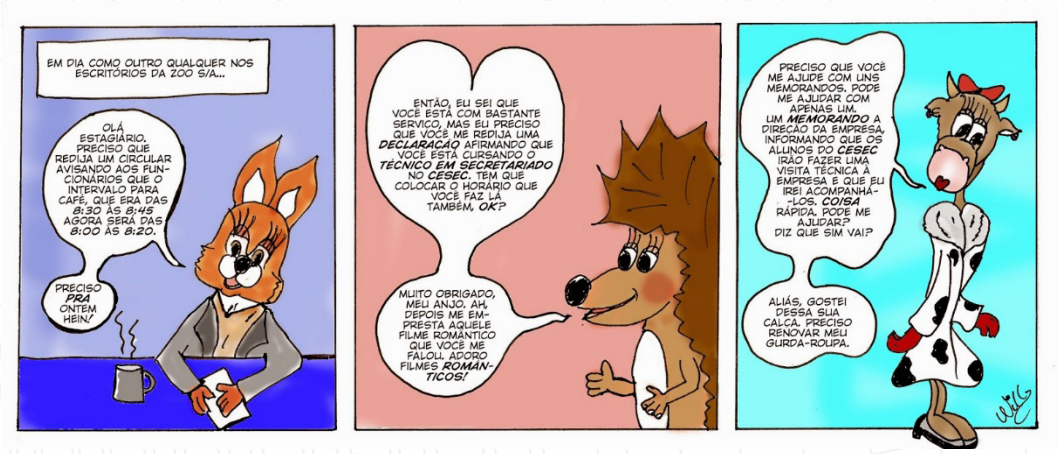
2. proclamação oficial; decreto.

Fonte: <http://pt.slideshare.net/OdairJos1/redacao-técnica>

É um gênero textual bastante comum em nosso cotidiano.

Sua finalidade restringe-se à veracidade prestada por alguma informação a fim de que se possa comprovar algo.

Observe a tirinha a seguir:



Fonte da imagem: <http://invasorandroide.blogspot.com.br/2015_03_01_archive.html>

Regras:

Geralmente, tal documentação é redigida em papel timbrado, focalizando bem o objetivo pretendido com o mesmo, ou seja, o termo “Declaração” é grafado com letras maiúsculas, tornando-se evidente;

Em seguida, atribui-se as informações, compondo-se de todos os elementos necessários à efetivação da mensagem;

Em última instância, cita-se o local seguido da correspondente data em que foi redigido, acrescido da assinatura do emissor e sua respectiva função.

Fonte: <http://www.mundoeducacao.com/redacao/redigindo-corretamente-uma-declaracao.html>.

Segue um exemplo de declaração:

11.8. Declaração

DECLARAMOS para os devidos fins que a aluna ----------(nome da pessoa a que se refere às informações prestadas), encontra-se regularmente matriculada na seguinte instituição de ensino (nome da escola, faculdade). Situada à Rua (endereço completo da instituição).

Por ser verdade, firmo o presente documento

(local e data)

Assinatura do emissor

11.9. Memorando

Também pode ser um bloco no qual se apontam as coisas que um indivíduo deve recordar.

No mundo diplomático, um memorando é uma comunicação menos solene do que a nota e o apontamento, que uma nação envia a outra sobre o estado de determinada questão. Geralmente, os memorandos diplomáticos não são assinados.

Regras:

Timbre da instituição;

Número do memorando;

Remetente;

Destinatário, sendo este mencionado pelo cargo que ocupa;

Indicação do assunto;

Local e data;

Corpo da mensagem, ou seja, o próprio texto;

Despedida;

Assinatura e cargo.

11.10. Procuração

substantivo feminino JUR

1. ***poder que uma pessoa dá a outra de agir em seu nome; delegação, autorização.***
2. ***instrumento legal que confere esse poder, lavrado em cartório; mandato.***

A procuração é um documento legal que transfere a alguém (outorgado) poderes para agir no nome de outra pessoa (outorgante).

Logo, quem concede o direito (aquele que delega) é o outorgante (Constituinte) e quem recebe (aquele que representa), o outorgado (Procurador).

Quanto à forma, há dois tipos procuração:

a) Procuração Pública é lavrada em cartório por um tabelião, em livro próprio, o qual será arquivado.

b) Procuração Particular é escrita pelo outorgante ou pessoa autorizada, digitada ou de próprio punho.

Regras:

A procuração precisa ter identificação, profissão das partes, os poderes delegados, a finalidade e o prazo de validade.

Abaixo, após o corpo do texto, devem vir expressos local, data e assinatura do outorgante ou consti-

tuinte.

Se a relação de confiança entre as partes deixou de existir, o interessado deve providenciar imediatamente a revogação da procuração ou a renúncia dos poderes para que a mesma deixe de produzir efeitos. Não basta simplesmente "rasgar o documento", pois enquanto não "cancelada oficialmente", a procuração pública continua válida (salvo se houver prazo determinado para sua validade ou se a mesma houver sido conferida para a conclusão de um negócio específico).

11.11. Procuração

Eu, Rosana Oliveira, brasileira, natural de Campinas, casada, residente e domiciliada em São Paulo, SP, Rua Augusta, nº 000, RG 1234567, CPF 012.345.678.90, NOMEIO MEU PROCURADOR o Sr. José da Silva, brasileiro, natural de São Paulo, casado, residente e domiciliado em São Paulo, SP, Av. Rudge, nº 000, RG 7654321, CPF 098.765.432-10, PARA FINS DE efetivar matrícula, junto à Faculdade Impacta, PODENDO em meu nome, fazer a inscrição no curso de Banco de Dados, para o qual fui selecionada no Processo Seletivo de 2016.

São Paulo, 20 de fevereiro de 2017.

_____
Rosana Oliveira

11.12. Requerimento

O requerimento é um documento, com suposto apoio legal, específico para fazer um pedido ou solicitação a uma autoridade competente.

A pessoa física ou jurídica, através dele, tem como intencionalidade comunicativa a solicitação de algo a que tem ou pressupõe ter direito.

Deriva-se do verbo "requerer" que, de acordo com seu sentido denotativo, significa: solicitar, pedir, estar em busca de algo. Por meio do requerimento, espera-se que o pedido seja deferido, ou seja, aprovado.

Podemos fazer um requerimento a um órgão público, a um colégio, a uma faculdade, e mais a uma infinidade de outros destinatários.

Regras:

Título da autoridade - A quem se dirige o texto

Texto
- Nome do solicitante
- Identificação do solicitante
- Exposição do que se quer

Fecho
- A fórmula convencional
- Local e data
- Assinatura

Num requerimento, as expressões “abaixo-assinado”, “muito respeitosamente” já se tornaram arcaicas, devem ser abolidas.

O nome do solicitante deve vir acompanhado de informações que o identifiquem, conforme a natureza do requerente.

Para se fazer o pedido, pode-se usar uma das seguintes formas:
- Pede a V. S.ª,

- Solicita a V. S.ª,

- Requer a V. S.ª .

As fórmulas convencionais de requerimento admitem as seguintes variações:

Pede a aguardar deferimento

- P. e A. D.

Termos em que pede deferimento:

- Espera deferimento - E. D.

- Aguarda deferimento - A. D.

Exmo. Senhor

Diretor da Faculdade

(Nome da pessoa que solicita o requerimento), portadora da cédula de identidade R.G. nº 123.456.789, aluna regularmente matriculada no primeiro ano do curso de Matemática desta faculdade, vem respeitosamente solicitar a anulação expedição dos documentos necessários à sua transferência para outro estabelecimento de ensino.

Nestes termos, pede deferimento.

São Paulo, 20 de fevereiro de 2017.
(Assinatura)

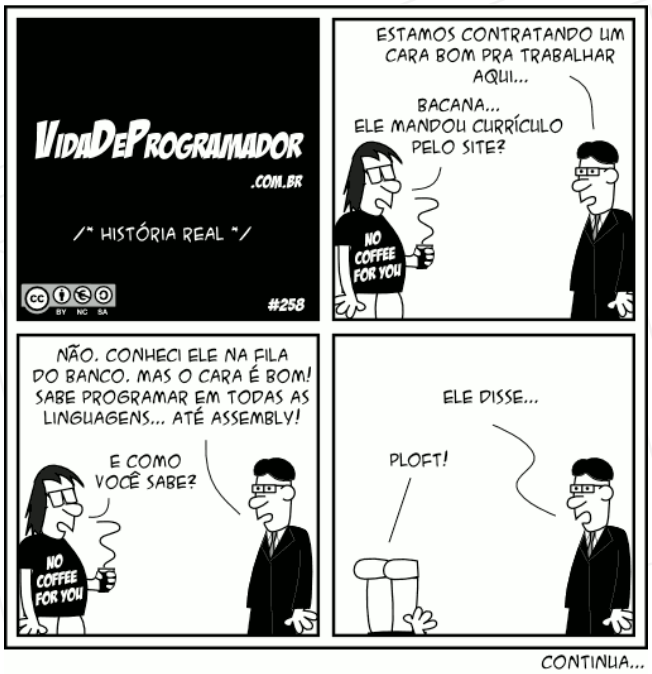
11.13. Currículo

***Curriculum vitae* ou *Currículo*, em português, é um termo do latim, e significa “trajetória de vida”. É um documento de tipo histórico, que relata a trajetória educacional e/ou acadêmica e as experiências profissionais de uma pessoa, como forma de demonstrar suas habilidades e competências.**

O currículo tem como objetivo apresentar o perfil de uma pessoa para empresas ou instituições acadêmicas. É preciso que o currículo seja sintético, objetivo e atual.

Fonte da imagem: <http://www.dobradinhacomics.com/2015/05/tirinha-nao-rpg-191-curriculo.html>

O curriculum é uma síntese de qualificações e aptidões, na qual o candidato a uma vaga de trabalho descreve suas experiências profissionais, formação acadêmica, entre outros dados. Funciona como um atestado de competências:



Fonte: <http://vidadeprogramador.com.br/index-203.html>

Muitos recrutadores afirmam que o currículo não deve ultrapassar uma página. Apenas os currículos apresentados na Plataforma Lattes, plataforma virtual mantida pelo Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq), são extensos por acumulares a experiência de décadas dos pesquisadores.

Uma ou duas páginas podem não ser suficientes para apresentar toda a sua formação e experiência profissional. A extensão de um CV está condicionada ao perfil e ao nível de experiência do profissional e ao formato do CV.

O número de páginas recomendado está também sujeito a tendências. Contudo, atualmente, para a maioria das empresas, duas páginas são o máximo.

Muito mais importante que o tamanho é saber que tudo o que é colocado num currículo é dado como verdadeiro. Informações falsas ou exageradas são prejudiciais tanto para o candidato quanto para a empresa e, mais cedo ou mais tarde, serão desmascaradas.

Além disso, os professores seletivos e os especialistas em recrutamento detectam com facilidade as mentiras mais comuns ou candidatos que tem o hábito de maquiar qualificações para conseguir a colocação.

Fonte da imagem: <https://vidadeprogramador.com.br/2015/10/02/vaga-para-programador-web/>

A tirinha abaixo ironiza uma dessas situações:

© Scott Adams, Inc./Dist. by UFS, Inc.

Fonte: <http://alemdorh.blogspot.com.br/2016/09/piadas-sobre-mentiras-no-curriculo.html>

O trecho (adaptado) da matéria a seguir apresenta como especialistas identificam as mentiras dos candidatos e fala sobre a criação de um “selo de autenticidade”, serviço que credita os currículos – o que, infelizmente, tem tornado os processos seletivos mais demorados e mais caros.

Selo de autenticidade

De olho no “mercado de informações falsas em currículos”, uma empresa criou um selo de autenticidade. A empresa de recursos humanos Currículo Autêntico, especializada em auditorias de títulos e competências de currículos, utiliza uma ferramenta de apuração para verificar se as informações fornecidas são verdadeiras. Por enquanto, o serviço é oferecido apenas a candidatos interessados em obter o selo de autenticidade para seus currículos.

Eles se cadastram no site, submetem o currículo ao processo de auditoria, disponibilizam os documentos que comprovam os títulos, indicam os nomes e telefones que chancelam as competências. Mas o serviço é pago[...]

“De cada dez currículos que chegam às empresas, quatro têm informações supervalorizadas e outros dois têm dados falsos. Se um currículo é autêntico tem prioridade e economiza tempo e dinheiro às empresas”, diz o sociofundador Leonardo Rebitte. A empresa pretende futuramente oferecer o serviço para as empresas, auditando os currículos recebidos.

Fonte: < http://g1.globo.com/concursos-e-emprego/noticia/2012/05/veja-mentiras-comuns -em-curriculos-e-como-elas-sao-descobertas.html>. Acesso em: 30 mar. 2016.

Veja o ranking das mentiras mais comuns e como elas podem ser desmascaradas
1 – Idiomas Alguns profissionais entendem que colocar a língua estrangeira no currículo é essencial para serem chamados para a entrevista. Mas um simples teste oral na hora da entrevista ou logo nos primeiros meses após ser contratado revelam a mentira.
2- Cursos Profissionais citam cursos que foram realizados dentro da empresa onde trabalhavam, porém, ao buscar evidências, seja através de certificados ou entrando em contato diretamente com a empresa citada, nota-se que não foi bem assim.

Veja o ranking das mentiras mais comuns e como elas podem ser desmascaradas
3- Formação É comum a colocação de títulos de graduação ou pós-graduação concluídos, quando na verdade os cursos ainda estão sendo realizados ou foram trancados. [...] também ocorre, é a falsificação de títulos e certificações. Ao checar as informações com as instituições de ensino, constata-se a mentira.
4- Competências Muitos profissionais supervalorizam qualidades e atribuições como "coordenei e gerenciei recursos e fornecedores", mas [...] participavam apenas como convidados ou ouvintes. Um telefonema [...] revela que não é verdade.
5- Período em que trabalhou para a empresa É unânime entre recrutadores olhar quanto tempo um profissional permaneceu em uma determinada empresa para saber se trata de um profissional problemático ou assediado por outras empresas. [...] isso pode ser checado com a antiga empresa.
6- Motivos de saída da empresa Para o recrutador, conhecer o motivo pelo qual um profissional saiu da empresa é relevante para entender os objetivos e personalidade do candidato. [...] o profissional ter sido demitido, e na entrevista, diz que saiu por livre e espontânea vontade. Mas isso pode ser checado com a antiga empresa por meio de um telefonema.
7- Salários "Vou jogar o valor para cima para cair na hora da negociação". Os profissionais precisam entender que o currículo é cronológico e leva consigo o histórico da vida profissional [...]. Os recrutadores entram em contato com o RH que o contratou anteriormente.
8- Referências São utilizadas para checar a veracidade das competências que estão no currículo. [...]. As empresas podem entrar em contato com o setor de recursos humanos da empresa antiga ou pesquisar referências em sites de carreira como o LinkedIn.
9- Endereço Algumas empresas têm preferência por regionalizar seus profissionais para reduzir custos. [...] a mentira pode vir à tona após a contratação do empregado e causar sua demissão.
10- Idade, filhos e estado civil Os profissionais entendem que algumas empresas com cargos que demandam viagens nacionais e internacionais preferem e priorizam certos tipos de perfil. Mas documentos pessoais podem desmentir as informações fornecidas.

Fonte: < http://g1.globo.com/concursos-e-emprego/noticia/2012/05/veja-mentiras-comuns -em-curriculos-e-como-elas-sao-descobertas.html>. Acesso em: 30 mar. 2016.

Muitas pessoas se perguntam sobre o que é certo e o que é errado pôr num currículo.

Vejamos as sugestões dos especialistas:

O que é certo?	O que é errado?
Ser objetivo e direto;	Colocar objetivos pessoais na vida
Dizer em qual cargo quer trabalhar (Exemplo: “Auxiliar administrativo”);	“Crescer profissionalmente”, “dividir experiências”, “conquis-tar novos mercados”, “aprender mais”, “compartilhar conheci-mentos”, “aplicar o que aprendi” etc;
Se não tem um cargo específico, dizer em qual área quer atuar (Exemplo: “Atuar na área de telecomunicações”/ ”Atuar com TI”). Se estiver em dúvida, pule esta etapa	Escrever de forma generalizada: “Atuar em infor-mática”, “Trabalhar com atendi-mento”;
Citar o cargo não é algo “generalizado”, mas sim o certo a se fazer.	Atuar “em qualquer área do ramo”, ou seja, “atirar para todos os lados”;
	Escrever que “aceita qualquer trabalho” por conta de dificul-dades financeiras ou outrem.

Fonte: http://empregovirtual.blog.br/2009/03/o-objetivo-no-curriculo/ Acesso: 27 ago 2014.

Alguns recrutadores ou especialistas podem dizer para não colocar a idade no currículo para não correr o risco de ser eliminado em um processo seletivo, caso a idade seja maior ou menor da desejada. No entanto, há situações em que ocultar um dado – sobretudo se solicitado pela empresa – pode eliminar o candidato. O livro “Devo dizer a verdade?” dá 100 dicas sobre como conseguir um emprego. Aqui vão quatro dos principais erros cometidos por candidatos em seus currículos descritos no livro.

Fazer declarações pomposas – Não tem problema nenhum mencionar que possui habilidades analíticas, de influência ou quaisquer outras que queira mencionar. Mas afaste-se da linguagem floreada. Evite a todo custo descrever-se como “automotivador confiante” ou “um profissional ambicioso com postura otimista e positiva”. Não importa quanto você escreva bem, tais colocações não passam de declarações vazias. Tome cuidado com o número de adjetivos, mas dando exemplos breves de como eles mostraram tais habilidades.

Apresentar um currículo com erros de digitação ou gafes semelhantes – Peço desculpas se lhe parecer óbvio, mas já vi muitos currículos, até mesmo de nível gerencial ou de profissionais bem-conceituados, que pecam pela falta de atenção aos detalhes. Use um corretor de texto, mas tome cuidado, pois os programas de texto nem sempre apanham todos os erros gramaticais – por exemplo, usar “cinto” quando na verdade queria dizer “sinto”. [...]

Deixar de incluir datas de início e desligamento do emprego – Você pode até se sentir tentado a deixar de fora as datas em que trabalhou com a intenção de tentar disfarçar um longo período de desemprego, mas infelizmente a maioria dos empregadores percebem truques como esse. Uma tática melhor para o caso seria escrever um currículo funcional e colocar as datas no final.

Não incluir detalhes sobre o emprego atual – Talvez você não queira revelar o nome da empresa onde trabalha no momento por temer que a informação chegue aos ouvidos do seu chefe. Infelizmente, os selecionadores vão se debater para tentar definir sua experiência se não souberem o nome do empregador atual. Talvez tenha razão em não colocar detalhes na internet; por experiência própria, no entanto, sei que os selecionadores tomam todo cuidado para proteger a confidencialidade dos candidatos.

Fonte: <http://www1.folha.uol.com.br/livrariadafolha/2014/09/1522311-psicologo -enumera-os -maiores-erros-cometidos-em-curriculos.shtml>.

Como lemos, o currículo revela o curso de sua vida profissional e acadêmica. Além de todas as dicas, leve em conta algumas importantes reflexões antes mesmo de escrever ou enviar o currículo:

Nada de pressa;

Faça um diagnóstico da empresa;

Seja localizável;

Tenha um foco e faça um CV específico à vaga;

Escreva de maneira informal, mas corretamente;

Seja seletivo – coloque o que é relevante. Se você pessoa desempenhou funções semelhantes em todas as empresas que trabalho, é indicado colocar essas informações em um resumo de qualificações;

Se o profissional passou por muitas empresas, deve-se colocar apenas as quatro últimas experiências. Informações repetitivas tornam o currículo muito longo e desinteressante;

É importante listar o cargo ocupado em outras empresas, data de entrada e de saída e os resultados obtidos. O candidato deve inserir colocar dados concretos que comprove sua eficiência;

Capriche no visual. A aparência do currículo é importante, ela mostra o grau de organização da pessoa.

Coloque informações sobre suas atividades extras profissionais apenas se elas forem atuais e relevantes;

Só mande foto se isso for solicitado;

Não é preciso escrever que se trata de um currículo, ou seja, não coloque cabeçalho escrito currículo;

Números dos documentos só devem ser fornecidos quando solicitados. Geralmente, isso ocorre na contratação;

Nomes dos pais são informações totalmente desnecessárias.

Algo importante a se considerar também diz respeito aos diferentes tipos de currículos. Cada tipo de currículo enfatiza diferentes aspectos da educação ou experiência do candidato.

Dependendo da experiência profissional do candidato, há diferentes modelos:

Sem experiência

Objetivo: mostrar as capacidades e o potencial do candidato. O que ele oferece em particular que é diferente dos outros candidatos. Normalmente, a experiência é muito limitada (menos de dois anos) ou nenhuma, uma vez que está a acabar os estudos. Assim, é necessário concentrar-se nas capacidades, competências, conhecimentos, realizações, qualificações, responsabilidades adquiridas, trabalho voluntário, viagens, idiomas etc.

Profissional

É um estilo usado por candidatos que já têm um mínimo de experiência de 3-5 anos e que estão em posições intermediárias ao nível da responsabilidade. Concentra-se nos objetivos alcançados, solução de problemas, aplicação de capacidades, promoção e desenvolvimento de carreira. Os estudos têm menos importância que a experiência adquirida.

Executivo

É usado para pessoas em altos cargos. Concentra-se nos objetivos alcançados como diretor de um departamento ou empresa, solução de problemas, liderança, uso de capacidades e motivação da equipa. Em resumo, para enfatizar as competências que se tem e foram aplicadas.

Fonte: <Disponível em: <http://www.cv-resume.org/curriculum-vitae/ elaborarcurriculumvitae/modelos.php/ >. Acesso em: 20 mar. 2010.>

Na maioria das empresas, a carreira de um profissional é classificada em: Estagiário, Júnior, Pleno, Sênior, Master e Especialista. Esta classificação é feita pelo popular critério de tempo de experiência. A classificação é feita levando em conta o tempo de experiência de um profissional segundo os registros na carteira de trabalho ou o registro de pessoa jurídica, mas também treinamentos e habilidades técnicas específicas. Leia como funciona a classificação:

Profissionais que estejam trabalhando há dois anos no mercado são classificados como Júnior; de dois a quatro anos Pleno, de quatro a seis anos Sênior, de seis a oito anos Master.

Profissionais com mais de oito anos no mercado são classificados como Especialistas. Estagiários podem ser contratados como Assistentes podendo ficar no cargo até dois anos antes de uma promoção.

Fonte:<http://webinsider.uol.com.br/2007/09/18/onde-esta-mesmo-a-diferen ca-entre-junior-pleno -e-senior/>. Acesso em: 1 abr. 2010.

Muitos profissionais estão há anos no mercado, mas não evoluíram o suficiente para mudar para um cargo superior. Nestes casos, o tempo de experiência não deve ser o critério de contratação.

No entanto, é preciso levar em conta que um candidato jovem e sem experiência dificilmente conseguirá, em seus primeiros trabalhos, um alto cargo. Observe como a tirinha ironiza a situação:

Fonte: <https://blogtenhametas.wordpress.com/2012/09/25/dica-do-rafael-as-dez-maiores-mentiras-que-as-pessoas-contam-no-curriculo/>

Numa carreira de sucesso é importante conhecer ao máximo as funções de determinados cargos, tal como conhecimento e vocabulário técnico etc. Assim, o profissional sempre estará preparado para receber uma promoção. O profissional que não se dedica ao aprendizado dificilmente verá sua carreira se desenvolver e estará cada vez mais longe de conseguir boas posições dentro do seu emprego.

Uma última dica! Quando seu currículo segue por e-mail, além de colocar na primeira folha do anexo uma Carta de Apresentação. A carta pode estar no texto do e-mail, pois muitas vezes a correspondência eletrônica já é usada como um filtro na seleção dos candidatos à vaga. Lembre-se de enviar em formato pdf.

Em relação à carta, diga o porquê você pode ser útil para a empresa, algum feito importante em um último emprego, como por exemplo, a participação na implantação de um projeto importante na empresa. Seja breve; a carta não pode ter mais de uma página.

Além disso, é sempre bom ter uma carta de apresentação em mãos; alguns processos seletivos pedem que a carta seja manuscrita.

De qualquer modo, o currículo é uma primeira "carta" para o segundo importante passo em direção à contratação: a entrevista.

Seu currículo pode ter uma:

Estrutura funcional – popular entre os candidatos que apresentam lacunas em sua história de trabalho ou que passaram por trabalhos variados e em diferentes áreas de atuação e para recém-formados; enfatiza a experiência e as habilidades específicas, em vez de seu histórico profissional; lista o histórico profissional em ordem de importância e não requer que o candidato indique as datas dos empregos anteriores; o histórico é registrado perto do final do documento, e não no início.

Estrutura cronológica – formato mais tradicional, ressalta sua estabilidade laboral, a evolução ascendente de suas experiências e o aumento das responsabilidades ou das ascensões de cargos ocupados; lista o histórico profissional do candidato em ordem cronológica, começando com a descrição do trabalho mais recente. O ponto forte desse modelo é que ele mostra a extensão e a abrangência das realizações de um indivíduo.

O ideal é tentar conciliar o modelo cronológico com a flexibilidade e versatilidade do currículo funcional, associando a ordem cronológica inversa das empresas com os cargos, realçando a experiência funcional.

Em algumas áreas – principalmente a Tecnologia – e para algumas empresas, currículos modernos e criativos têm recebido destaque. Caso você não tenha um perfil arrojado ou a empresa de interesse for conservadora, prefira o currículo clássico.

A seguir, alguns exemplos de currículos.

CURRÍCULO TRADICIONAL

Afonso Penteado Rodrigues

Rua da Barra, 662 – Centro – Florianópolis - 88015-620 afrodrigues@gmail.com – (48) 9988 7142

Bacharel em administração de empresas (2006), fluente em inglês, proficiente em softwares de modelagem de mercado de capitais, bom comunicador e dotado de iniciativa, busca colocação em início de carreira profissional na área de gestão de capitais.

Formação

- Graduado em Administração de Empresas. IDEP/SEAD, conclusão em 2006.
- Técnico em Processamento de Dados, CEFET Curitiba, conclusão em 2001.
- Cursos complementares: Inglês (FISK, 6 anos, conclusão em 2001), Matemática financeira com HP-12C (SENAC, 2003), Gestão de investimentos de renda variável (IDEP, 2004), Legislação Tributária e mercado de capitais (Ejuris, 2005)

Experiência

- 2006 – Estágio curricular (8 meses) na mesa de câmbio do Banrisul, Porto Alegre. Operações cambiais de envio e ingresso de moeda estrangeira, controle fiscal e tributário.
- 2005 – Estágio extra-curricular não remunerado, 10 meses, SBS Investimentos, Curitiba. Operação de sistema de registro e modelagem de flutuação cambial e de mercado de capitais, suporte a tomada de decisões de investimento.
- 2003-2004 – Bolsista no laboratório de pesquisas econômicas, pesquisas sobre correlações entre índices financeiros, ênfase no mercado futuro de commodities no Brasil.

Atividades complementares

- Tesoureiro do Diretório Acadêmico de Administração de Empresas, biênio 2005-2006.
- Diretor Financeiro da Empresa Junior da IDEP/SEAD, gestão 2004.
- Palestrante no Encontro Estadual de Gestão Financeira, com o tema "Variação cambial e as ações de mineradoras no Brasil", 2005.
- Consultor não-remunerado no departamento de aposentadorias e pensões no sindicato dos pescadores.

Outras informações

- Residiu em Detroit por 10 meses (intercâmbio estudantil) – 2003
- 22 anos, residente em Florianópolis, disponibilidade para mudança de estado.

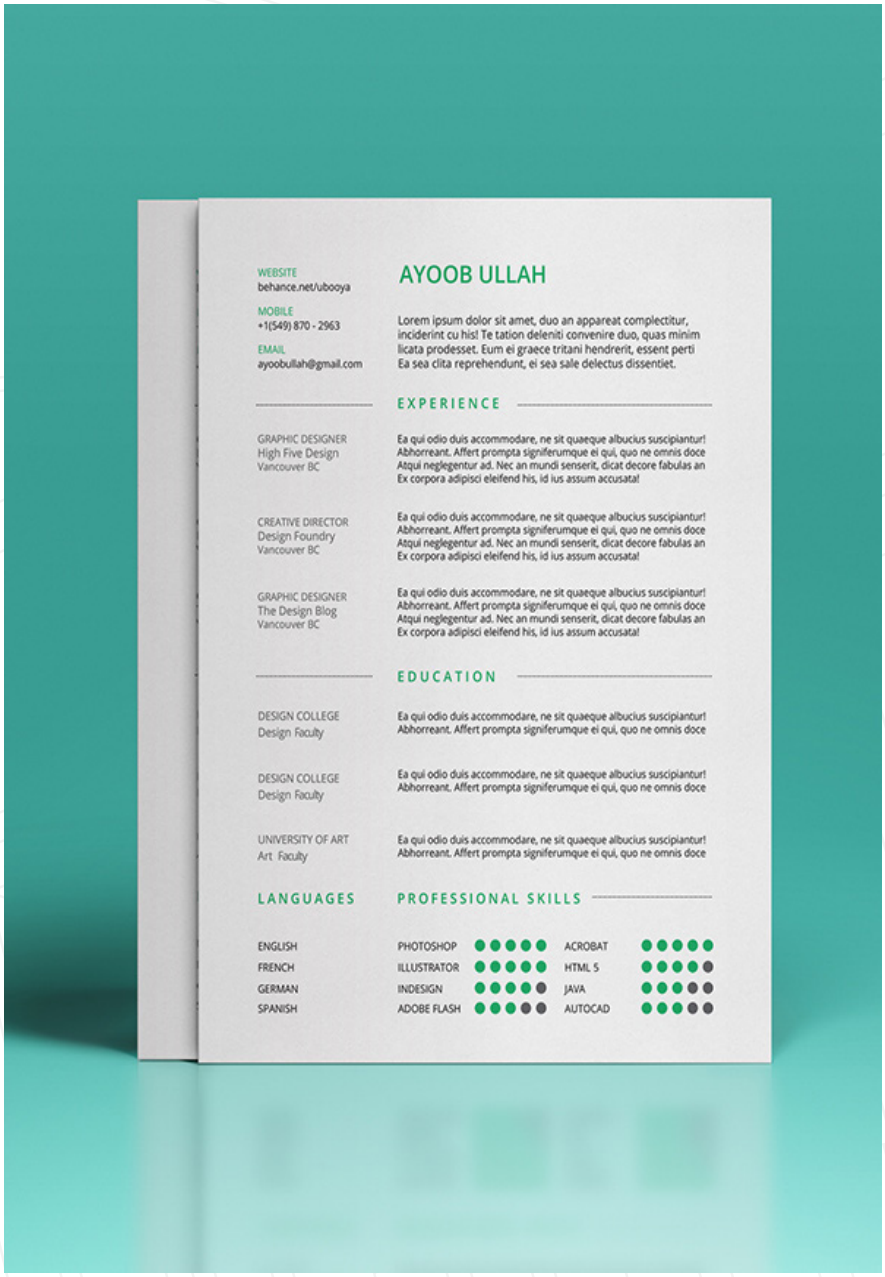
Currículo Afonso – página única

Currículo criativo, por Kevin Cudennec

*Disponível para baixar no site

Fonte: < https://www.designerd.com.br/5-modelos-de-curriculos-criativos-para-voce-baixar-e-se-inspirar/>.

Currículo criativo, por ayoob ullah



*Disponível para baixar no site

Fonte: < https://www.behance.net/gallery/15815893/FREE-Resume-Template>.

Currículo criativo

Currículo criativo

Prepare seu currículo! Vamos querer ver como você organiza as informações para sua carreira.

O próximo tópico falaremos mais sobre a redação acadêmica. Será um tem muito útil para você se preparar para os trabalhos finais do curso.

Capítulo 12 - Trabalhos Acadêmicos

12. Trabalhos Acadêmicos

Prezado(a) Aluno(a)

A Redação Técnica foi o tema tratado em nossa última aula. Você viu regras para elaborar ata, memorando etc. Também apresentamos modelos e dicas para fazer um bom currículo.

O tópico dessa aula será a Redação Acadêmica. Muitas informações expostas nessa aula podem ser encontradas no Guia Acadêmico da faculdade.

Vamos introduzir a questão agora para que você esteja preparado no momento em que tiver que produzir, por exemplo, seu trabalho de conclusão de curso.

A produção acadêmica é de suma importância para os estudantes de nível superior, pois exige organização de pensamento e sua prática mostra a excelência do profissional para o mercado de trabalho.

TRABALHOS ACADÊMICOS

As pesquisas resultam em diferentes trabalhos. Precisamos entender que há diferentes tipos de trabalhos acadêmicos:

Trabalho Monográfico em uma Disciplina: documento escrito visando à aferição do trabalho escolar em uma ou mais disciplinas, solicitado e orientado por professor(es) de uma ou mais disciplinas;

Trabalho de Conclusão de Curso: resultado de um estudo visando à conclusão de um Curso de Graduação ou de Especialização;

Dissertação: documento escrito visando à obtenção do título de Mestre, que representa o resultado de um trabalho experimental, de tema único, com o objetivo de reunir, analisar e interpretar informações ou a exposição de um estudo cientifico retrospectivo (trabalho de revisão de literatura). Deve evidenciar o conhecimento de literatura existente sobre o assunto e a capacidade de sistematização do candidato. É feito sob a orientação de um/a orientador/a com título de Doutor/a;

Tese: documento escrito visando à obtenção do título de Doutor/a, que representa um estudo cientifico de tema único, bem delimitado e original. Deve ser elaborado com base em investigação original, constituindo-se em real contribuição para a especialidade em questão. É feito sob a orientação de um/a orientador/a com título de Doutor/a.

Um texto acadêmico deve ser:

Conciso;

Informativo;

Preciso.

O professor Valenti afirma em seu “Guia de Estilo para a Redação Científica”:

"Todo pesquisador deve escrever de acordo com os padrões exigidos pela ciência, no entanto, muitos não dominam a linguagem científica. Alguns editores apontam a falta de estilo como principal defeito dos artigos enviados para publicação por cientistas dos países em desenvolvimento. Isto indica que há uma deficiência importante na formação destes investigadores.

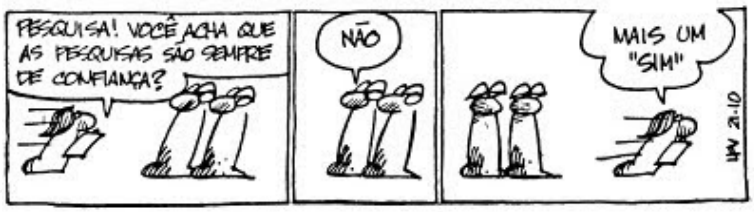
O ensino médio (de primeiro e segundo graus) enfoca a forma literária de escrever. Esta admite frases longas, complexas e retóricas, para passar imagens e sensações ao leitor. Ao contrário, a linguagem científica deve ser clara, objetiva, escrita em ordem direta e com frases curtas. [...]

Para corrigir esta falha na formação é necessário muito esforço, paciência e disposição para ocupar quanto tempo for necessário. Acima de tudo, é preciso ter humildade para reconhecer as próprias limitações e trabalhar continuadamente para eliminá-las. Produzir um texto adequado é tarefa árdua e demorada mesmo para aqueles que dominam a linguagem científica."

Fonte:< http://www.do.ufgd.edu.br/gesaf/arquivos/docs/a_artigos_hp/redacao/guia%20de%20estilo.pdf>.

12.1. Projeto de Pesquisa

Esse tema envolve a pesquisa científica. E o que seria a pesquisa?



Fonte: VERÍSSIMO, Luis Fernando. As cobras: antologia definitiva. São Paulo: Objetiva, 2010.

A pesquisa está sempre em busca de uma averiguação segura.

É uma indagação ou busca minuciosa para averiguação da realidade.

A pesquisa se inicia, portanto, através de um levantamento – dialógico – sobre o que os estudantes -pesquisadores gostariam de saber, de estudar; sobre que problemáticas gostariam de atacar.

Começamos, por exemplo, recortando as problemáticas que vão conduzir os trabalhos por um determinado período de tempo, criando, nas discussões em pequenos grupos, o objeto da pesquisa.

Toda pesquisa tem origem num problema sentido, numa expectativa frustrada, numa dificuldade teórica ou prática. A pesquisa se inicia, portanto, através de um levantamento sobre:

o que os estudantes-pesquisadores gostariam de saber, de estudar;

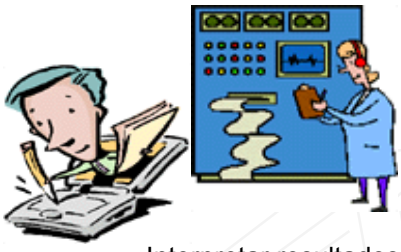
sobre que problemáticas gostariam de atacar.

PROJETO DE PESQUISA

Em linhas gerais, podemos conceituar cada parte do projeto de pesquisa:

Encontrar o problema

Fazer a pesquisa



Comunicar resultados

Interpretar resultados

A investigação do problema, ou seja, a definição do tema pode surgir com base na sua observação do cotidiano, na vida profissional, em programas de pesquisa, em contato e relacionamento com especialistas, no feedback de pesquisas já realizadas e em estudo da literatura especializada.

Pesquisar é, basicamente, responder a uma série de questões:

Os objetivos respondem a pergunta para que fazer. Portanto, a definição dos objetivos determina o que o pesquisador quer atingir com a realização da pesquisa.

Os elementos que responderão à questão “Por que se pretende realizar a pesquisa?” , demonstrando a relevância da pesquisa em relação ao contexto social atual, dizem respeito à justificativa. Mostrará porque vale a pena buscar o objetivo apresentado.

Um trabalho científico reflete o que se disse no projeto de pesquisa, o qual, entre outras partes, apresenta: problema, justificativa, objetivos, referencial teórico e metodologia.

Assim, a questões fundamentais são: “O que?”, “Por que?”, “Como?”, “Quando?” e “Com quê?”. Va-

mos entender cada uma delas:

O quê?	a) qual o problema a ser solucionado? b) qual a questão a conhecer? c) qual a hipótese a comprovar? d) qual o sistema, subsistema ou parte a melhorar? e) qual o produto a ser obtido? f) o que se pretende otimizar ou melhorar?
Por quê?	a) qual a importância disto? b) o que se pretende fazer? c) qual o grau de inovação? d) que diferencial competitivo? e) o produto ou solução possuirá um valor agregado?
Como?	a) como se pretende chegar à solução do problema? b) quais os procedimentos que serão utilizados? c) como serão obtidas as informações ou dados? d) como serão analisados os dados? e) qual a metodologia que será utilizada?
Quando?	a) de quanto tempo tem? b) quando realizar as atividades? c) quanto tempo é necessário à execução da pesquisa? d) qual o tempo limite que a empresa ou instituição fixou? e) quanto tempo é destinado a cada uma das etapas
Com quê?	a) com que recursos se pretende realizar a pesquisa? b) quais os recursos humanos que serão necessários? c) quais os recursos financeiros que serão necessários? d) que materiais serão necessários? e) será necessária uma fonte de financiamento? f) qual fonte de financiamento existe para a pesquisa?

Veja como há uma sequência lógica:

Escolha do Assunto (O quê?)

Nesta parte da pesquisa será feita a escolha do assunto que será pesquisado. Dependendo do assunto escolhido e de forma da pesquisa, este assunto irá se configurar em um tema ou problema.

Tema (O quê?)

É o assunto que vai ser trabalhado. Deverá ser adequado ao nível de conhecimento e capacidade do aluno, ter valor científico. O tema pode ou não conter um problema, por exemplo: levantamento bibliográfico de diferentes teorias sobre a comunicação, é um tema, mas não se apresenta como um problema a ser investigado.

Problema (O quê?)

É uma questão a ser investigada. O problema deve sempre ser colocado em forma de pergunta, ser claro e preciso, empírico, passível de solução e delimitado a uma solução viável.

Formulação do Problema (O quê?)

Após a definição do assunto que será pesquisado, é necessário a formulação do problema de pesquisa. Também nesta fase, dependendo do assunto e da forma que será realizada a pesquisa, o pesquisador deverá definir os Objetivos e/ou Hipóteses.

Justificativa (Por quê?)

É a exposição da causa, das razões por que o tema eleito é pertinente na área de conhecimento.

Objetivos (Para quê?)

É aquilo que se pretende alcançar ou solucionar em relação ao tema escolhido

Os objetivos respondem a pergunta para que fazer. Portanto, a definição dos objetivos determina o que o pesquisador quer atingir com a realização da pesquisa.

Um trabalho será bem operacionalizado ao definir, com clareza, seus objetivos: geral e específicos.

Objetivo geral: Sugere-se que os objetivos sejam estabelecidos começando com o verbo no infinitivo: analisar, avaliar, caracterizar, comparar, contextualizar, destacar, diagnosticar, evidenciar, interpretar etc.

Objetivos específicos: A fixação dos objetivos específicos estabelece a regra indutiva, ou seja, indo das operações menos densas para as ações mais complexas: identificar, destacar, selecionar etc.

Referencial teórico (Onde?)

É o conjunto de obras especializadas que já trataram do tema da pesquisa.

Metodologia (Como?)

É o conjunto de procedimentos e diligências estabelecidas para a realização da pesquisa

12.2. Fases da Pesquisa

A divisão de uma pesquisa em fases visa ao gerenciamento racional do tempo do aluno, de tal forma que não haja atropelos no momento de conclusão do trabalho.

Problema de pesquisa - geralmente surge de um tema controverso, ainda não satisfatoriamente abordado ou respondido, que se torna objeto de pesquisas científicas.

Justificativa - é a exposição da causa, das razões por que o tema eleito é pertinente na área de conhecimento.

Objetivo - é aquilo que se pretende alcançar ou solucionar em relação ao tema escolhido.

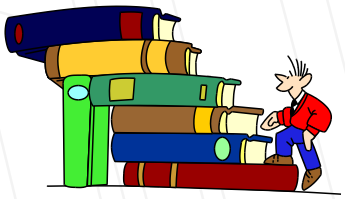
Referencial teórico - é o conjunto de obras especializadas que já trataram do tema da pesquisa.

Metodologia - é o conjunto de procedimentos e diligências estabelecidas para a realização da pesquisa.

A pesquisa pode ser resumida em 3 diferentes fases:

Planejamento, Execução e Comunicação

Para cada fase, podemos elencar algumas ações:

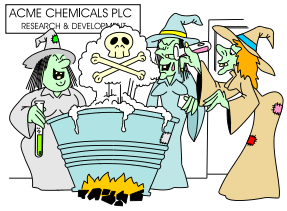
Fase do Planejamento 	Ideia brilhante
	Plano de intenção
	Estudo de literatura
	Escolha do Assunto: Tema/Problema
	Formulação do Problema: Hipóteses/Objetivos
	Formulação do Projeto: Escopo/Anteprojeto

O plano de pesquisa é o primeiro passo, está na Fase do Planejamento. Não é possível pesquisar sem, antes, projetar, ou seja, o que transforma uma investigação em ciência é exatamente o seu caráter de planejamento, de orientação, de reflexão e sistematização considerando uma base teórica.

Assim, deve-se definir o tema; depois realizar a revisão bibliográfica, e só então, definir o objetivo. O objetivo deve ser preciso. O objetivo deve ser verificável ao final do trabalho.

É importantíssimo em uma pesquisa estabelecer os objetivos a serem alcançados. Os objetivos indicam o alcance que se pretende atingir ao final da investigação, constituindo-se em ações propostas para responder à indagação que representa o problema.

Vamos a uma outra fase, a Fase da Execução:

Fase de Execução 	Estudos Exploratórios: Referenciais Teóricos
	Pesquisa de Campo: Coleta de Dados
	Análise e Interpretação de Dados

Com o projeto definido, parte-se para uma pesquisa de materiais que tratem do assunto pesquisado. Nesta fase, será desenvolvida a base teórica necessária para o encaminhamento da pesquisa.

Por fim, a terceira: Fase da Comunicação.

Fase da Comunicação	Estrutura do Artigo / da Monografia
	Redação
	Apresentação

O desenvolvimento de uma pesquisa requer algumas qualidades do pesquisador. Entre elas:

Atitude autocorretiva;

Conhecimento;

Confiança na experiência;

Criatividade;

Curiosidade;

Imaginação disciplinada;

Integridade intelectual;

Paciência;

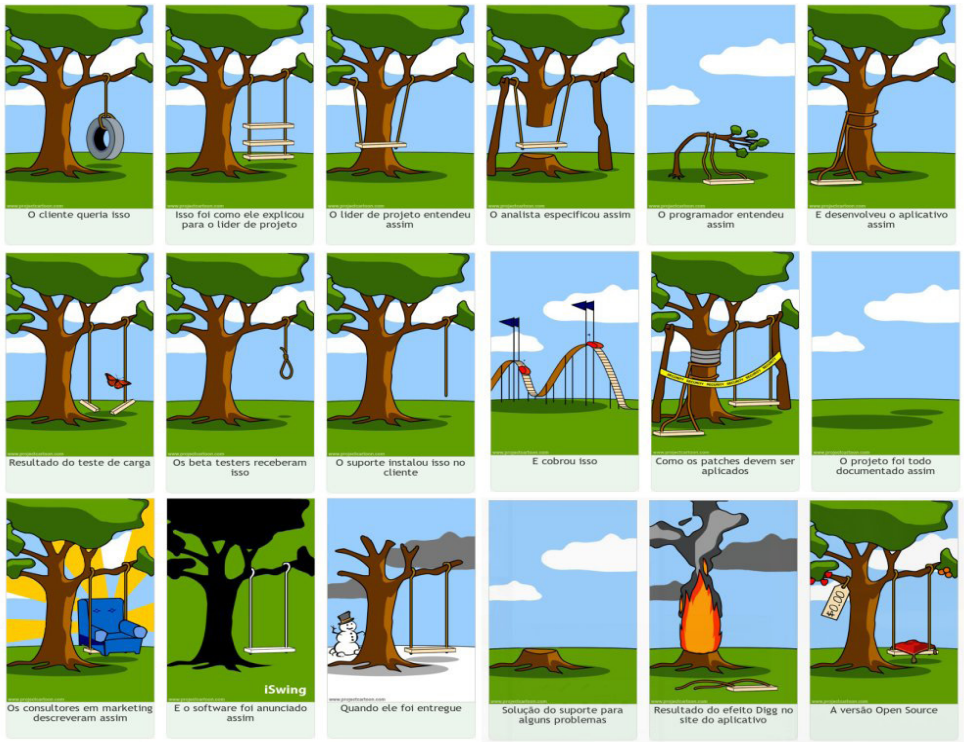
Perseverança e

Sensibilidade social.

A organização e a seriedade também devem ser colocadas como fundamentais. Há uma imagem bastante conhecida nas mídias sociais que mostra como um trabalho não organizado se torna ineficiente.

Principalmente um trabalho em equipe não pode ser desenvolvido por apenas um dos componentes do grupo. A organização serve para que todos contribuam com seus conhecimentos e dedicação necessária para que o projeto seja bem-sucedido.

A organização também é fundamental no registro de todo o processo. Em tecnologia, manter tudo detalhadamente registrado exclui a dependência da informação por indivíduos exclusivos e garante que projeto seja conhecido por todos; o mesmo vale para os projetos de TI nas empresas. Veja outra imagem conhecida nas mídias que revelam as consequências de um trabalho mal registrado.



Além disso, a documentação é vital para o controle de informações, dados e pessoas, se resume à necessidade de monitorar, conhecer e limitar quem, quando e como tem acesso às informações disponibilizadas em bancos de dados ou sistemas em geral. O registro e a documentação dos sistemas são ferramentas que garantem que seu sistema seja tratado e desenvolvido de modo profissional.

Antes, mais uma vez usando o texto do professor Valenti, vamos colocar algumas regras práticas que devem ser usadas, mas que, evidentemente, admitem exceções.

12.3. REGRAS PRÁTICAS PARA A REDAÇÃO ACADÊMICA

Antes de iniciar, organize um roteiro com as ideias e a ordem em que elas serão apresentadas. Estabeleça um plano lógico para o texto. Só escreve com clareza quem tem as ideias claras na mente.

Trabalhe com um dicionário e uma gramática ao seu lado e não hesite em consultá-los sempre que surgirem dúvidas.

Escreva sempre na forma direta: sujeito + verbo + complemento.

Escreva sempre frases curtas e simples. Abuse dos pontos.

Prefira colocar ponto e iniciar nova frase a usar vírgulas. Uma frase repleta de vírgulas está pedindo pontos. Na dúvida, use o ponto. Se a informação não merece nova frase não é importante e pode ser eliminada.

Evite orações intercaladas, parênteses e travessões. Algumas revistas internacionais aceitam o uso de parêntesis para reduzir o período.

Corte todas as palavras inúteis ou que acrescentam pouco ao conteúdo.

Evite as partículas de subordinação, tais como que, embora, onde quando. Estas palavras alongam as frases de forma confusa e cansativa. Use uma por frase, no máximo.

Use apenas os adjetivos e advérbios extremamente necessários.

Só use palavras precisas e específicas. Dentre elas, prefira as mais simples, usuais e curtas.

Evite repetições. Procure não usar verbos, substantivos aumentativos, diminutivos, superlativos mais de uma vez num mesmo parágrafo.

Evite ecos (e. g. “avaliação da produção”) e cacófatos (e. g. “... uma por cada tratamento” ... uma por-cada ...)

Prefira frases afirmativas.

Frases escritas em voz passiva são muito utilizadas em relatórios e trabalhos científicos, mas devem ser evitadas.

Evite: regionalismos, jargões, modismos, lugar comum, abreviaturas sem a devida explicação, palavras e frases longas.

Um parágrafo é uma unidade de pensamento. Sua primeira frase deve ser curta, enfática e, preferencialmente, conter a informação principal. As demais devem corroborar o conteúdo apresentado na primeira. A última frase deve seguir de ligação com o parágrafo seguinte. Pode conter a ideia principal se esta for uma conclusão das informações apresentadas nos períodos anteriores.

Os parágrafos devem interligar-se de forma lógica.

Um parágrafo só ficará bom após cinco leituras e correções:

na primeira, cheque se está tudo em forma direta e modifique se necessário;

na segunda, procure repetições, ecos, cacófatos, orações intercaladas e particular de subordinação; elimine-os;

na terceira, corte todas as palavras desnecessárias; elimine todos os adjetivos e advérbios que puder;

na quarta, procure erros de grafia, digitação e erros gramaticais, tais como de regência e concordância;

na quinta, cheque se as informações estão corretas e se realmente está escrito o que você pretendia escrever. Veja se você não está adivinhando, pelo contexto, o sentido de uma frase mal redigida.

Muitas vezes textos longos e complexos, com frases retóricas e palavras incomuns não demonstram erudição. Ao contrário, sobretudo num trabalho de TI, indicam que o autor precisa melhorar seu modo de escrever.

Nessa fase, é fundamental conhecer as regras para a redação acadêmica. Essas regras são estabelecidas pela ABNT – Associação Brasileira de Normas Técnicas.

Fundada em 1940, a Associação Brasileira de Normas Técnicas (ABNT) é o órgão responsável pela normalização técnica no país, fornecendo a base necessária ao desenvolvimento tecnológico brasileiro.

É uma entidade privada, sem fins lucrativos, reconhecida como único Foro Nacional de Normalização através da Resolução n.º 07 do CONMETRO, de 24.08.1992.

É membro fundador da ISO (International Organization for Standardization), da COPANT (Comissão Panamericana de Normas Técnicas) e da AMN (Associação Mercosul de Normalização).

A ABNT é a única e exclusiva representante no Brasil de diversas entidades internacionais:

ISO (International Organization for Standardization),

IEC (International Electrotechnical Comission);

e das entidades de normalização regional COPANT (Comissão Panamericana de Normas Técnicas)

e a AMN (Associação Mercosul de Normalização).

As Normas Brasileiras são escritas por voluntários que atuam nas Comissões de Estudos dos Comitês Técnicos.

Através de um processo formal de consulta pública, todos os interessados podem apresentar sugestões aos projetos de norma, antes de sua publicação como Norma Brasileira (NB).

NR é a sigla de Norma Regulamentadora estabelecida pelo Ministério do Trabalho, com caráter obrigatório.

ABNT NBR é a sigla de Norma Brasileira aprovada pela ABNT, de caráter voluntário, e fundamentada no consenso da sociedade.

As normas se tornam obrigatórias somente quando explicitadas em um instrumento do Poder Público (lei, decreto, portaria, normativa, etc.) ou quando citadas em contratos.

Entretanto, mesmo não sendo obrigatórias, as normas são sistematicamente adotadas em questões

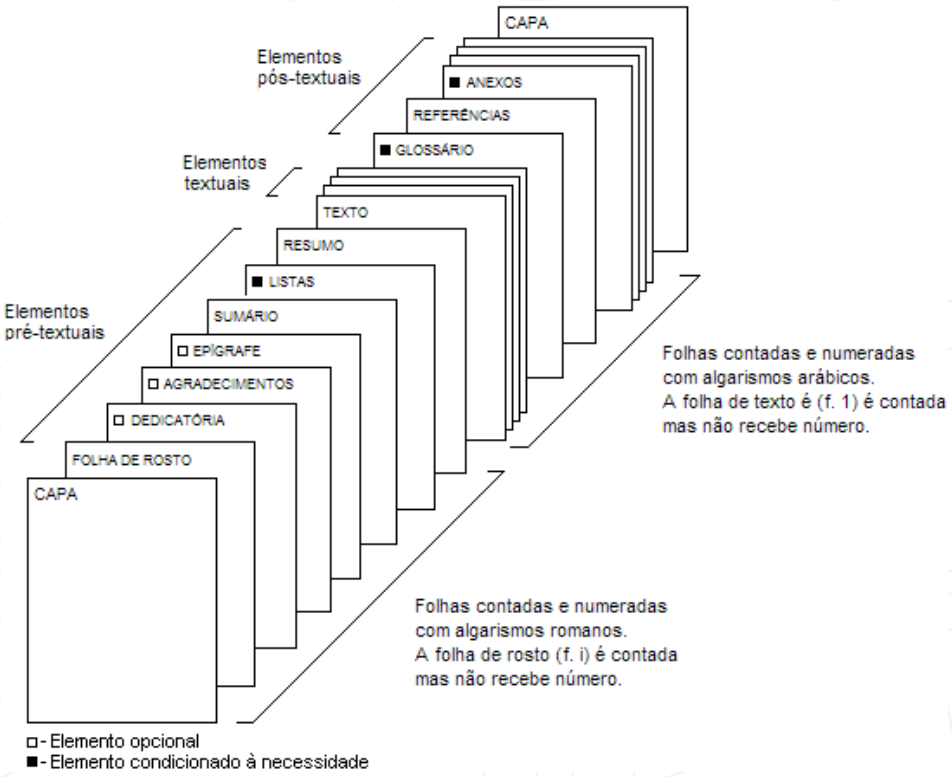
judiciais por conta do Inciso VIII do Art. 39 do Código de Defesa do Consumidor.

Assim, também há regras no meio acadêmico. Por isso, quando iniciamos um trabalho acadêmico é preciso seguir o padrão que a faculdade ou a universidade utiliza. Esse padrão é baseado nas normas da ABNT.

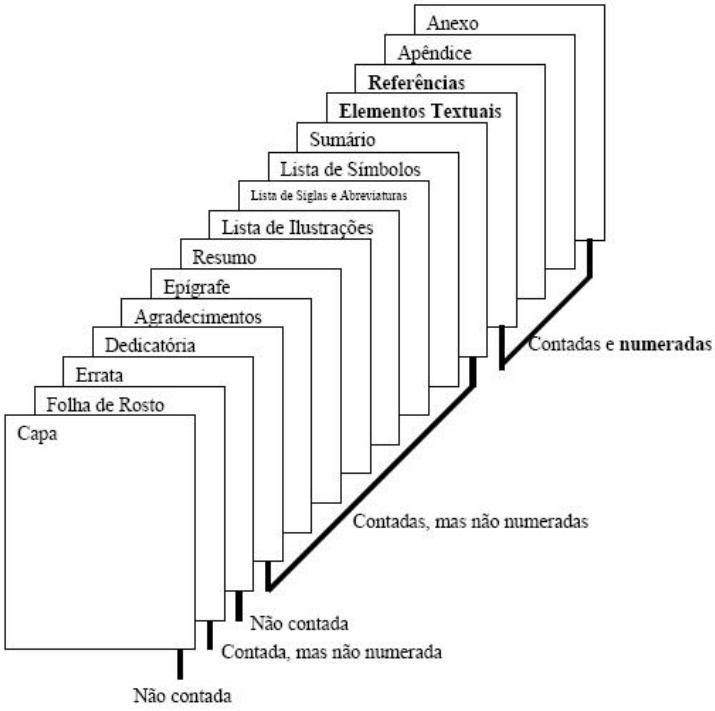
Para ser mais objetivo, essas normas indicam, por exemplo: qual o tamanho da letra que você utilizará na escrita de sua monografia, dissertação ou tese; quais configurações de página devem ser utilizadas; como devem ser citadas as referências bibliográficas; como deve ser apresentada uma tabela, figura ou gráfico; como apresentar os elementos pré-textuais (capa, folha de rosto, folha de aprovação, dedicatória etc) e muito mais.

É importante conhecer e utilizar as normas da ABNT corretamente, pois serão objeto de análise dos professores

A estrutura do relatório final da pesquisa possui elementos obrigatórios e outros, opcionais, como verifica-se na imagem a seguir:



As regras são tão específicas que incluem até mesmo a numeração de páginas, como podemos ver na figura abaixo:



Faculdade Impacta de Tecnologia

Título

Subtítulo – se houver

Autor

FOLHA DE ROSTO

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Engenharia de Software, da Faculdade Impacta de Tecnologia como parte dos requisitos para obtenção do título de Pós-Graduado em Engenharia de Software, sob a orientação da Profa. Dra. Ana Cristina dos Santos

Página dos

Examinadores

12.4. Elementos Pré-Textuais

Capa – Constitui a proteção externa do trabalho, tendo elementos à sua identificação (nome da instituição, título da dissertação, nome do autor, cidade e ano da conclusão da dissertação).

Folha/Página de Rosto – Tem os mesmos elementos essenciais à identificação do trabalho apresentado na capa, juntamente com a indicação do título pretendido e nome do orientador.

Página dos Examinadores – Tem o nome completo dos professores componentes da banca examinadora.

Dedicatória – Homenagem ou oferecimento do trabalho a alguém. É opcional.

Agradecimentos – Palavras de reconhecimento a pessoas e/ou instituições que contribuíram de maneira relevante para a realização do trabalho.

Epígrafe – Citação de um pensamento que fundamentou o trabalho. O autor pode optar por um pensamento ou dedicatória, como achar conveniente. Também pode usar os dois.

Sumário – Enumeração das principais divisões, seções, partes ou capítulos, na mesma ordem que se sucedem no texto.

Resumo – Apresentação concisa da pesquisa e suas conclusões. Deve ser redigido de maneira impessoal, na terceira pessoa do singular, em forma de texto corrido, sem enumeração de tópicos. Não deve incluir citações bibliográficas nem ultrapassar 1.400 toques. As palavras-chave devem figurar logo abaixo do resumo, antecedidas da expressão Palavras-chave: separadas entre si por ponto e finalizadas também por ponto.

Abstract – Tradução completa do Resumo (inglês).

Elementos Pós-Textuais

Glossário – Lista de vocabulário em que se dá a explicação de palavras obscuras ou pouco usadas.

Referências bibliográficas – Relação das fontes bibliográficas utilizadas na dissertação e organizada em ordem alfabética. Os procedimentos para referenciar publicações mencionadas em livros, artigos científicos, teses, monografias e documentos eletrônicos, de acordo com a ABNT. É um conjunto de elementos descritivos que permitem a identificação de informações originadas de documentos e/ou outras fontes citadas no trabalho.

Anexos – São os exemplares dos instrumentos de coletas de dados a serem utilizados na pesquisa, tais como: roteiro inicial de observação, entrevista, questionários, fotos, etc. Embora estes instrumentos de coleta de dados devam ser submetidos a uma testagem prévia, eles devem estar relacionados no anexo do Projeto. Constituem-se de blocos identificados por numeração própria. Suas notas, ilustrações, quadros e tabelas podem também receber numeração própria. O apêndice constitui-se de matéria elaborada pelo próprio autor, a fim de complementar sua argumentação, enquanto que o anexo contém documentos que não são elaborados pelo autor. Deve conter a indicação APÊNDICE ou ANEXO, seguida da letra de ordem, travessão e do respectivo título.

Capa – Folha em branco para proteção

Num trabalho acadêmico Todo o texto deve ser digitado com fonte Times New Roman ou Ariel, em espaço 1,5 cm, exceto: as citações de mais de três linhas, as notas de rodapé, as referências, as legendas das ilustrações e das tabelas, a ficha catalográfica, a natureza do trabalho, o grau pretendido, o nome da instituição a que é submetido e a área de concentração, que devem ser digitados em espaço simples.

Os títulos das seções devem começar na margem superior da folha separados do texto que os sucede por dois espaços de 1,5 cm e, da mesma forma, os títulos das subseções devem ser separados do texto que os precede, ou que os sucede, por dois espaços de 1,5 cm.

As referências, ao final do trabalho, devem ser separadas entre si por dois espaços simples. É um tópico bastante importante que merece atenção.

12.5. Regras para Refências

Referência, como dissemos, é um "conjunto padronizado de elementos descritivos, retirados de um documento, que permite sua identificação individual".

Uma referência pode ter elementos essenciais (autor, título e subtítulo, edição, local, editora e data da publicação) e complementares (ilustrador, tradutor, revisor, adaptador, compilador, número de páginas, volume, ilustrações, dimensões, série editorial ou coleção, nota, ISBN, índice).

Alguns diferentes exemplos de referências:

AKATOS, E. M.; MARCONI, M. de A. Fundamentos da metodologia científica. 3.ed. São Paulo: Editora Atlas, 1996.

ANDRADE, J. Mecanismo de participação popular. Revista da Procuradoria Geral do Estado de São Paulo, São Paulo, v.6, n.1, p.17 - 25, jan./jun. 1982.

BARRA VIEIRA, B. (coord.). Venenos: aspectos clínicos e terapêuticos dos acidentes por animais peçonhentos. Rio de Janeiro: EPUB, 1999.

BOOK ANNOUNCEMENT 13 MAY 1997. Produceby J. Drummond. Disponível em: <http://www.bdt.org.br/bioline/DBSearch?BIOLINEL+ READC+57>. Acesso em: 25 nov. 1998.

DINHEIRO: Revista semanal de negócios. São Paulo: Ed. Três, n.148, 28, jun. 2000.

FREIRE, G. H.. Construindo um hipertexto com o usuário. Ciência da Informação, Brasília, DF, v.29, n.3 p.101- 110, set./dez. 2000. Disponível em: <http://www.ibict.br/cionline/290300/2930010.pdf>. Acesso em: 17 mar. 2001.

HOUAISS, A. (Ed.). Novo dicionário Folha Webster's: inglês / português, português / inglês. Co- editor Ismael Cardim. São Paulo: Folha da manhã, 1996.

KASANSKI, V. Corel Draw: guia de consulta. Rio de Janeiro: Autec,1997. 20p

MACHADO, N. J. Ensaios transversais: cidadania e educação. São Paulo: Escrituras, 1997.

MORAES, Andréa Licht. Artes plásticas ilustram cardápio da Esplanada Grill. Gazeta Mercantil, São Paulo, 28 fev. 1997. Caderno Empresas & Negócios, p.c 8.

SANTOS, Marly da Silva. Metodologia da resolução de problemas como atividade de investigação: um instrumento de mudança didática. 1993. 235f. Tese (Doutorado) – Universidade de São Paulo, 1993. Disponível em: <http://www.ct.ibict.br:81/site/owa/si/resultado>. Acesso em: 22 jan. 2001.

Outro ponto de suma importância são as citações. Falemos sobre elas.

12.6. Regras para Citações

Citação é a menção no texto de informações extraídas de uma fonte documental que tem o propósito de esclarecer ou fundamentar as ideias do autor. Todos os documentos relacionados nas Referências devem ser citados no texto, assim como todas as citações do texto devem constar nas Referências.

Alguns diferentes exemplos de citações:

"As citações são os elementos retirados dos documentos pesquisados durante a leitura da documentação [...] no decorrer do seu raciocínio" (SEVERINO, 2000, p. 106).

Segundo Sá (1995, p. 27): "[...] por meio da mesma 'arte de conversação' que abrange tão extensa e significativa parte da nossa existência cotidiana [...]".

As citações com mais de 3 linhas têm um tratamento especial: recuo de 4 cm da margem esquerda, com letra menor que a do texto utilizado e sem aspas.

Citação indireta é o texto criado com base na obra de autor consultado, em que se reproduz o conteúdo e ideias do documento original; dispensa o uso de aspas duplas.

A hipertermia em bovinos Jersey foi constatada quando a temperatura ambiente alcançava 2.5o (RIECK; LEE, 1948).

Citação da citação é a citação direta ou indireta de um texto que se refere ao documento original, que não se teve acesso. Indicar, no texto, o sobrenome do(s) autor(es) do documento não consultado, seguido da data, da expressão latina apud (citado por) e do sobrenome do(s) autor(es) do documento consultado, data e página.

No texto: Atanasiu et al.1 (1951 apud REIS; NÓBREGA, 1956, p. 55) chegaram às mesmas conclusões [...]

Citação de website é o endereço eletrônico é indicado nas Referências. No texto, a citação é referente ao autor ou ao título do trabalho.

No texto: Na Universidade de São Paulo o Programa Permanente de Qualidade e Produtividade no Serviço Público é coordenado pela Comissão de Gestão da Qualidade e Produtividade, formada pela Reitoria em 1996 e oficializada em portaria (UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO, 2000).

A última questão a ser tratada acerca dos trabalhos acadêmico diz respeito aos problemas com o plágio.

Constitui plágio acadêmico o fato de um aluno retirar, seja de livros ou da Internet, ideias, conceitos ou frases de outro autor sem lhes dar o devido crédito.

Vamos falar um pouco sobre a honestidade acadêmica.

HONESTIDADE ACADÊMICA

Existem muitos escândalos relativos ao comportamento ético dos pesquisadores. Um dos maiores problemas é a facilidade que professores e estudantes encontram para acessarem e copiarem informações. Observe a tirinha abaixo:

Fonte: <http://educador.brasilescola.uol.com.br/orientacoes/plagios-no-ambito-escolar.htm>.

Os professores devem informar que a prática (famoso "ctrl c, ctrlv") pode ser punida com multa ou até mesmo prisão, conforme a lei nº10.695/03 sobre os direitos autorais. Combater a cópia envolve compromisso e responsabilidade. Para muitos, a questão deve ser levada com seriedade, pois certamente o comportamento refletirá na conduta profissional, na ética dos futuros profissionais.

Tomemos a questão apresentada em um site:

Direitos autorais em tempos de internet
Especialista fala sobre algumas das dúvidas mais frequentes e dá orientações aos educadores

Elisa Marconi e Francisco Bicudo

Fonte: <http://www.sinprosp.org.br/especiais.asp?especial=213&materia=458>

Num site qualquer, o usuário encontra uma poesia bonita, encanta-se com ela e resolve mandar o texto para outros amigos que, com certeza, também irão gostar muito. Ele seleciona a área escolhida, clica com o botão direito do mouse sobre o trecho iluminado, opta por "copiar". Em seguida, clica de novo com o botão direito sobre o corpo da tela de mensagem e, dessa vez, seleciona "colar". E, enfim, envia o texto para os colegas.

O que o usuário não sabe (ou só tem uma leve desconfiança) é que uma ação corriqueira e simples

como essa, repetida à exaustão com suas infinitas variações (copia-se e cola-se fotografias, vídeos, músicas, imagens em geral) representa, na verdade, um ilícito civil, ou em linguagem comum, não chega a ser um crime, mas é uma infração à Lei de Direitos Autorais. Afinal, a lei de 1998 determina que a internet, exatamente como os outros meios de comunicação, deve ser regida pelas normas que tratam da propriedade, porque o direito autoral é entendido como uma propriedade intelectual. De acordo com a mesma legislação, a simples fotocópia de um livro (algo que avance a barreira dos trechos curtos para uso particular, cenário previsto no texto jurídico) ou a passagem de uma música de um CD para um tocador portátil – MP3 Player, ou IPod – configuram o mesmo ilícito civil. O mesmo raciocínio vale para colocar imagens em trabalhos escolares sem prévia autorização do autor, ou o uso de músicas em secretárias eletrônicas de celulares e telefones fixos. Ou seja, a reprodução sem o consentimento do autor, ou a veiculação mesmo que em fóruns íntimos, são considerados infrações.

Se o leitor estiver sentindo-se quase como um quase criminoso, o advogado Sérgio Branco, professor da Faculdade de Direito da Fundação Getúlio Vargas do Rio de Janeiro (FGV/Rio), explica que essa sensação faz sentido. Segundo o especialista em Direitos Autorais, a lei brasileira é de fato um tanto esquisita, porque torna todos os cidadãos do país infratores. Afinal, a chance de qualquer um ter cometido um ilícito civil (ao xerocar um livro, ou retransmitir versos românticos pelo e-mail) é gigantesca. Só essa condição já faz da Lei de Direitos Autorais uma legislação ineficaz, para Branco. E se a relação das pessoas com a reprodução não autorizada de obras já era confusa, depois do advento e da popularização dos computadores e da internet tudo isso foi potencializado. O acesso e a reprodução de obras de propriedade intelectual passaram a ocupar um lugar muito menos sagrado nos tempos atuais. A essa mudança de postura, soma-se o desenvolvimento de tecnologias que facilitam a disposição sobre trabalhos autorais. Por tudo isso, o professor da FGV/Rio adverte que a Lei de 1998 não espelha as atuais motivações e atuações da sociedade e por isso mesmo, na avaliação dele, estaria fadada ao fracasso. Como se vê, o que pode e o que não pode em relação às obras de propriedade intelectual é um assunto que ainda suscita muitas indagações.

Mas, em meio a tantas dúvidas e possibilidades, uma prática infelizmente cada vez mais comum nas escolas e universidades precisa ser combatida com veemência, de forma implacável, se forem considerados tanto os aspectos éticos quanto legais: a cópia de trabalhos, o plágio, situação em que os alunos estão indevidamente se apropriando de um conhecimento produzido por outros autores. “A escola pode e deve ter uma política para inibir o plágio. A gente defende que a lei da propriedade intelectual seja revista para se adequar às condutas atuais da sociedade, mas a gente não defende que o uso dessas propriedades seja antiético. Plágio é antiético”, esclarece Sérgio Branco, professor da Fundação Getulio Vargas do Rio de Janeiro (FGV/RJ), mestre pela Universidade Estadual do Rio de Janeiro (UERJ) e pesquisador do Centro de Tecnologia e Sociedade da FGV, ajudando a separar o joio do trigo. Nesse caso específico, a alternativa mais indicada parece mesmo ser incentivar a consolidação de uma cultura interna que recuse a prática, já que professor e instituição de ensino não podem processar o estudante que age dessa maneira – apenas o autor da obra tem o direito de fazê-lo. E não cabe nessas situações processo criminal, apenas a ação civil e os danos morais.

Hoje há programas que facilmente identificam a cópia e até mesmo indicam a porcentagem de cópia. Muitas das boas ferramentas são encontradas facilmente na Internet. Indicamos 3 delas:

turnitin®

É usado por mais de 1 milhão de professores ao redor do mundo. Possui suporte para 12 idiomas, inclusive, o português.

URL: http://www.turnitin.com/

iThenticate®
for Authors & Researchers

Um dos mais populares para detectar e prevenir plágios profissionais.

URL: http://www.ithenticate.com/

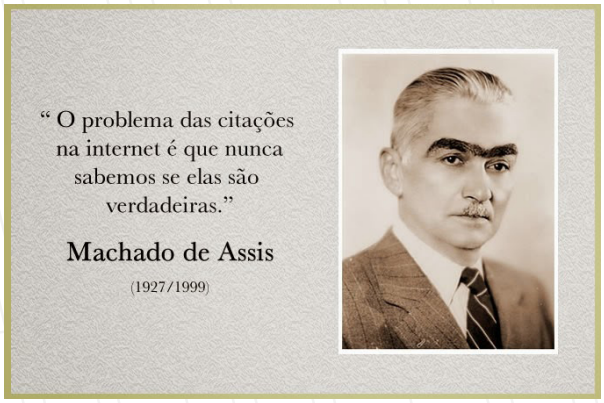
Ferramenta que detecta plágio gratuitamente.

URL: http://plagiarism-detect.com/

É preciso conscientizamos que um trecho do livro pode ser copiado, desde que declaremos a fonte ou façamos corretamente a citação. Assim, sempre faça referência ao autor ou ao site em que você obteve a informação.

Não há nada de errado nisso! Não diminui a qualidade do seu trabalho. Ao contrário, mostra que você fez uma boa leitura, preocupou-se com sua pesquisa.

Uma cópia sem pesquisa ou referência pode levar a graves problemas. Veja como a figura abaixo ironiza o perigo das citações da Internet:



A citação da figura usa uma frase jamais dita pelo grande escritor brasileiro Machado de Assis e, ainda, usa a imagem de outro escritor, Monteiro Lobato para ilustrar a citação.

Por isso, copiar pode ser um ato descuidado. Além disso, há bastante tempo diversos autores disponibilizam suas obras, na Internet, para serem, de fato, livremente copiadas.

Você já ouviu falar de “Copyleft” ou “Creative Commons”? O artigo a seguir fala sobre essa crescente forma de publicação no mundo.

12.7. Copyleft x Copyright

Edição nº 213 - 22/8/2008

Direitos autorais em tempos de internet
Entrevista com Sérgio Branco, professor da Faculdade de Direito da FGV-Rio

Copyleft é uma brincadeira terminológica com o copyright (do inglês, direito de cópia), que é o sistema americano de proteção de obras autorais. O Brasil utiliza um outro sistema, mais parecido com o sistema europeu, com o sistema francês. E para explicar o que é copyleft mesmo: toda obra já nasce protegida pelos diretos autorais, mesmo que seu autor não queira.

Assim surge o copyleft, para flexibilizar a propriedade intelectual e permitir que – se o autor quiser – as pessoas possam baixar, exibir e reproduzir livremente sua obra.

O autor pode, então, abrir mão antecipadamente de seus direitos sobre a obra.

Entram aí os Creative Commons, que são licenças públicas para autores que querem abrir mão antecipadamente dos seus direitos. Ele acessa um site na internet, preenche uma ficha dizendo as condições dele para liberar a reprodução da obra.

Então ele escolhe se os usuários podem só baixar gratuitamente sua obra, se podem baixar e reproduzir, se podem comercializar o conteúdo, e tudo isso sem consulta prévia ao autor.

Essa licença gera uma espécie de selinho com as iniciais do creative commons (CC). Aí esse selinho pode ser colocado nos sites onde a obra está publicada, ou na contracapa de um livro, ou em qualquer obra. Se o autor permite, o usuário pode usar tranquilamente, desde que respeite as condições da licença, porque não estará cometendo o ilícito civil.

Assim, sabendo como pesquisar, como citar, como organizar, sua produção acadêmica será validada.

Esperamos que você tenha aprendido muito com nossas aulas e que o conteúdo do curso propicie seu crescimento profissional e pessoal.

Boa sorte na sua carreira e muito sucesso!

Referências

ABRANTES, T. Os erros mais comuns de quem teve a redação anulada no Enem. Disponível em: <https://exame.abril.com.br/brasil/os-erros-mais-comuns-de-quem-teve-a-redacao-anulada-no-enem/>. Acesso em: 14 jan. 2015.

ADLER, R.B.; TOWNE, N. Comunicação Interpessoal. Rio de Janeiro: LCT, 2003.

ADLER, R. B.; RODMAN, G. Comunicação Humana. Rio de Janeiro: LCT, 2003.

ANDRADE, C. D. de. Alguma Poesia. 37 ed. Rio de Janeiro: Record, 2007.

BAGNO, M. Preconceito linguístico. 21 ed., São Paulo: Edições Loyola, 2003.

BARBERO, J.-M. Dos meios às mediações: comunicação, cultura e hegemonia. Rio de Janeiro: Editora da UFRJ. 2003. p.75-101.

BARBOSA, A. Tiro ao Álvaro. Disponível em: <https://www.vagalume.com.br/adoniran-barbosa/discografia/o-poeta-do-bexiga.html>. Acesso em: 20 jan. 2015.

BARTHES, R. O Prazer do Texto. Lisboa – Portugal: Edições 70, 1988.

BECHARA, E. Moderna gramática portuguesa. 37.ed. revista, ampliada e atualizada conforme o novo Acordo Ortográfico. Rio de Janeiro: Nova. Fronteira, 2009.

BERLO, D. K. Processo de comunicação: introdução à teoria e à prática. 8.ed. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

BLIKSTEIN, I. Técnicas de Comunicação. São Paulo: Contexto, 2016.

CAGLIARI, L. C. Alfabetização & Linguística 10. ed. São Paulo: Scipione, 1998

CITELLI, Paulo. Linguagem e persuasão. São Paulo: Ática, 2002.

CUNHA, C.; LINDLEY, C. Nova gramática do português contemporâneo. 6. ed., Rio de Janeiro: Lexikon Informática, 2013.

ECO, Umberto. Como se faz uma tese. 14. ed., São Paulo: Perspectiva, 1996.

ENADE (Provas do Exame Nacional de Desempenho dos Estudantes). Disponível em: <http://portal.inep.gov.br/web/guest/enade/provas-e-gabarito>.

FÁVERO, L. L. Coesão e coerência textuais. 10.ed. São Paulo: Ática, 2004.

FARACO, C. A. Estrangeirismos – guerras em torno da língua. São Paulo: Parabola, 2001.

FERNANDES, Millôr. Trinta anos de mim mesmo, Rio de Janeiro: Nórdica, 1972.

FOUCAULT, M. Vigiar e Punir: nascimento da prisão. Trad. Lígia M. Ponde Vassalo. Petrópolis: Vozes, 1987.

GRION, L. Erros que um executivo comete ao redigir – mas não deveria cometer. São Paulo: Saraiva, 2013.

HOUAISS, A. Dicionário Houaiss de sinônimos e antônimos. 3. ed. São Paulo: Publifolha, 2011.

IACOCCA, L.; NOVAC, W. Iacocca: Uma autobiografia. São Paulo: Cultura, 1975.

JAKOBSON, R. Linguística e poética. In: _____ . Linguística e comunicação. São Paulo: Cultrix, 1991.

KOCH, I. G. V.; ELIAS, V. M. Ler e escrever: estratégias de produção textual. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2010.

LAKATOS, Eva Maria e MARCONI, Marina de Andrade. Metodologia Científica. São Paulo: Atlas, 1982.

Manual da Redação – Folha de São Paulo, 19. ed., São Paulo: Publifolha, 2013.

MARCONI, E.; BICUDO, F. Direitos autorais em tempos de internet. Disponível em: <http://www.sinprosp.org.br/especiais.asp?especial=213&materia=458>. Acesso em: 3 jan. 2017.

MARTINS, E. Com todas as letras. Moderna: São Paulo, 1999.

MATSCHNIG, M. Corpo Fala: Ilustrado - Gestos reveladores e sinais eficazes. Petrópolis: Vozes, 2009.

MUNDO ESTRANHO. Por que o sotaque muda conforme a região?. Disponível em: <http://mundoestranho.abril.com.br/cultura/por-que-o-sotaque-muda-conforme-a-regiao/>. Acesso em: 4 jul. 2018.

NEWTON, C. Os problemas de comunicação no ambiente de trabalho. Disponível em: <http://www.ehow.com.br/problemas-comunicacao-ambiente-info_ 33220/>. Acesso em: 25 ago. 2014

NOVA ESCOLA: Manual da Nova Ortografia. São Paulo: Abril, Edição especial, agosto de 2008.

O GLOBO. Tema da redação do Enem 2011 é "Viver em rede no século XXI: os limites entre o público e o privado". Disponível: <http://oglobo.globo.com/sociedade/educacao/vestibular/tema-da-redacao-do-enem-2011-viver-em-rede-no-seculo-xxi-os-limites-entre-publico-o-privado-2897667#ixzz4canjY5eR> Acesso em: 23 out. 2011.

PATI, C. Cem erros de português frequentes no mundo corporativo. Disponível em: <http://exame.abril.com.br/carreira/100-erros-de-portugues-frequentes-no-mundo-corporativo/>. Acesso em: 13 abr 2017. PEASE, A; PEASE, B. A Linguagem Corporal no trabalho. São Paulo: Sextante, 2012

POLITO, R. Superdicas para um trabalho de conclusão de curso. São Paulo: Editora Saraiva. 2010.

POSSENTI, S. Mal Comportadas Línguas, Campinas: Criar, 2003.

_____. Os Humores da Língua, Campinas: Mercado de Letras, 2002.

_____. Por que (não) ensinar gramática na escola. 6 ed. Campinas: Mercado de Letras, 2000.

PRETI, Dino. Estudos de língua falada: variações e confrontos. São Paulo: Humanitas, 1998.

_____. O discurso oral culto. São Paulo: Humanitas, 1997.

SALVADOR, A. Para escrever bem no trabalho – do WhatsApp ao relatório, São Paulo: Contexto, 2015.

SEVERINO, A. J. Metodologia do trabalho científico. 24. ed., São Paulo: Cortez, 2016.

SILVA, S. L. Recepção Linguística: o caso dos neologismos lexicais. Cadernos do CNLF (CiFEFil), v. VIII, p. 192-200, 2004. Disponível em: <http://www.filologia.org.br/viiicnlf/anais/caderno13-20.html>. Acesso em: 10 jan. 2016.

TERRA, E. Linguagem, Língua e Fala, São Paulo: Scipione, 1997, p. 16

TOGNOLLI, C. J. A Sociedade dos Chavões – Presença e função do lugar-comum na comunicação, Editora Escrituras, 2001.

VOLP – Vocabulário Ortográfico da Língua Portuguesa. Disponível em: <http://www.academia.org.br/nossa-lingua/busca-no-vocabulario>. Acesso em: 5 jan. 2015;

WAZLAWICK, Raul Sidnei. Metodologia de Pesquisa para Ciência da Computação. Rio de Janeiro: Elsevier Editora, 2009.

WEILL, P.; TOMPAKOW, R.. O corpo fala, São Paulo Vozes, 2001.

YEUNG, R. Devo dizer a verdade? – e outras 99 perguntas sobre emprego. São Paulo: Panda Books, 2010. Disponível em: Fonte: <http://www1.folha.uol.com.br/livrariadafolha/2014/09/1522311-psicologo -enumera-os-maiores-erros-cometidos-em-curriculos.shtml>. Acesso: 16 jan. 2017

Correção Ortográfica: Lousiane Santos de Oliveira
Projeto Gráfico: Luis Fernando Pizzarro Bueno Ramos